

**A desinformação nos meios de comunicação social  
portugueses, o papel do jornalismo e do *fact-  
checking*: o caso da guerra na Ucrânia.**

Tifany Isabel Valente dos Santos

13 de novembro de 2024



**A desinformação nos meios de comunicação social  
portugueses, o papel do jornalismo e do *fact-  
checking*: o caso da guerra na Ucrânia.**

Tifany Isabel Valente dos Santos

**Dissertação**

Mestrado em Comunicação Aplicada

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Professor Miguel Midões e da Professora Joana  
Martins

13 de novembro de 2024



## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Tifany Isabel Valente dos Santos, nº 13092, do curso de Mestrado em Comunicação Aplicada - Ramo Comunicação Estratégica, declara sob compromisso de honra, que o Projeto de Mestrado é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 13 de novembro de 2024

O(A) aluno(a), \_\_\_\_\_

*"Afinal há que ter paciência, dar tempo ao tempo, já deveríamos ter aprendido, e de uma vez para sempre, que o destino tem que fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte."*

José Saramago

**Agradecimentos**

A realização desta dissertação constituiu uma jornada profundamente significativa, exigente e promissora. Este marco não teria sido alcançado sem o inestimável apoio e orientação de diversas pessoas especiais. Assim, gostaria de aproveitar este momento para expressar a minha mais sincera e profunda gratidão a todos aqueles que, com a sua dedicação e suporte, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço à instituição que me acolheu há seis anos e que se tornou casa. Ao Instituto Politécnico de Viseu e à Escola Superior de Educação, obrigada pelos recursos fornecidos, bem como um ambiente académico estimulante.

Aos meus orientadores, professor Miguel Midões e professora Joana Martins, por toda a dedicação, atenção, orientação e críticas construtivas. O vasto conhecimento e experiência foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Obrigada por me terem ensinado tanto, fosse há seis anos, quando me ensinaram como ser uma aluna que quer demonstrar mais e melhor, seja atualmente, quando se encerra um ciclo tão importante.

Não poderia deixar de agradecer aos jornalistas Catarina Vasconcelos, Nuno Amaral, Pedro Miguel Costa e Ricardo Alexandre, que foram uma parte bastante valiosa para a conclusão desta dissertação. Devido à disposição para realizar entrevistas, enriqueceram não só este projeto, mas também o meu conhecimento pessoal, mostrando um lado da profissão que nunca observei.

Aos meus amigos, o meu sincero obrigada. Por todas as conversas, opiniões, desabafos, ajuda e, sobretudo, por me acompanharem em todos os momentos da minha vida. Não posso deixar de agradecer de uma forma mais aprofundada à Mariana Gonçalves e à Diana Teixeira, pois iniciámos este caminho juntas e iremos terminá-lo juntas, se não fosse o vosso apoio e um ombro amigo em variadas fases, não só da dissertação, mas da vida, não sei se teria chegado até aqui. À Flor Ribeiro, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões, me ouviu e aconselhou, e fez todos os possíveis para me compreender e ajudar.

Aos meus pais, cujo apoio foi crucial, não só para realizar a dissertação, mas também para iniciar o mestrado. Nada na minha vida faria sentido sem eles, e nada seria possível se não os tivesse sempre a meu lado. Por todo o carinho, sacrifícios feitos, compreensão, suporte emocional e encorajamento mental, o meu mais sincero obrigada. Nada seria o mesmo se não vos tivesse.

Aos meus irmãos, que sempre me apoiaram, quiseram o meu melhor, nunca largaram a mão mesmo em fases mais difíceis, obrigada.

Para terminar, resta-me dedicar esta dissertação à minha avó, a minha “Toninha”. Partiste antes de ver o final desta jornada, mas sei que estarias a rebentar de orgulho por ver a tua neta a terminar os estudos, como tanto querias. Obrigada por me teres dado sempre a mão, por todo o amor incondicional que sempre demonstraste por mim, por teres sido a definição de um lar e amor. Não há dia em que não sinta a tua falta.

## **Resumo**

A dissertação de mestrado apresentada tem como objetivo analisar, compreender e estudar a desinformação mediática em Portugal, com foco no caso da guerra da Ucrânia, procurando responder à questão: existe desinformação nos *media* portugueses relativamente ao caso da guerra na Ucrânia?

Desta forma, foi realizado um enquadramento teórico de modo a entender melhor esta temática, quais os procedimentos que estão a ser tomados para combater os problemas que surgem através da desinformação e verificar de que forma as informações falsas se tornaram uma propaganda para qualquer tópico apresentado ao público, uma vez que, com o surgimento da internet e das redes sociais, este problema foi amplamente difundido.

A dissertação tem como objetivo abordar o conflito bélico entre Ucrânia e Rússia, procurando explorar a relação entre ambos os países ainda antes da guerra, bem como perceber o seu passado e os motivos que possam ter levado ao conflito.

Relativamente ao estudo de caso, foi realizada uma análise noticiosa, que envolve o jornal Público e o telejornal do canal de televisão TVI, de modo a perceber se existe desinformação nos *media* em Portugal. E, ainda por forma a perceber como lidam os jornalistas com esta realidade, também foram realizadas entrevistas a jornalistas de diferentes meios de comunicação social (imprensa, rádio e televisão), de modo a entender o lado dos profissionais nesta temática.

Em relação às conclusões retiradas do estudo de caso, tanto a análise noticiosa como as entrevistas revelam que a desinformação nos *media* portugueses, relativamente à guerra na Ucrânia, é que de facto existe, porém poucas vezes os *media* portugueses difundem informação falsa sobre o assunto, e quando o fazem, tendem a corrigir essa informação. A análise noticiosa mostrou que, embora existam esforços para combater a desinformação, há certos casos de informação falsa que chega ao público. Já os jornalistas de meios de comunicação portugueses evidenciaram as dificuldades que os profissionais enfrentam em relação ao *fact-checking*, especialmente devido à velocidade com que a desinformação chega ao público geral.

## **Palavras-chave**

Desinformação; Jornalismo; Guerra; Público; TVI/CNN.

## **Abstract**

The master's dissertation presented aims to analyze, understand, and study media disinformation in Portugal, focusing on the case of the war in Ukraine, seeking to answer the question: is there disinformation in the Portuguese *media* regarding the case of the war in Ukraine?

In this way, a theoretical framework was carried out to better understand this theme, what procedures are being taken to combat the problems that arise through disinformation and to verify how false information has become an advertisement for any topic presented to the public, since, with the emergence of the internet and social networks, this problem was widespread.

The dissertation aims to address this war conflict between Ukraine and Russia, seeking to explore the relationship between both countries even before the war, as well as to understand its past, and understand the reasons that may have led to the conflict.

Regarding the case study, a news analysis was carried out, which involves the newspaper Público and the news program of the television channel TVI, to understand if there is, in fact, disinformation in the *media* in Portugal. And, also to understand how journalists deal with this

reality, interviews were also conducted with journalists from different media (press, radio, and television), to understand the side of professionals on this topic.

Finally, regarding the conclusions drawn from the case study, both the news analysis and the interviews reveal that disinformation in the Portuguese *media*, regarding the war in Ukraine, persists as a growing problem. News analysis has shown that while there are efforts to combat disinformation, there are certain cases of false information reaching the public. In interviews with journalists from Portuguese media, they highlighted the difficulties that professionals face in relation to *fact-checking*, especially due to the speed with which disinformation reaches the public.

**Keywords:**

Disinformation; Journalism; War; Público; TVI/CNN.

## Índice

|  |            |
|--|------------|
| <b>Lista de Anexos</b>   | <b>IX</b>  |
| <b>Índice de Figuras</b>   | <b>IX</b>  |
| <b>Introdução</b>  | <b>1</b>   |
| <b>Capítulo 1. Revisão de Literatura</b>                               | <b>5</b>   |
| 1.1 O aumento da desinformação nos <i>media</i>                        | 5          |
| 1.2. A desinformação no contexto europeu                               | 11         |
| 1.3. Literacia mediática   | 15         |
| 1.3.1. A importância da literacia mediática no combate à desinformação | 19         |
| 1.4. <i>Fact-checking</i> no jornalismo                                | 21         |
| 1.5. <i>Deepfakes</i>  | 27         |
| 1.6. Jornalismo de Guerra – conceitos e contextualização               | 34         |
| 1.7. Rússia e Ucrânia: contextualização                                | 41         |
| 1.8. A URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas              | 41         |
| 1.8.1. A Rússia  | 43         |
| 1.8.2. A Ucrânia   | 44         |
| 1.9. O conflito bélico   | 45         |
| <b>Capítulo 2 – Investigação Empírica</b>                              | <b>48</b>  |
| 2.1. Metodologia   | 48         |
| 2.1.1. Instrumentos de recolha de dados                                | 51         |
| <b>Capítulo 3. Apresentação, análise e discussão de dados</b>          | <b>54</b>  |
| 3.1. Resultados da análise noticiosa                                   | 54         |
| 3.2. Resultados da análise das entrevistas                             | 62         |
| 4. Discussão dos resultados  | 78         |
| <b>Conclusão</b>   | <b>81</b>  |
| <b>Referências Bibliográficas</b>                                      | <b>85</b>  |
| <b>Apêndices</b>   | <b>95</b>  |
| Apêndice I - Entrevista: Catarina Vasconcelos                          | 95         |
| Apêndice II - Entrevista: Ricardo Alexandre                            | 109        |
| Apêndice III - Entrevista: Pedro Miguel Costa                          | 119        |
| Apêndice IV - Entrevista: Nuno Amaral                                  | 125        |
| <b>Anexos</b>  | <b>132</b> |

|  |     |
|--|-----|
| Anexo I – Guião das entrevistas _____  | 132 |
| Anexo II – Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso. _____                                     | 133 |
| Anexo III – Facebook remove vídeo <i>deepake</i> de Zelenksy que pedia às tropas ucranianas que se rendessem _____ | 135 |

## Lista de Anexos

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| Anexo 1 – Guião das entrevistas..... | 132 |
|--------------------------------------|-----|

## Índice de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Público: "Vídeo de Zelensky a anunciar rendição da Ucrânia é verdadeiro?" .....  | 30 |
| Figura 2 - Público: "Vladimir Putin declarou a lei marcial na Rússia num discurso esta segunda-feira?" .....  | 31 |
| Figura 3 - Polígrafo: "Zelensky levou bandeira da Ucrânia com símbolo nazi na visita aos EUA?" .....  | 32 |
| Figura 4 - Estadão: "Vídeo não mostra Putin criticando Lula após encontro com Zelensky" .....   | 33 |
| Figura 5 - Mapa da Rússia .....   | 44 |
| Figura 6 - Mapa da Ucrânia.....   | 45 |
| Figura 7 - Printscreen Euronews "Reportagem falsa com refugiados ucranianos atribuída à Euronews, difundida por canais pró-Kremlin".....  | 54 |
| Figura 8 - Printscreen RTP Notícias «"Fantasma de Kiev". O militar russo que teria derrubado 40 aviões russos é, afinal, um mito» .....   | 55 |
| Figura 9 - Printscreen TVI Notícias «"Como nasceu a lenda do Fantasma de Kiev, o piloto que teria abatido mais de 40 aviões russos? "As pessoas precisam de mitos, heróis e lendas" .....   | 56 |
| Figura 10 - Printscreen TVI Notícias «"Como nasceu a lenda do Fantasma de Kiev, o piloto que teria abatido mais de 40 aviões russos? "As pessoas precisam de mitos, heróis e lendas"» ..... | 56 |
| Figura 11 - Printscreen Euronews "A desinformação na entrevista feita por Tucker Carlson a Vladimir Putin" .....  | 57 |
| Figura 12 - Printscreen jornal Público «Entrevista de Putin a Tucker Carlson mostra como é que "morrem as democracias"» .....   | 58 |
| Figura 13 - Printscreen TVI "Tentou ser espião, mas foi para o jornalismo. Quem é Tucker Carlson, antiga estrela da Fox News que entrevistou Vladimir Putin?".....                          | 58 |
| Figura 14 - Printscreen BBC News Brasil "Dados como mortos, soldados que xingaram comandante russo sobreviveram a ataque em ilha, diz Marinha da Ucrânia".....                              | 59 |
| Figura 15 - Printscreen jornal Público " A última resistência contra as forças russas numa pequena ilha ucraniana" .....  | 60 |
| Figura 16 - Printscreen jornal Público com o aviso da atualização da notícia. ....  | 60 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 17 - Printscreen jornal Público "Marinha ucraniana confirma que os guardas que defendiam a ilha ucraniana de Zmiinii estão vivos" .....                                      | 61  |
| Figura 18 - Printscreen TVI/CNN Notícias "As últimas palavras do soldado ucraniano em resposta à ameaça de bombardeamento por parte de um navio de guerra russo". ....              | 61  |
| Figura 19 - Printscreen TVI/CNN Notícias "As últimas palavras do soldado ucraniano em resposta à ameaça de bombardeamento por parte de um navio de guerra russo". ....              | 62  |
| Figura 20 - Printscreen Jornal Expresso "Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso. Mas o podcaster Joe Rogan partilhou a 'notícia' como se fosse verdade" ..... | 133 |
| Figura 21 - Printscreen Jornal Expresso "Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso. Mas o podcaster Joe Rogan partilhou a 'notícia' como se fosse verdade" ..... | 134 |
| Figura 22 - Printscreen da página do Instagram de Joe Roagan a compartilhar a "notícia" sobre Steven Seagal .....   | 134 |
| Figura 23 - Printscreen da revista Exame Informática "Facebook remove vídeo deepfake de Zelensky que pedia às tropas ucranianas que se rendessem" .....                             | 135 |
| Figura 24 - Printscreen da revista Exame Informática "Facebook remove vídeo deepfake de Zelensky que pedia às tropas ucranianas que se rendessem" .....                             | 135 |

## Introdução

A desinformação é um fenómeno que surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, no termo russo *dezinfoematsia*, normalmente utilizado pelos soviéticos nos anos 20 do século passado, para se referirem às campanhas de “intoxicação” que os países capitalistas lançavam contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Atualmente, com a proliferação das tecnologias e o exponencial uso da internet, o fenómeno agravou-se e passou a estar na ordem do dia: na academia, no jornalismo e na sociedade.

Desta forma, esta dissertação tem como objetivo analisar a desinformação e informações falsas nos *media* e relacionar este tema com o mediatismo da guerra na Ucrânia.

Vladimir Volkoff, sendo um dos pioneiros no conceito de desinformação, explica que este fenómeno surgiu na União Soviética após a Segunda Guerra Mundial, e na época, era considerada uma prática deliberada. Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017b) mostram uma visão mais recente e enriquecida em detalhes, uma vez que categorizaram a desinformação em três tipos: *disinformation*, *misinformation* e *mal-information*. Estes conteúdos surgem como um contributo para a compreensão das estratégias de manipulação da informação, sobretudo no contexto do conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia, tema central desta dissertação.

Um dos aspetos inerente ao conceito de desinformação é a literacia mediática, surgindo Sonia Livingstone (2004) e Pedro Pinto (2018) como autores fundamentais na exploração deste conceito. Livingstone define literacia mediática como “a capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens” (Livingstone, 2004, p. 2). Complementando esta perspetiva, Pinto (2018) argumenta que o desenvolvimento de competências de literacia mediática permite aos cidadãos uma maior sensibilidade aos mecanismos de manipulação presentes nas mensagens, o que pode vir a ser crucial num contexto como o da guerra entre Rússia e Ucrânia

Os avanços tecnológicos conduziram aos *deepfakes*, pois a tecnologia tem contribuído de uma forma significativa para a propagação de informações falsas, como analisado por Mika Westerlund (2019). Já Beiguelman (2020) explora as implicações éticas e sociais dos *deepfakes*, e tem como destaque o impacto que estes provocam na confiança pública e na privacidade.

Segundo a Entidade Reguladora da Comunicação Social (2019), a desinformação mina a confiança nas instituições e nos meios de comunicação tradicionais e digitais, e prejudica as

democracias, uma vez que compromete a capacidade de os cidadãos tomarem decisões bem informadas.

Neste contexto, surgiu o *fact-checking* no jornalismo, que se tornou uma peça essencial para o combate das informações falsas.

Uma vez que o objeto de análise envolve a temática da guerra na Ucrânia, também foi desenvolvido um tópico relativamente ao jornalismo de guerra.

A investigação que aqui se apresenta pretende analisar e avaliar a desinformação nos *media* em Portugal, relativamente ao caso da guerra na Ucrânia, tendo em vista responder, de forma exploratória, à questão: “existe desinformação nos *media* portugueses relativamente ao caso da guerra na Ucrânia?”.

Esta dissertação trata-se de um estudo de caso exploratório, que analisa a desinformação nos *media* em Portugal, no contexto da guerra na Ucrânia, através de uma metodologia qualitativa, que envolve a análise de vinte e quatro informações falsas difundidas pelos meios de comunicação social. Como objetivo principal, esta análise tenta perceber se e como o Jornal Público e a TVI/CNN noticiaram estes assuntos.

A pesquisa foi realizada através de vários motores de busca e de palavras-chave como «*fake news* guerra da Ucrânia», «*fake news* Rússia», «*deepfakes* guerra da Ucrânia», «informações falsas Ucrânia», «informações falsas Rússia», levando à identificação de vinte e quatro artigos passíveis de análise, que acabaram reduzidos a 4 notícias, pelos critérios de exclusão que serão mencionados no capítulo das metodologias.

Já como objetivos específicos, o estudo pretende identificar as principais narrativas da desinformação, analisar as fontes e veículos de desinformação, estudar o impacto da desinformação na opinião pública, avaliar o impacto da desinformação nos *media* em Portugal, e compreender a desinformação em Portugal com jornalistas dos meios tradicionais: imprensa, rádio e televisão.

Como complemento metodológico, esta pesquisa centrou-se também em entrevistas a quatro jornalistas de diferentes meios de comunicação social, para que fosse possível recolher informações sobre a forma como os jornalistas portugueses combatem a desinformação, não só na redação em Portugal, mas também quando são enviados como correspondentes para cenários de conflitos bélicos. Também se desenvolveram questões relativas à guerra na Ucrânia,

às medidas tomadas para combater a desinformação, no sentido de entender como a visão de um jornalista difere do público geral.

Esta dissertação está dividida em três capítulos e o primeiro centra-se na revisão de literatura, subdividindo-se em 10 subcapítulos. No primeiro capítulo aborda-se o aumento da desinformação nos *media* em si, como surgiu e os tipos de desinformação existente, bem como as consequências da desinformação, e como afeta os *media*. De seguida apresenta-se a desinformação no contexto europeu, onde se analisa o *Media Literacy Index* e as medidas que estão a ser tomadas pela União Europeia e por Portugal para travar as consequências da desinformação.

No subcapítulo seguinte é abordado o conceito de literacia mediática e a sua importância, bem como a necessidade de desenvolver competências para participar conscientemente na sociedade. De seguida, como continuação do tópico anterior, apresenta-se a importância da literacia mediática no combate à desinformação nos *media*, onde se expõem as medidas propostas por alguns autores para combater a desinformação nos *media* e a necessidade de promover a literacia mediática junto dos cidadãos.

De seguida encontra-se o subcapítulo sobre o *fact-checking* no jornalismo, o surgimento dos projetos desenvolvidos e quais são as plataformas de *fact-check* em Portugal. Como complemento, o tópico seguinte retrata os *deepfakes*, que surgem como uma consequência da desinformação. Neste subcapítulo é explicado o que são *deepfakes* e como surgiu o termo, bem como as suas consequências.

Passando para o jornalismo de guerra, neste subcapítulo é explicado o que é, de facto, uma guerra e como se define o conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia. De seguida, explica-se o surgimento do jornalismo de guerra e como deu origem à técnica da pirâmide invertida.

No penúltimo subcapítulo são apresentados os dois países em análise, bem como uma breve exposição acerca da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), uma vez que marca a ligação histórica da Rússia e da Ucrânia.

Para terminar a revisão de literatura é apresentado o conflito bélico em si, como e quando começou, e uma ordem cronológica de todos os acontecimentos que levaram à guerra travada entre a Rússia e a Ucrânia.

No capítulo dois é onde surge a investigação, a apresentação, análise e recolha de dados, bem como a discussão dos dados obtidos, relacionando-os com o capítulo teórico. Por fim, são apresentadas as conclusões finais de toda a dissertação.

## Capítulo 1. Revisão de Literatura

### 1.1 O aumento da desinformação nos *media*

De forma a iniciar a contextualização da desinformação nos media, é necessário compreender o que é, de facto, a desinformação.

Citado por Moura (2018), Vladimir Volkoff explica que o termo desinformação começa por surgir em russo, logo após a Segunda Guerra Mundial, e tem o cunho de crítica às práticas capitalistas que visavam a “sujeição de massas populares” (p.21).

Conforme afirmava Guy Durandin (1995), no final do século passado, a palavra “desinformação” é uma tradução literal do termo russo *dezinfoematsia*, normalmente utilizado pelos soviéticos nos anos 20 do século passado, para se referir às campanhas de “intoxicação” que os países capitalistas lançavam contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Segundo Claire Wardle (2018), existem três tipos de desinformação. A desinformação (*disinformation*) pode traduzir-se como informação falsa, que é criada e/ou disseminada deliberadamente, cujo objetivo é causar dano. Normalmente, os criadores de desinformação têm motivações políticas, financeiras, psicológicas ou sociais. A *mis-information* trata-se de uma informação que é falsa, porém não seria destinada a causar danos, ou seja, os utilizadores que não sabem que uma informação é falsa e acabam por partilhá-la, ou mesmo os media quando avançam com uma informação incorreta, mas que é passível de vir a ser corrigida. Existe, também, a *mal-information*, cuja informação é verdadeira, mas é partilhada com o intuito de causar dano, descontextualizada ou exagerada, como por exemplo quando inclui informações privadas que são disseminadas para prejudicar dano a algo ou alguém.

O objetivo da disseminação das informações falsas é simples: manipular a realidade e os factos. Os mecanismos utilizados nesta tríade visam essencialmente captar a atenção dos usuários da Internet e convencê-los a partilhar e ampliar a propagação dos conteúdos (Silva, 2022).

Na perspetiva de Chiachiri (2022), a desinformação não se limita apenas a um campo específico, é possível verificar a existência deste conceito em diversas esferas, tais como a política, a educação, a saúde pública, entre outras, fazendo com que as decisões individuais e coletivas sejam afetadas.

Nas redes sociais, sobretudo, a propagação descontrolada de notícias falsas e teorias da conspiração tornou-se uma preocupação crescente. A viralidade instantânea dessas informações distorcidas pode ter consequências graves, minando a confiança nas instituições, alimentando o ceticismo e até mesmo contribuindo para a polarização social (Chiachiri, 2022, p. 1).

Com o aumento do consumo de informação, proporcionado pela expansão de meios como a televisão, rádio e jornais, mas sobretudo pelo impulso provocado pela internet, aconteceu também, como nunca visto, o aumento da desinformação e descredibilização das notícias e informações, assistindo-se a uma, cada vez menor, procura autónoma de informações e da sua respetiva verificação.

A desinformação mina a confiança das instituições e nos meios de comunicação tradicionais e digitais e prejudica as nossas democracias ao comprometer a capacidade dos cidadãos de tomar decisões bem informadas, portanto, a desinformação enfraquece a liberdade de expressão (ERC, 2019, p. 3).

Ainda na ótica de Chiachiri (2022), é possível afirmar que, devido à velocidade com que as informações circulam *online*, a capacidade de verificação é ultrapassada pelo alcance quase imediato da informação, levando a uma rápida disseminação de notícias incorretas. O autor ainda refere que este fenómeno é alimentado pela “tendência humana de se expor a informações que confirmam crenças preexistentes” (Chiachiri, 2022, p. 1).

A desinformação toma uma proporção maior a partir do momento em que o próprio cidadão partilha conteúdos sem analisar a veracidade da informação ou, em certos casos, quando a partilha mesmo sabendo que aquilo que publica não é real e se trata de um conteúdo falso.

Conforme afirma Alexandre Le Voci Sayad, citado por Maria Costa e Patrícia Blanco (2019), o que chamamos de “desinformação” assemelha-se, de facto, a uma neblina: notícias falsas são apenas um dos “elementos químicos” que a compõe.

Segundo Rui Assis Ferreira (2007), com a progressiva implantação da imprensa e o advento dos restantes *media*, favorecidos pela evolução tecnológica, pelo aumento dos índices culturais das populações e pelo crescimento económico, cada órgão de comunicação converte-se num verdadeiro *fórum*, espaço aberto ao cruzamento de olhares diversificados sobre o mundo.

Devido aos cidadãos quererem obter notícias e informações constantemente, diversos meios de comunicação social também viram a necessidade de compartilhar mais e, muitas vezes, de uma forma exagerada e compulsiva.

Para que seja possível manter as pessoas informadas, urge a necessidade constante de partilhar notícias e informações.

Conforme afirma Miguel (2004), a televisão reorganizou os ritmos da vida quotidiana, os entretenimentos, os espaços domésticos e, também, as fronteiras entre diferentes esferas sociais.

Esta voracidade leva a que surjam “notícias falsas<sup>1</sup>” e informações erróneas, levando a que o cidadão comum, que procura manter-se atualizado, acredite naquilo que vê, uma vez que os meios de comunicação social são tidos como fontes de credibilidade.

A desinformação é um fenómeno generalizado e amplificado pelo atual ecossistema dos *media*; impulsionada por determinadas instâncias de poder, grupos de pressão de diversas naturezas ou indivíduos amorais (Carretero, 2024, p. 126).

Segundo Canavilhas & Ferrari (2018), a desinformação toma uma proporção maior a partir do momento em que o próprio cidadão partilha o conteúdo sem analisar a sua veracidade ou, em certos casos, quando a partilha mesmo sabendo que aquilo que publica não é real.

Com o aumento do espetáculo mediático, também surgiram novas formas de espalhar informações erradas, sendo as *fake news* o meio mais utilizado neste contexto para desinformar o público.

Apesar de as *fake news* já existirem há muito tempo, foi com Donald Trump que este termo conseguiu mais mediaticismo e atenção.

Relativamente às *fake news*, de acordo com a RTP (2020)

o termo é usado para denominar informações falsas veiculadas, principalmente, nas redes sociais. As *fake news* também são usadas para reforçar um pensamento, por meio de mentiras e da disseminação de intolerâncias. Trata-se de desinformação, sejam mentiras intencionais ou conteúdos não verificados (RTP, 2020).

---

1 - Este termo não é consensual, sobretudo na área do jornalismo, uma vez que não existem notícias falsas, pois todas as notícias são ou devem ser verdadeiras, o que existe é informação falsa.

Ainda no contexto das *fake news*, McDougall, J., Brites, M., Couto, M., Lucas, C. (2019) afirmam que estas também se dividem por subgéneros, como o *clickbait*<sup>2</sup> e a *mal-information*. Embora estes fenómenos não sejam recentes, os autores concluem que o que realmente mudou nos últimos anos foi a escala e a velocidade com que a desinformação se propaga, especialmente através das redes sociais e outro tipo de plataformas digitais.

Luísa Guimarães Torres (2022), no livro editado por João Correia, Pedro Jerónimo e Inês Amaral, conclui que

Na verdade, se uma informação não é precisa ou é falsa, é contraditório chamá-la de notícia, já que fazer jornalismo é o ato de atribuir fé de que algo realmente aconteceu, com base em relatos de fontes fiáveis e verificadas. No entanto, o termo acabou por se tornar o mais comum para referir-se a um fenómeno que envolve uma série de implicações para o cenário informativo e a esfera pública em vários países ao redor do mundo (Torres, 2022, p. 118).<sup>3</sup>

Em 2016, com a candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América, notou-se uma proliferação de *fake news*. As eleições foram fortemente marcadas pela disseminação de informação deliberadamente falsa e manipulada, especialmente na rede social Twitter, com conteúdos partilhados pelo próprio candidato na sua conta pessoal.

A título de exemplo (...), reporta-se que a 21 de janeiro de 2017, quando o antigo Secretário de Estado da Imprensa norte-americano, Sean Spicer, afirma que a primeira aparição pública do presidente Donald Trump foi a que mais gente atraiu a Washington de todas as «inaugurações presidenciais». Rapidamente esta informação foi desmentida com imagens aéreas da multidão, e com dados da Washington Metropolitan Area Transit Authority, que comprovou que na primeira inauguração de Barack Obama esteve mais de um milhão de pessoas nos jardins do Capitólio (...), na de Donald Trump terão sido menos de 600 mil pessoas (Moura, 2018, p. 31).

A desinformação e as informações falsas não são apenas produtos dos *media* tradicionais, pois a sua forte disseminação foi proporcionada pelas redes sociais que, a cada dia que passa, têm milhares de novos utilizadores e, mais recentemente *bots*<sup>4</sup> e contas criadas com o propósito de desinformar outros cidadãos.

---

2 - Títulos enganadores para atrair cliques.

3 - Tradução livre.

4 - Um *bot* é um programa de computador projetado para imitar ou substituir as ações de um ser humano, executando tarefas automatizadas ou repetitivas.

No ponto de vista de J. Pereira (2023), estamos perante um fenómeno de desinformação participativa, em que a mentira não é produzida por e destinada apenas a um emissor, mas também por propagação de várias pessoas anónimas. Ou seja, a mentira é criada por vários emissores, sejam eles credíveis ou não, e o mesmo acontece ao recetor, a desinformação chega a várias pessoas e, neste caso, apesar de muitas serem anónimas, também se tornam influentes, ao partilhar a desinformação.

O público-alvo da desinformação é qualquer utilizador, podendo qualquer indivíduo tornar-se também em agente no processo de desinformar, ao alimentar, de forma consciente ou não, as ações da desinformação. Desta forma, não é apenas a informação em si que se torna prejudicial, mas também a sua retransmissão constante e em larga escala.

Após a análise realizada por S. R. C. Dias (2022), em que a autora cita Goreis e Kothgassner, é possível afirmar que as teorias de conspiração e a desinformação são «disseminadas, proliferadas e amplificadas em plataformas de mídia social» (p.4), sendo que o *Facebook* e o *Twitter* são as principais, o que leva Canavilhas & Ferrari (2018) a considerar que as

novas mídias, novos atores e consumidores cada vez mais imersos na presentificação proporcionada pelas telas permitem ao consumidor sentir-se protegido pela tela humano-algorítmica que o rodeia, reduzindo os mecanismos de alerta em relação à veracidade da informação que recebe e, dessa forma, abrindo a porta às notícias falsas e à era da pós-verdade (Canavilhas & Ferrari, 2018, p. 30).

Ottonicar, S., Valentim, M., Jorge, L. & Mosconi, E. (2019) referem que os distintos veículos de comunicação têm alertado para o perigo das “notícias falsas” que procuram confundir os factos, no intuito de prejudicar a compreensão correta por parte da sociedade. No campo político, a situação acaba por ser um pouco mais complexa, uma vez que a desinformação é utilizada para favorecer um determinado candidato ou partido no contexto eleitoral.

Os media «tradicionais» já não têm o exclusivo das imagens, e muitas das que difundem, são adulteradas pelos utilizadores nos media sociais. Também a apropriação das imagens divulgadas pelos media online ou por pessoas anónimas sofrem alterações (I. Amaral, 2019, p. 102).

Segundo Wardle & Derakhshan (2017), os públicos e as audiências são cada vez menos passivos e, muito raramente, são destinatários passivos de informações. Uma audiência é

composta de muitos indivíduos e cada um dos quais interpreta informações de acordo com o seu próprio *status* sociocultural, posições políticas e experiências pessoais.

Após a contextualização sobre a desinformação como um todo, as suas consequências e problemáticas, o capítulo seguinte irá analisar a desinformação no contexto europeu, bem como as soluções e medidas tomadas pela União Europeia e Portugal para tentar travar a crescente onda de desinformação.

## 1.2. A desinformação no contexto europeu

Na perspetiva de Wardle & Derakhshan (2017), a desordem informacional representa um desafio complexo no contexto europeu, uma vez que envolve a criação e a disseminação deliberada de informações falsas, enganosas ou prejudiciais, cujo objetivo é enganar e manipular os cidadãos.

Como recorda Divina Fraus-Meigs, citada por Oliveira, A., Maneta, M., Brites, M., Ribeiro-Rodrigues, V. (2024), a desordem informacional, e particularmente a desinformação, é um terreno fértil para a radicalização, polarização e descrença nas instituições democráticas.

De acordo com o que referem Oliveira et al. (2024), o impacto da desinformação tornou-se uma preocupação crescente para os decisores políticos, as instituições de comunicação social e a sociedade civil europeia.

As autoras ainda mencionam o *Media Literacy Index*, sendo que este é “um instrumento que classifica as sociedades europeias segundo o seu potencial de resiliência face à “pós-verdade”, desinformação e *misinformation*, com base nos indicadores como a liberdade de imprensa, a educação e a confiança nas instituições” (Oliveira et al., 2024, p. 159).

Analisando o *Media Literacy Index*, as autoras sublinham que, em 2021, houve uma diminuição nos níveis de literacia mediática, em comparação com os dados recolhidos em 2019, indicando que os níveis mais elevados de literacia mediática estão associados a uma menor desconfiança em relação a cientistas e jornalistas. Notando, também, que os países do Noroeste tiveram um desempenho melhor, enquanto os países do Sudeste apresentaram classificações mais baixas.

A edição de 2023 reforça estes resultados, bem como a divisão Leste-Oeste e Norte-Sul, alertando que os países mais próximos do conflito na Ucrânia continuam a ser os mais vulneráveis à desinformação. No caso de Portugal, o país ocupa a 12.<sup>a</sup> posição entre 41 países, tendo subido duas posições em comparação com o relatório de 2022, superando países como Espanha e França. A Finlândia mantém-se no topo do ranking (Oliveira et al., 2024, p. 160).<sup>5</sup>

De modo a começar a travar a onda crescente de desinformação e partilha de informações falsas, a União Europeia (UE) começou a promover uma série de diferentes

---

5 - Tradução livre.

atividades. Segundo Oliveira et al. (2024), a União Europeia começou por realizar diversas campanhas de sensibilização, novas políticas e iniciativas de *fact-checking*.

Nas medidas da plataforma EUvsDesinfo, foi criada uma medida para existir uma maior colaboração com as plataforma tecnológicas. Foi também criado o Grupo de Peritos de Alto Nível sobre Notícias Falsas e Desinformação Online. Além destas medidas, foi criado o Plano de Ação contra a Desinformação.

Em 2022 foi refeito o Código de Conduta sobre Desinformação, de modo a reforçar as orientações apresentadas neste mesmo código em 2021, revelando assim um “leque mais vasto de compromissos e medidas para combater a desinformação on-line” (Eurocid, 2022).

A base de dados da EUvsDisinfo foi criada em 2015, pela Task Force East StratCom. O seu principal objetivo era combater as campanhas de desinformação da Federação Russa que afetam a União Europeia, os Estados Membros e países fronteiriços. A plataforma serve como um monitor ativo e um desmascarador das narrativas de desinformação direcionadas à UE e aos Estados Membros (Oliveira et al., 2024, p. 160).

A Eurocid (Centro de Informação Europeia Jacques Delors) (2022) informa que o Código de Conduta sobre Desinformação é um dos instrumentos pioneiros, através do qual os intervenientes relevantes do setor chegaram a acordo sobre as normas de autorregulação para combater a desinformação.

O seu processo de revisão foi lançado em junho de 2021 e, após a assinatura e apresentação do Código revisto em 16 de junho de 2022, o novo Código passará a fazer parte de um quadro regulamentar mais amplo, em combinação com a legislação em matéria de transparência e direcionamento da publicidade política e o Regulamento Serviços Digitais (Eurocid, 2022).

O Código de Conduta reforçado contém 44 compromissos e 128 medidas específicas, tendo como foco os seguintes domínios:

- Desmonetização: reduzir os incentivos financeiros aos fornecedores de desinformação;
- Transparência da propaganda política;
- Garantir a integridade dos serviços;
- Capacitar os utilizadores;
- Capacitar os investigadores;
- Capacitar a comunidade de verificação de factos;

- Centro de Transparência e *Task Force*;
- Reforço do quadro de acompanhamento;
- Indicadores estruturais;
- Cooperação durante as eleições;

A Comissão Europeia (2024) afirma que a resposta à desinformação centra-se nos seguintes aspetos:

- Desenvolvimento de políticas para reforçar as democracias europeias, dificultando a utilização abusiva das plataformas on-line pelos autores da desinformação e protegendo os jornalistas e o pluralismo dos meios de comunicação social.
- Luta contra a ingerência estrangeira e os ciberataques através de projetos de sensibilização, de soluções tecnológicas avançadas e de uma melhor coordenação.
- Reforço da resiliência da sociedade contra a desinformação através da literacia mediática e da sensibilização.
- Cooperação com instituições, autoridades nacionais, sociedade civil e outras organizações.

Relativamente ao contexto português, Oliveira et al. (2024) relatam que existem, de facto, desenvolvimentos significativos no campo da literacia mediática, com diversas iniciativas e organizações que cada vez mais tendem a focar-se na promoção da literacia mediática e digital na sociedade.

Uma das principais forças impulsionadoras na moldagem deste panorama tem sido a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). Além de aplicar as leis de imprensa e televisão e supervisionar o registo e conteúdo dos meios de comunicação, a ERC compilou um relatório sobre desinformação no contexto nacional para deliberação parlamentar. As conclusões deste relatório foram divulgadas numa publicação subsequente intitulada "A desinformação - Contexto Europeu e Nacional" (ERC, 2022), que apresenta uma reflexão sobre a dimensão, alcance e problemáticas em torno da proliferação de desinformação e narrativas falsas online, no âmbito do quadro jurídico europeu e nacional (Oliveira et al., 2024, p. 161)<sup>6</sup>.

Além do relatório produzido pela ERC, as autoras mencionam também a "Carta Portuguesa de Direitos Humanos na Era Digital", aprovada pela Assembleia da República,

---

6 - Tradução livre.

informando que esta carta tem como objetivo garantir a implementação eficaz do Plano de Ação Europeu contra a Desinformação.

Entender a desinformação não passa apenas por perceber o processo de criação e partilha de *fake news*, é preciso relacionar com a questão da literacia mediática, uma vez que importa saber reconhecer e analisar criticamente a informação que é recebida. Desta forma, o capítulo seguinte irá abordar a literacia mediática, bem como a sua importância.

### 1.3. Literacia mediática

O conceito de literacia mediática refere-se à capacidade de compreender, analisar, avaliar e também criar mensagens mediáticas em diversos meios de comunicação social, seja em jornais, na televisão, nas rádios e na internet.

Na perspetiva de Sonia Livingstone (2004), a literacia mediática pode ser definida como a capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens. No seguimento desta ideia, Apkon defende que a literacia mediática se refere, atualmente, a muito mais do que a capacidade de simplesmente ler um alfabeto ou outro guião, aproximando-se mais do significado de “proficiência, sendo de uma forma mais ampla, a capacidade de compreender e de expressar ou articular” (Pinto, 2018, p. 38).

Seguindo o mesmo enquadramento, Pedro Pinto (2018) refere que a literacia mediática é o conjunto de perspetivas a partir das quais nos expomos aos *media* e interpretamos o significado das mensagens que encontramos, introduzindo na sua definição a importância da construção de boas estruturas de conhecimento, particularmente no que toca à necessidade dos indivíduos possuírem uma quantidade suficiente de informação relativa à indústria, à mensagem e aos efeitos dos *media*. Assim, consiste em

promover as competências que permitam aos estudantes e aos cidadãos em geral tornarem-se mais sensíveis aos mecanismos sociais de representação tantas vezes ocultos na linguagem mediática (Correia, 2022, p. 7).

Patrícia Fernandes (2021) considera que o desenvolvimento tecnológico a que a sociedade tem assistido alterou a forma como hoje em dia os *media* estão presentes na vida quotidiana dos cidadãos. A expansão da televisão por cabo, da internet, e dos dispositivos móveis, trouxe a possibilidade de se aceder de uma forma mais fácil e rápida a uma maior oferta de conteúdos, através de um maior número de meios. Este desenvolvimento tecnológico provocou mudanças no ambiente comunicacional, que levaram não só a um consumo em maior escala, mas também abriu a possibilidade de criação e partilha de conteúdos *media*, e tornou mais urgente o argumento da necessidade do desenvolvimento de competências de literacia mediática.

A literacia mediática é um ponto essencial para uma participação ativa de qualquer cidadão, uma vez que os consumidores de informação passam a estar devidamente informados, desenvolvendo uma capacidade de analisar criticamente as mensagens que são recebidas.

Segundo Fraus-Meigs (2006), a educação para os *media* torna-se cada vez mais necessária, para que os cidadãos desenvolvam as competências mediáticas fundamentais para participar conscientemente na sociedade, criando-se uma aptidão de comunicar em rede, pesquisar, avaliar e produzir informações de conteúdos mediáticos. Estas competências permitem, de acordo com Correia (2022)

transformar os receptores passivos de mensagens mediáticas em conhecedores habilitados das tecnologias relacionadas com os *media*, designadamente verificando a sua capacidade para influenciarem as audiências e introduzirem novos temas (Correia, 2022, p. 7).

Renee Hobbs, citada por Pinto (2018), afirma que a educação para o desenvolvimento de competências deve ser aplicada em contextos informais, mas também em contextos formais. A inclusão da literacia mediática e digital na educação formal pode assumir-se como uma ponte entre clivagens digitais e enclaves culturais<sup>7</sup>, uma forma de motivar os indivíduos e um meio de criar uma maior igualdade de oportunidades em ambientes digitais.

Em 2018, o Índice Global de Desinformação (IGD), criado por uma organização sem fins lucrativos, que também se denomina através da sigla supramencionada, apresentou as suas principais recomendações ao Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU). Estas recomendações tinham por base, abordar a desinformação como um conjunto de conflitos narrativos, que minam os valores, normas e princípios dos direitos humanos. Avaliam também que é necessário limitar o alcance da desinformação e a sua repetição através dos algoritmos, oferecendo aos utilizadores da Internet os mecanismos necessários para proteger os seus direitos (Carretero, 2024).

Num estudo realizado por Joana Martins, Miguel Midões e Nídia Salomé Morais (2022), com o objetivo de analisar o nível de literacia mediática dos estudantes de Ciências de Comunicação, conclui-se que os alunos que ingressam na área da Comunicação Social podem enfrentar vários desafios, uma vez que, na entrada para o ensino superior, não apresentam um grau elevado de literacia mediática. Os dados do estudo, desenvolvido entre 2020 e 2023, mostram que os estudantes tinham dificuldades em distinguir informação de entretenimento e opinião, assim como em reconhecer informação falsa.

---

7 - enclaves culturais referem-se a grupos ou comunidades que mantêm identidades culturais distintas dentro de uma sociedade maior, muitas vezes com acesso limitado ou diferenciado aos recursos digitais e educacionais.

Parece claro que os alunos não distinguem entre notícias falsas e desinformação propositadamente disseminada. Falamos de alunos maiores de idade num curso de estudos de media, o que agrava ainda mais esta aparente mistura de conceitos (Martins et al., 2022, p. 2958).

Além disso, o estudo realizado com os estudantes de Comunicação Social, na Escola Superior de Educação de Viseu, destacou que havia uma certa confusão relativamente ao papel de um jornalista versus apresentador de um programa de entretenimento, e também em relação às considerações éticas envolvidas. Devido a este fator, é possível afirmar que surge uma necessidade de melhorar as competências de literacia mediática, de forma que seja possível avaliar criticamente a credibilidade e veracidade das fontes de notícias, bem como o seu conteúdo.

O esbatimento das fronteiras entre informação, entretenimento e opinião parece afetar diretamente a confusão de conceitos dos resultados da pesquisa. No caso da informação e entretenimento, devemos considerar que vários alunos entendem que jornalistas com carteira profissional trabalham em programas de entretenimento. Parece-nos fundamental ler este resultado à luz da diluição das barreiras e do aparecimento de novos formatos de infoentretenimento (Martins et al., 2022, p. 2960).

A informação falsa não passa apenas pela desinformação que chega ao público, esta também se tornou uma das preocupações para o jornalismo, devido às mudanças tecnológicas, e um desafio para os modelos de negócios jornalísticos.

Tornou-se um espaço reservado para ameaças externas aos meios de comunicação contra os quais os jornalistas tentam defender a sua profissão (Farkas, 2023, p. 426).

Megan Le Masurier, citado por F. Santos (2022), declara que a desinformação tem descredibilizado os meios de comunicação social, a juntar à pressão de dar a notícia, o que veio potenciar a publicação de notícias imprecisas, a chamada *mis-information*.

Num outro estudo sobre “A importância da literacia na descodificação de *fake news*”, Miguel Midões, Joana Martins e Nídia Salomé Morais (2022), definem “notícias falsas” como informações deliberadamente alteradas, com o objetivo de manipular e/ou enganar o público, destacando também a importância de entender que as *fake news* não são apenas desinformação publicada pelos *media*, mas também informações fabricadas e projetadas para manipular o público-alvo.

Suponhamos que existe intencionalidade de enganar o leitor, ouvinte ou telespectador. Nesse caso, fica claro que, em vez de ser um ato de desinformação, o que se está a

testemunhar é uma ação proposital e intencional para desinformar (Midões et al., 2022, p. 3006).

Assim, Nídia Salomé Morais, Joana Martins e Miguel Midões (2023) propõem que a literacia mediática surja também como uma necessidade de ser lecionada no campo das Ciências da Comunicação, uma vez que, relativamente aos estudantes de Comunicação Social, da Escola Superior de Educação de Viseu, entre os anos académicos de 2020 até 2023, os de primeiro ano demonstraram dúvidas em relação ao comportamento dos jornalistas, especialmente em áreas como a necessidade de manter uma certa distância das notícias, enquanto no segundo e terceiro anos, os estudantes já não indicavam este tipo de dúvida, tendo uma maior consciência da área em questão.

A importância de dominar várias formas de literacia é crucial, especialmente nos casos dos alunos de um curso de Comunicação Social, que irão trabalhar nesta área. Do ponto de vista do seu estatuto profissional, é importante responder tanto à exigência ética, que se baseia na compreensão de princípios e regras de conduta, e aos conhecimentos específicos e especializados que é fundamental dominar de forma competente (Morais et al., 2023, p. 6830).

Após uma análise à definição e importância da literacia mediática, o capítulo seguinte tem como objetivo analisar a interligação deste tópico com o combate à desinformação.

### 1.3.1. A importância da literacia mediática no combate à desinformação

É importante estudar e perceber o conceito de literacia mediática, pois trata-se de uma forma de combater a crescente onda de desinformação que se tem vindo a agravar ao longo dos anos. A par desta componente é ainda fundamental

ter em conta que todos os códigos deontológicos exigem que a informação seja transmitida de forma rigorosa, algo que implica verdade, não deturpação de factos, não valorizando factos irrelevantes (e vice-versa) e, acima de tudo, não manipulando a informação” (Godinho & Fernandes, 2019, p. 32).

O consumidor de informação também deve procurar “informar-se em locais seguros” (Godinho & Fernandes, 2019, p. 34), fazer a sua pesquisa e devida análise. Desta forma, a informação e devida investigação deve ser feita por ambas as partes.

“Muito mais do que nas instituições, empresas ou estruturas, o combate às *fake news* está nas mãos dos jornalistas” (Godinho & Fernandes, 2019, p. 34). São estes que, ao abrigo do código deontológico e da lei da imprensa, quem deve verificar as fontes e cruzar a informação recebida, de modo a combater a informação falsa.

Assim sendo, há quem defenda que o *slow journalism*<sup>8</sup>, ou seja, um jornalismo mais lento, contrariando esta era do imediatismo, pode ajudar a recuperar a credibilidade e combater a “fadiga” dos cidadãos em consumir informação. O *slow journalism* é um jornalismo com profundidade, com tempo, e tal como o próprio termo remete, é quase uma crítica à velocidade assistida na prática do jornalismo (F. Santos, 2022, p. 21), que permite outro tipo de trabalhos mais aprofundados como a investigação jornalística ou a grande reportagem, que têm sido abandonados pelos *media mainstream*.

Apesar da necessidade de ser o próprio cidadão a querer procurar, saber verificar e analisar as notícias transmitidas, não só pelos meios de comunicação social, mas pelas redes sociais, é também preciso que estes próprios meios sejam os primeiros a desmentir e a explicar as informações transmitidas, surgindo aqui, neste contexto, uma nova oportunidade para o jornalismo, como defendem João Miranda, Luísa Torre e Pedro Jerónimo (2023).

---

<sup>8</sup> - Dependendo do autor, o *slow journalism* conta com variadas definições, porém, de uma forma resumida, refere-se a uma abordagem jornalística mais lenta, que prioriza a qualidade em vez da rapidez, relativamente à produção e partilha de notícias. Apesar de não ter um nome específico para quem utilizou este termo pela primeira vez, foi ganhando popularidade ao longo dos anos, como uma alternativa ao jornalismo tradicional e, conseqüentemente, surgiu como uma resposta ao aumento na rapidez e superficialidade das notícias na era digital. (Ascensão, 2022)

Como consequência do fenômeno, numa nota mais positiva para o jornalismo: a oportunidade de reafirmar a autoridade profissional e de legitimar a produção jornalística e a possibilidade de retomar a confiança pública nos media, confirmando o valor no jornalismo como um bem público (Miranda et al., 2023, p. 24).

Com a necessidade jornalística de analisar e verificar toda a informação transmitida ao público, surgiu a necessidade do *fact-checking*, uma vez que nem todo o cidadão tem a capacidade ou entendimento para saber analisar a informação recebida.

#### 1.4. *Fact-checking* no jornalismo

Perante a necessidade que existe de entender e analisar as *fake news* e a desinformação, quer pelo cidadão, como pelo próprio jornalista, têm sido criados, um pouco por todo o mundo, e Portugal não é exceção, vários projetos para que seja mais fácil esclarecer a veracidade das informações e de modo que seja possível eliminar as inverdades que vão circulando nos *media* e nas redes sociais.

Segundo Shapal e Bruns, citados por Miranda et al. (2023), as/os jornalistas continuam a defender padrões jornalísticos elevados, como estratégia para combater o fenómeno da desinformação dos *media* jornalísticos, incluindo a verificação, maior transparência no processo de notícias, mais investimento e formação de funcionários em inteligência de código aberto e fortalecimento da literacia mediática.

O aumento da verificação de factos e da transparência, em especial, poderia fornecer ao público informações detalhadas sobre as operações editoriais, na tentativa de mostrar aos utilizadores os processos empregados na tentativa de reduzir viés de reportagens (Miranda et al., 2023, p. 26).

As técnicas de *fact-checking* contemporâneo começaram a ser utilizadas nos anos noventa, mas foram ganhando destaque no início do século XXI, com a introdução de sites especializados nesta nova atividade jornalística.

Em 1991, durante as eleições presidenciais dos EUA, Brooks Jackson, jornalista americano da CNN, ficou encarregue de recuperar as informações dos anúncios políticos de televisão e verificar a veracidade dos discursos dos candidatos. A equipa especializada neste trabalho ficou conhecida como «Ad Police» (Viera, 2019), fazendo aquilo que na altura se chamava «ad watching journalism» (Bigot, 2017).

Doze anos mais tarde, em 2003, o mesmo jornalista desenvolveu, junto da Universidade da Pensilvânia, o *factcheck.org*, que se tornou o primeiro *site* independente de verificação de discurso político (Dantas da Silva et al., 2019). Em 2007, seguiram-se o PolitiFact (independente) e o *Fact-Checker*<sup>9</sup> do The Washington Post. Estas três organizações de *fact-checking* são, até hoje, os projetos mais conhecidos e com mais prestígio dos Estado Unidos da América.

Segundo Canavilhas & Ferrari (2018), a América e a Europa são os continentes que mais praticam o *fact-checking*. A maioria deles não tem qualquer vínculo com outros meios de

---

9 - <https://www.factcheck.org/>

comunicação: são Organizações Não Governamentais (ONG) ou iniciativas de factos ligadas a universidades. A *International Fact-Checking Network* (IFCN) é um grupo que se reúne em torno do *Poynter Institute*, e prevê que as agências sigam códigos e princípios da ética acordados pelo conjunto de verificados.

Outro projeto de destaque é o *The Trust Project*, fundado na *Santa Clara University*, nos EUA. Este tem como iniciativa combater as notícias falsas na medida que elabora estratégias digitais tangíveis para atender à premissa básica do jornalismo: transmitir à sociedade relatos verdadeiros, inteligentes e compreensíveis de ideias e eventos, por meio de tecnologias que possam evidenciar reportagens confiáveis – precisas, transparentes e inclusivas – trabalhando em conjunto e de modo integrado às práticas, ferramentas e plataformas de notícias. (Furnival & Santos, 2020, p. 104).

É essencial que os cidadãos estejam equipados com os meios para se defenderem de forma adequada contra os perigos da desinformação. É igualmente fundamental que os governos, instituições e empresas multinacionais na área da comunicação tomem decisões e medidas significativas para proteger todas as pessoas, principalmente as mais vulneráveis (Reato, 2021, p. 45).

Segundo a Lusa (2024), em Portugal existem, em 2024, três verificadores de informações/*fake news*, sendo eles o Polígrafo, o Observador e o Jornal Público (“A prova dos factos”).

De acordo com o seu estatuto editorial<sup>10</sup>, o Polígrafo tem diariamente uma equipa que acompanha um conjunto alargado de personalidades cujas intervenções têm relevância pública, como políticos, comentadores, influenciadores, artistas e até agentes desportivos. O critério é sempre o que resulta do cruzamento da projeção das suas palavras e do interesse público que elas representam.

Após a abordagem jornalística do tema, o Polígrafo recorre a cinco passos para investigar a veracidade daquilo que será retratado. O primeiro passo é consultar a fonte original da informação e, de seguida, consultar fontes de natureza documental que possam solidificar o processo de verificação. Posto isto, ouvem-se os autores da afirmação, dando-lhes o direito de

---

10 - <https://poligrafo.sapo.pt/editorial>

se explicarem, passando para a contextualização da informação. Por fim, avaliam a informação com uma escala de avaliação (Polígrafo, 2024).

A escala do Polígrafo não se resume a “verdadeiro” e “falso”, tendo sete níveis de veracidade: o primeiro nível é simples, “verdadeiro: quando a declaração analisada é totalmente verdadeira”, o segundo nível, “verdadeiro, mas”, ainda se encontra numa perspetiva de veracidade, porém quando a declaração analisada é estruturalmente verdadeira, mas carece de enquadramento e contextualização para que seja totalmente percebida.

O terceiro nível, o “impreciso”, é utilizado quando a informação contém elementos que distorcem, ainda que de forma ligeira, a realidade.

Relativamente ao quarto nível, “descontextualizado”, acontece quando a informação é retirada do contexto real, com o objetivo de lhe dar um sentido sem sustentação factual.

O quinto nível, “manipulado”, surge quando a informação – sobretudo em formato de imagem – é trabalhada, por exemplo, através do recurso a ferramentas de educação de imagem, com a finalidade de a distorcer.

O sexto nível, “falso”, quando a afirmação é comprovadamente falsa.

Por fim, o sétimo nível, “pimenta na língua”, é o grau máximo de falsidade. Esta classificação só é atribuída quando a informação avaliada é escandalosamente falsa, ou uma sátira, publicada num espaço satírico.

Em abril de 2019, o Polígrafo atingiu a acreditação pela *Internacional Fact-Checking Network*, uma organização que funciona na orla do *Poynter Institute* e que agrega os melhores projetos de *fact-checking* do mundo (Pinheiro, 2020).

No caso do Observador<sup>11</sup>, desde 2015 que este *médium* tem etiquetas de verificação com o objetivo de contribuir para um debate público mais informado e esclarecido, seguindo a sua missão e valores (Canavilhas & Ferrari, 2018, p. 41), sendo que as conclusões relativamente à veracidade das informações analisadas podem variar, de acordo com o diretor executivo do Observador, Manuel Pinheiro.

---

11 - <https://observador.pt/especiais/como-vaio-ser-os-novos-fact-checks-do-observador/>

Às vezes, a resposta à pergunta é «sim» ou «não»; outras vezes, a resposta é menos categórica. E o objetivo dos *Fact-checks* não é fazer de conta que o mundo é simples ou – pior – simplista (Pinheiro, 2017).

O código utilizado pelo Observador, em setembro de 2016, era regido por cinco princípios.

- 1. Compromisso com o não partidarismo e com a justiça:** verificação das declarações utilizando o mesmo padrão para todos os *fact-checks*. Apenas existe uma verificação, não uma opinião.
- 2. Compromisso com a transparência das fontes:** fornecimento das informações ao público, para que possam verificar as conclusões por si próprios.
- 3. Compromisso com a transparência do financiamento:** quando é aceite qualquer financiamento por parte de outras organizações, é garantido que não existe qualquer tipo de influência nas conclusões retiradas.
- 4. Compromisso com a transparência da metodologia:** existe uma explicação coerente sobre a metodologia utilizada, bem como o encorajamento dos leitores a enviar declarações sobre como são feitas as investigações.
- 5. Compromisso com correções abertas e honestas:** existe uma política de correções que é seguida à risca, corrigindo de forma clara e transparente, em linha com a política de correções.

Atualmente, segundo Miguel Pinheiro (2017), as conclusões possíveis para a análise da informação passaram a ser: “Certo”, “Praticamente Certo”, “Esticado”, “Inconclusivo”, “Enganador” e “Errado”. Estas conclusões estão identificadas logo no início do texto, mostrando também a frase que está a ser submetida a escrutínio e a conclusão da investigação jornalística.

O Observador não faz a análise de veracidade quando acha que alguém está a fazer declarações erradas, mas sim “sempre que alguém faz uma declaração que levante dúvidas no espaço público. E não parte para a investigação jornalística com qualquer ideia fechada sobre quais serão as conclusões” (Pinheiro, 2017).

Miguel Pinheiro afirma que se a informação corre no espaço público, ela pode ser alvo de uma verificação. Todos os meses, um acontecimento em qualquer ponto do globo tem repercussões nacionais e dá lugar às mais variadas teses; todos os dias os diferentes responsáveis políticos intervêm publicamente; a cada segundo, as redes sociais são invadidas por uma nova vaga de alegações sobre os temas mais quentes da agenda mediática – e tudo isso

(e em muitos casos, deve) ser analisado com maior detalhe, confrontando os argumentos apresentados com a mais sólida evidência científica e com os dados verificados e disponibilizados por entidades públicas credíveis. Pondo a pergunta ao contrário: se se trata claramente de humor, de uma opinião ou de uma análise pessoal, ou se está em causa uma previsão de acontecimentos futuros impossíveis de validar ou contestar, não verificamos uma declaração ou uma publicação viral.

Além da plataforma online, o Observador também apresenta um *Podcast* para relatar a veracidade das informações avaliadas, bem como uma parceria com o *Facebook*. O Observador estabeleceu uma parceria com o *Facebook* e passou a fazer parte, desde abril de 2019, de uma rede mundial de *fact-checkers* independentes que verifica a autenticidade de conteúdos partilhados naquela rede social. Os parceiros do *Facebook* nesta iniciativa, incluindo o Observador, pertencem ao *International Fact-checking Network* (IFCN), rede de verificadores de factos que aderiram ao código de conduta do *Poynter Institute*.

Relativamente ao jornal Público<sup>12</sup>, a rubrica denomina-se de “A Prova dos Factos” e segundo o seu editorial, é uma rubrica de verificação de informação (e desinformação), através da qual olham para o que dizem os políticos ou outras figuras públicas, e o que é publicado na internet.

Em relação à escolha dos alvos, o Público rege-se pelo estatuto editorial do jornal no geral, entendendo que as novas possibilidades técnicas de informação, implicam um jornalismo eficaz, atrativo e imaginativo na sua permanente comunicação com os leitores.

Apesar das grandes vantagens que estes novos ambientes digitais acarretam são também um terreno fértil para as campanhas de desinformação. Desde o «Brexit», passando pelas campanhas eleitorais nos EUA, ao fenómeno da Covid-19, vários são os exemplos da forma como as técnicas de desinformação ameaçam os sistemas democráticos (Público, 2024).

Ainda na perspetiva do Público (2024), um dos seus objetivos passa por contextualizar conteúdos com um grande alcance nas redes sociais – tanto os verdadeiros, como os falsos. A missão do jornal é estabelecer a mais ajustada contextualização com base nos critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política ou económica.

---

12 - <https://www.publico.pt/prova-dos-factos/o-que-e>

Apesar do foco também estar apontado para as redes sociais, o Público (2024) não poderia deixar de analisar o que passa pelos meios tradicionais e, desta forma, analisam, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa, intervenções de autores das mais diversas áreas com demonstrada influência no espaço público contemporâneo.

Na Prova dos Factos, depois de selecionado um determinado conteúdo para ser analisado, os jornalistas do Público procuram fazê-lo com o apoio de diversas fontes. Sempre que possível, confrontam o autor do conteúdo em causa, de forma a obter a avaliação mais equilibrada possível.

Segundo o Público (2024), pode-se ler a Prova dos Factos no endereço online, mas todas as semanas, ao sábado, é selecionado um Prova dos Factos que pode ser lido na edição impressa do jornal. Foi ainda criada uma *newsletter* mensal em que são escolhidos artigos relativos à desinformação para serem lidos pelos leitores.

Mesmo com a existência das plataformas analisadas neste capítulo, cujo propósito é verificar e analisar questões globais para que o público possa discernir a veracidade das notícias recebidas, a era digital trouxe uma nova problemática: os *deepfakes*. O capítulo seguinte explorará este fenómeno, detalhando o seu processo e analisando as implicações associadas a esta problemática.

### 1.5. Deepfakes

Nos últimos anos, a proliferação das informações falsas tem gerado bastante preocupação em diversas áreas da sociedade, sendo agora mais fácil que nunca disseminar desinformação, especialmente por nos encontrarmos numa era digital. À medida que a tecnologia foi avançando, emergiram novas formas de manipulação de informação, que apresentam desafios cada vez mais complexos.

Mika Westerlund (2019) afirma que, no princípio, de modo a popularizar a prática desta nova tecnologia, eram tidos como alvos incipientes dos *deepfakes* figuras públicas do cinema, política, moda, entre outros. Diversas figuras públicas tiveram os seus rostos envolvidos em vídeos onde proferiam palavras que nunca tinham dito ou apareciam a fazer coisas que nunca tinham feito.

Neste contexto, surgiram os *deepfakes*, que acabaram por ser uma evolução sofisticada das *fake news*, utilizando técnicas de inteligência artificial e aprendizagem profunda, de modo a criar conteúdos audiovisuais falsificados com um elevado grau de realismo.

Apesar das *fake news* já causarem um dano assustador, o uso da inteligência artificial e técnicas de aprendizagem profundas que deram origem aos *deepfakes*, permitem a criação rápida e de alta qualidade de conteúdos digitais falsos, tal técnica tem o potencial de alterar a verdade e desgastar a confiança, dando «autenticidade» às *fake news* (Hasan & Salah, 2019, p. 1).

Segundo Denise Araújo e Thamilles Sousa (2021), os *deepfakes* são uma tecnologia que permite criar fotos extremamente convincentes e, ao mesmo tempo, totalmente fictícias. Existem várias técnicas e *softwares* publicamente disponíveis que permitem que pessoas não qualificadas elaborem *deepfakes* a partir de fotos.

O termo *deepfake* surgiu em 2017, conforme afirmam Adriano Molina e Orlando Berenguel (2022), quando um utilizador da rede social Reddit<sup>13</sup> usou o termo “*deepfakes*” para publicar vídeos pornográficos alterados digitalmente com imagens de celebridades. A tecnologia foi aplicada utilizando como base inúmeras imagens e vídeos de celebridades para aprender a imitar as expressões faciais e sobrepôr num vídeo o rosto de uma celebridade, no corpo de atrizes de filmes pornográficos.

---

13 - O Reddit é um agregador social de notícias ou um social *bookmarks*. O Reddit é dividido em várias comunidades chamadas de *subreddits*. São nesses *subreddits* que reside o conteúdo do site.

A autora Giselle Beiguelman (2020) explica que, em setembro de 2019, a tecnologia dos *deepfakes* se tornou acessível ao usuário amador, uma vez que a empresa chinesa Momo desenvolveu e lançou a aplicação “Zao”, que transformava qualquer pessoa numa estrela de Hollywood em segundos. Em dois dias, a aplicação bateu o record de *downloads* na loja chinesa da Apple e foi também nesta rapidez que começaram a surgir os protestos contra a violação de privacidade que a aplicação gerou, uma vez que a empresa reservava o direito de usar as imagens e as informações biométricas compartilhadas pelos usuários.

De acordo com Araújo et al. (2021), os *deepfakes* podem ser feitos através de algumas etapas de algoritmos de inteligência artificial, sendo eles os codificadores e decodificadores. Desta forma, realizam-se trocas de rostos com a reconstrução das faces e das expressões, até que se torne um vídeo convincente. Segundo Molina & Berenguel (2022), o potencial das GANS é imenso, uma vez que é possível ensinar a criar imagens, vídeos e áudios que se tornam muito próximos da realidade e, quanto mais realistas são estes conteúdos, mais difícil se torna diferenciar o que é real do que é um *deepfake*.

Outra maneira de realizar *deepfakes* é usar o que se chama de rede contraditória generativa ou GAN. Onde os algoritmos usados são chamados de geradores e discriminadores. Os ciclos são repetidos até à perfeição da imagem (Araújo et al., 2021, p. 24).

Beiguelman (2020) explica que a empresa holandesa *Deeprtrace* realizou um estudo que, desenvolvendo algoritmos para a identificação de *deepfakes*, mostrou que o número de vídeos *deepfakes* praticamente duplicou entre 2018 e 2019. Em dezembro de 2018 foram encontrados 7.496 e em dezembro de 2019 já se registaram 14.678 vídeos.

Desses vídeos, 96% são pornográficos e atingem cerca de 135 milhões de visualizações. Entre os não pornográficos, o fenômeno se inverteu e tem como alvo prioritário homens, em geral políticos e figurões corporativos (Beiguelman, 2020, p. 52).

Teresa Weikmann e Sophie Lecheler (2023) afirmam que quando os primeiros *deepfakes* surgiram, em 2017, rapidamente se conectou a sua existência à criação de conteúdos pornográficos falsos. No entanto, atualmente envolvendo os meios de comunicação social, os *deepfakes* são vistos com uma temática problemática, uma vez que podem desinformar e minar a confiança nas instituições políticas.

Os *deepfakes* podem ser definidos como formas avançadas de desinformação visual, em vez de desinformação, uma vez que a intencionalidade por trás da sua criação é óbvia,

são feitos para enganar e fornecer falsas evidência de algo que nunca aconteceu (Weikmann & Lecheler, 2023, p. 4).

Utiliza-se o termo desinformação no caso dos *deepfakes*, uma vez que a sua construção requer uma ação consciente. Como tal, são caracterizados pela sofisticação tecnológica necessária para a sua criação e têm, recentemente, despertado o interesse académico, nos aspetos visuais da investigação sobre *dis-information* e *mis-information* (Weikmann & Lecheler, 2023).

Na visão de Garcia Isaias Manuel, Vítor J. Sá, Paulo Veloso Gomes, António Marques e Javier Pereira (2022), devido à grande dificuldade em distinguir o conteúdo real, em relação ao conteúdo falso/*deepfakes*, esta tecnologia tem sido usada com mais frequência na política, cuja finalidade é alterar o pensamento e a decisão dos eleitores em determinado escrutínio, colocando em perigo a democracia.

Citando R. Ferreira (2018), Manuel et al. (2022) afirmam que campanhas de desinformação massiva podem ser levadas a cabo por agentes e partidos políticos, com o fim de desacreditar os oponentes, e são usados principalmente nas redes sociais, de modo a difundir informações desprovidas de autenticidade, tornando o processo mais eficiente.

Na visão de Michalski & Paula (2018), a rapidez com que as informações fluem nas redes sociais, principalmente falsas, não se devolve apenas através da partilha por parte dos utilizadores, como também dos mecanismos tecnológicos, como o caso dos *bots*.

A maneira sofisticada pela qual informações falsas podem ser criadas, a rapidez com que podem ser criadas e o quão infinitamente elas podem ser disseminadas está num nível diferente. No passado, eu poderia ter espalhado mentiras, mas meu alcance seria limitado (Manuel et al., 2022, p. 226).

Segundo Carretero (2024), o confronto entre a Rússia e a Ucrânia, bem como o agravamento do conflito israelo-palestino, radicalizaram as campanhas de desinformação. Conforme indicado pelo autor, a feroz censura do regime de Vladimir Putin encerrou os meios de comunicação independentes, bem como proibiu plataformas como o *Facebook* e o *Twitter* (atualmente designado por X). Além disso, o Kremlin, como já foi denunciado pela União Europeia, intensificou a publicação de vídeos e fotografias manipuladas, também conhecidos como *deepfakes*, criados com inteligência artificial de modo a substituir rostos e alterar cenários.

O governo russo divulgou um vídeo falso, tentando demonstrar que o Moskva, que até àquele momento era o navio-almirante da Frota do Mar Negro da Rússia, afundou como consequência de uma tempestade após um incêndio, e não pelo impacto dos mísseis ucranianos (Carretero, 2024, p. 118).

Em março de 2022, num site de notícias ucraniano, foi publicada uma *deepfake* que utilizava inteligência artificial, na qual o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, fazia uma convocatória aos seus soldados para que entregassem as armas. Através da sua conta no Instagram, Zelensky desautorizou a informação falsa, alcançando cinco milhões de visualizações (Carretero, 2024).

Para complementar a informação deste capítulo, serão apresentados diversos exemplos extraídos de meios de comunicação social.

#### Exemplo 1<sup>14</sup>:



Figura 1 - Público: anunciar rendição

“Vídeo de Zelensky a da Ucrânia é verdadeiro?”

Na notícia compartilhada pelo jornal Público, é analisado um vídeo publicado nas redes sociais que também foi transmitido em direto no canal de televisão Ukraine 24. Neste vídeo, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, anunciava a rendição da Ucrânia face à ofensiva militar russa.

No vídeo, é possível ouvir o presidente ucraniano (numa versão manipulada e falsa) a apelar para que todos os militares e civis, que defendiam o território, largassem as armas e se

14 - Fonte: <https://www.publico.pt/2022/03/17/mundo/noticia/video-zelenskii-anunciar-rendicao-ucrania-verdadeiro-1999129>

rendessem a Moscovo. Esta mensagem também foi publicada no tabloide ucraniano de língua russa *Segodnia*.

À primeira vista, a imagem do Presidente parecia sincronizada com o discurso. Contudo, uma análise mais pormenorizada evidenciava pequenas imperfeições no movimento da cabeça e dos lábios, assim como uma pronúncia que não correspondia à do líder da Ucrânia (Ribeiro, 2022).

O vídeo foi desmentido pelo próprio governante ucraniano através da rede social Telegram<sup>15</sup>, afirmando que a declaração era uma tentativa de desinformação.

### Exemplo 2<sup>16</sup>:

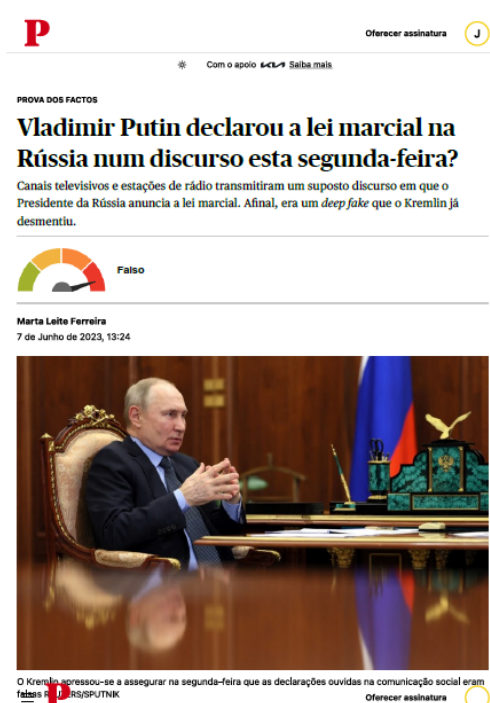


Figura 2 - Público: “\

iscurso esta segunda-feira?”

Nesta notícia, o jornal Público desmente um vídeo que circulou nos canais televisivos e estações de rádio, no qual foi compartilhado um discurso em que Vladimir Putin anunciava a lei marcial, que na realidade era um *deepfake* que o Kremlin acabou por desmentir.

Nas imagens, uma figura semelhante à do chefe de Estado russo declara: "Rusos, irmãos e irmãs, hoje às quatro da manhã, as tropas ucranianas armadas pelo bloco da NATO, com o consentimento e apoio de Washington, invadiram os territórios das regiões de

15 - O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem. O Telegram está disponível para smartphones ou tablets HarmonyOS, Android, iOS, Windows Phone, Ubuntu Touch, Firefox OS, computadores e também como Aplicação web.

16 - Fonte: <https://www.publico.pt/2023/06/07/mundo/noticia/vladimir-putin-declarou-lei-marcial-russia-discurso-segundafeira-2052541>

Kursk, Belgorod. E prossegue "Precisamos de reunir todos os esforços dos russos para derrotar o inimigo perigoso e insidioso" (Ribeiro, 2022).

Resumindo, é certo afirmar que Vladimir Putin não declarou a lei marcial, nem ordenou a mobilização de tropas no dia 5 de junho de 2023, na sequência de uma invasão ucraniana em território na fronteira entre os dois países. A empresa de comunicação social que as divulgou (Mir), afirma que as imagens foram difundidas depois de um ataque informático, que condicionou os conteúdos publicados durante 37 minutos

### Exemplo 3<sup>17</sup>:



No dia 21 de dezembro de 2023, Volodymyr Zelensky visitou os Estados Unidos da América, onde discursou numa sessão do Congresso norte-americano sobre a luta ucraniana para libertar o país da ocupação russa. Durante esta intervenção ofereceu uma bandeira ucraniana, assinada por militares, à presidente da Câmara dos Representantes Nancy Pelosi e a Kamala Harris, a vice-presidente.

17 - Fonte: <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/zelensky-levou-bandeira-da-ucrania-com-simbolo-nazi-na-visita-aos-eua/>

Afirma-se nas redes sociais que a bandeira em causa continha a inscrição “SS”, que significa Schutzstaffel, uma organização militarizada da Alemanha nazi, conhecida por promover ódio racial e cometer crimes de guerra durante a Segunda Guerra Mundial (M. Ferreira, 2023).

No entanto, a fotografia original foi invertida de forma propositada, com a intenção de tornar o número 46, que era a verdadeira inscrição, semelhante ao símbolo “SS”.

#### Exemplo 4<sup>18</sup>



The screenshot shows the top portion of a news article on the 'Estadão Verifica' website. The header includes the site logo, navigation menus for 'Notícias & Editorias', 'Ver & Ouvir', 'Dia a dia', and 'Produtos', a search bar, and a 'ASSINE ESTADÃO' button. The article title is 'Vídeo não mostra Putin criticando Lula após encontro com Zelensky'. Below the title, it states 'Entrevista foi concedida em 2021 e Putin não cita atual presidente do Brasil, nem o da Ucrânia'. A sub-header reads 'Por Projeto Comprova' with a timestamp of '25/09/2023 | 15h07' and an update time of 'Atualização: 25/09/2023 | 15h56'.

Nesta notícia, publicada pelo Estadão, meio de comunicação social brasileiro, é analisado um vídeo de uma entrevista ao presidente russo, Vladimir Putin onde, supostamente, este critica o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, após o encontro com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

O jornal confirma que o vídeo é falso, uma vez que o vídeo que se tornou viral nas redes sociais mostra, na verdade, uma entrevista de Putin à emissora norte-americana CNBC, em outubro de 2021. Vladimir Putin nem sequer menciona os dois presidentes supracitados.

O que levantou esta questão foi a narração em português, que alterou o significado original do que foi dito pelo presidente russo de modo deliberado para compartilhar informação falsa.

A publicação de vídeos em outros idiomas, com supostas traduções para o português, tem um grande potencial para enganar, principalmente quando o idioma falado no conteúdo original não é dominado por muitas pessoas, como é o caso do russo. Nesses casos, desinformadores se aproveitam para criar narrações inverídicas que se encaixem em uma situação sobre a qual queiram desinformar (Comprova, 2023).

18 - Fonte: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/video-nao-mostra-putin-criticando-lula-apos-encontro-com-zelensky/>

## **1.6. Jornalismo de Guerra – conceitos e contextualização**

O foco desta dissertação é a desinformação mediática relativamente ao conflito bélico que decorre entre a Ucrânia e a Rússia e, nesse sentido, o jornalismo de guerra não poderia deixar de ser abordado, levando a uma necessidade de contextualização e à recolha de informações relevantes sobre esta especialização do jornalismo de guerra.

Antes de iniciar a contextualização sobre o jornalismo de guerra em si, é necessário entender o que é, de facto, uma guerra. Nesse sentido baseamo-nos na definição de “Guerra”, estabelecida por Ana Osorio (2018):

Guerra refere-se, na sua aceção mais habitual, à luta armada ou ao conflito bélico entre duas ou mais nações ou bandos. Implica o rompimento de um estado de paz e dá origem a um confronto com todo o tipo de armas e que costuma provocar um elevado número de mortes (Osorio, 2018, p. 4).

Segundo o Comité Internacional da Cruz Vermelha (2008), o Direito Internacional Humanitário distingue os conflitos armados em duas categorias. Os conflitos armados internacionais, em que dois ou mais Estados se enfrentam, e conflitos armados não internacionais, entre forças governamentais e grupos armados não governamentais, ou somente entre estes grupos.

Conforme afirma Vieira (2022), segundo o Protocolo Adicional II<sup>19</sup> (1977), o conflito armado é aquele onde se aplica o Direito Internacional Humanitário. Nos conflitos armados, há uma disputa entre povos, em que um povo luta pela independência contra uma ocupação estrangeira ou regimes racistas. O conflito armado tem como objetivo dominar um território, causando sofrimento, aparente ou não, para que um país tenha hegemonia sobre outro, mostrando ao mundo o seu poder bélico. Os direitos internacionais humanitários e os direitos humanos analisam um conflito internacional desde o seu início, ou seja, começam a partir do primeiro ataque ao território ou às forças militares de um país, justificando-se pela vontade de conquistar aquela região territorial e dominá-la.

Com isto, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia pode ser definido como um conflito armado internacional.

---

19 – Primeiro tratado internacional voltado exclusivamente para as situações de conflitos armados não internacionais.

O jornalismo de guerra assumiu uma importância fundamental, a partir do século XIX, de tal forma que, por exemplo, levou à criação daquela que é a estrutura mais recorrente nesta área: a pirâmide invertida.

A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e porquê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse (Barbosa & Canavilhas, 2007, p. 28).

Segundo Suzana Barbosa e João Canavilhas (2007), este formato noticioso foi criado durante a Guerra da Secessão (1861-1865), nos Estados Unidos da América. Com a grande inovação técnica da época, o telégrafo (1837), criou-se uma oportunidade para os jornalistas enviarem, diariamente, as suas crónicas de guerra. Apesar da nova tecnologia, ainda não existia uma grande fiabilidade técnica e os postos que suportavam os fios do telégrafo eram constantemente destruídos pelos soldados, resultando num sistema não operacional constantemente.

Desde a Antiguidade, era comum que relatórios fossem escritos durante e após os conflitos. Mas com o advento das novas tecnologias, tais como o telégrafo, o telefone, o rádio, o chamado Jornalismo de Guerra se aperfeiçoou em sua prática, incluindo, aliás, novos formatos e linguagens para transmitir aquilo que era visto (e vivido) diretamente dos fronts de batalha para toda a sua audiência distante geograficamente do local do conflito (Teixeira, 2018, p. 2).

Ainda na perspectiva de Barbosa & Canavilhas (2007), de forma a assegurar condições de envio semelhantes para todos, os jornalistas e operadores de telégrafo estabeleceram uma regra de funcionamento que não comprometesse o trabalho destes profissionais. Cada jornalista enviava o primeiro parágrafo do seu texto e, após uma primeira onda, iniciava-se uma nova ronda para todos enviassem o segundo parágrafo do texto.

Com a criação desta nova técnica, os jornalistas passaram a organizar os factos por valor noticioso, contrariamente à técnica anterior, em que organizavam a informação por ordem cronológica. Com a técnica mais recente, a Pirâmide Invertida, batizada por Edwin Shuman, os dados mais importantes passam a estar no início da notícia, permitindo que a informação mais relevante fique sempre à vista do leitor (Barbosa & Canavilhas, 2007, p. 29).

A cobertura das guerras despiu-as da auréola de epopeia, evidenciou o sofrimento e a dor, provocou consequências políticas e militares e intensificou, em certos momentos, a

censura ao jornalismo, mas também suscitou o interesse dos leitores e fez aumentar as vendas (Sousa, 2008, p. 114).

Os repórteres de guerra trazem ao público informações e relatos daquilo que está a acontecer e uma forma mais próxima e real, estando encarregues de noticiar as últimas atualizações da frente de combate.

Segundo Carvalho (2013), pensa-se nesta forma de jornalismo como um género que necessita, por exemplo, de maior contacto com os intervenientes das peças, um maior apelo às emoções do leitor, através dos textos mais indiretos e mais parecidos com o estilo literário. Jornalistas de guerra são homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos géneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos.

Consequentemente, o jornalismo de guerra tem uma responsabilidade acrescida, uma vez que é uma das maiores fontes de informação sobre o conflito, levando a que o público tenha acesso às atualizações e possa entender realmente os acontecimentos, tendo o jornalista o dever de ser verdadeiro e transmitir os conhecimentos de uma forma real e correta.

Se a honestidade não imperar, o jornalista tem nas suas mãos, tal como as tropas que acompanha, uma arma de fogo, capaz de realizar reviravoltas que um simples soldado nunca conseguirá. Porque a palavra de um jornalista é quase sempre atacada como sinónimo da verdade, pelo que um facto contado de forma errónea (seja ou não propositadamente) consegue alterar o rumo dos eventos e também ideais de uma população (Carvalho, 2013, p. 7).

O jornalista desempenha, constantemente, o ato jornalístico, aplicando nele toda a sua fama de competências e saberes, o que lhe confere também uma dimensão autoral, como defende Loureiro (2023).

Relativamente aos relatos de guerra, considera-se que apenas em 1854, na guerra da Crimeia, é que a cobertura mediática deixou de ser totalmente amadora.

Jorge Pedro Sousa (2008) afirma que os melhores jornais pagavam aos soldados estacionados na frente para escreverem sobre as batalhas e os restantes jornais copiavam as notícias dos primeiros. O estilo dos soldados nem sempre era adequado, as informações não eram as mais relevantes e interessantes, e as notícias acabam por chegar com atraso à sede dos jornais.

Assim, quando o conflito da Crimeia começou, nos Balcãs, estendendo-se depois à Crimeia, opondo a França, a Inglaterra e a Turquia à Rússia, o Times, enviou para a frente de batalha o repórter William Howard Russel (Sousa, 2008, p. 114).

Apesar de se acreditar que William Russel foi o primeiro jornalista de guerra, a verdade é que não foi, pois, um ano antes, o *Daily News* tinha enviado para a frente de batalha o jovem jornalista Edwin Lawrence Godkin. Embora abordassem os mesmos temas, as reportagens de Godkin nunca se destacaram nem impactaram, uma vez que as de Russel eram mais dramáticas e sensacionalistas (Sousa, 2008).

O cenário bélico relatado através dos jornalistas deu a conhecer ao mundo a realidade obscura da guerra, uma vez que os repórteres conseguiam entregar os relatos de uma forma bastante rápida para a época, apenas alguns dias após os acontecimentos.

Russel relatou ao povo britânico, através do Times, as péssimas condições em que as tropas inglesas se encontravam, o seu deficiente equipamento e a má organização e, sobretudo, os horrores das batalhas e o sofrimento dos feridos, que muitas vezes morriam por falta de assistência (Sousa, 2008, p. 114).

Jorge Pedro Sousa (2008) também fez menção a outro jornalista de guerra, Chenery, um segundo correspondente do *Times*, que foi enviado para Istambul e narrou aos britânicos as deploráveis condições hospitalares com que, na retaguarda, se debatiam os soldados feridos.

Analisando as repercussões do jornalismo de guerra, Sousa (2008) declara que, como consequência às críticas feitas ao Governo britânico após as reportagens de Russel, em 1855 este foi derrubado no Parlamento. Com uma enorme necessidade de melhorar a imagem do Exército e das autoridades, enviou o fotógrafo Roger Fenton para a Crimeia, com a missão de realizar fotografias de guerra assépticas, sem vislumbre de sentimento, desorganização ou mortos.

O mesmo fizeram os fotógrafos James Robertson e Charles Langlois, que com Fenton, podem considerar-se os primeiros três fotojornalistas de guerra do mundo. Alguns anos passados e também fotojornalisticamente a guerra se iria despir da auréola de epopeia (Sousa, 2008, p. 115).

Segundo Carlos Santos Pereira (2014), - a importância da imagem da imprensa, e em particular na cobertura da guerra, afirmou-se desde a segunda metade do século XIX, confundindo-se com a própria história dos correspondentes e a guerra. A presença de inúmeros

fotógrafos na guerra civil americana e as primeiras imagens de soldados inimigos mortos deu uma nova dimensão ao trabalho jornalístico, bem como a propaganda.

Nesta altura, com a explosão da imprensa e sendo o tema da guerra o assunto mais apetecido da imprensa, os relatos bastante pormenorizados ganhavam rapidamente o estilo de notícia e isentos de qualquer tipo de censura, ainda que publicados com alguns dias de atraso, começaram desde logo a provocar um impacto muito significativo na opinião pública e a preocupar os decisores políticos (Dias, 2014, p. 7).

Ainda na perspetiva de Carlos Santos Pereira (2014), nas duas guerras mundiais assistiu-se a um trabalho particularmente cuidado da imagem. A guerra de 1914-1918 foi amplamente ilustrada por fotógrafos e *war artists*<sup>20</sup>. Com a fotografia a surgir como uma aliada e grande trunfo, por credibilizar os textos e “agitar” a opinião pública, a imprensa sofreu um contratempo com a imposição da censura governamental no início da Primeira Guerra Mundial. Este impacto da fotografia não se fica por aqui, pois

a imagem terá igualmente um papel de grande impacto na cobertura da Guerra Civil de Espanha (1936-1939). No conflito de 1939-45, os militares para evitar que chegassem às famílias dos combatentes imagens angustiantes da situação dos seus próximos – nas filmagens de cena de guerra só os inimigos mortos era mostrados e, mesmo esses sem grande detalhe (Pereira, 2014, p. 156).

Segundo Carvalho (2013), no início do século XX os jornais publicavam quantidades avultadas de informação, mas também com uma liberdade considerada exagerada por parte dos Estados envolvidos nos conflitos, e com a primeira grande guerra prestes a eclodir, consideravam que algo tinha de ser feio para o travar. Enquanto os *media* viam o seu poder aumentar, os governos começam a vê-lo como um problema e, por isso, ainda que os avanços para a especialização tenham sido gigantescos, não correram como previsto.

Ainda na perspetiva de Carvalho (2013), a imprensa continuava a ser o meio por excelência. Com o auxílio do telégrafo e do telefone, o *medium* mais antigo conseguia manter um nível constante de informação e, por consequência, entregava os seus leitores a maior fatia de notícias entre os vários meios de comunicação. As fotografias eram o maior trunfo dos

---

20 – Um artista de guerra é um artista comissionado por um governo ou publicação, ou automotivado, para documentar a sua experiência de guerra em primeira mão sob a forma de um registo ilustrativo ou de uma descrição de como a guerra molda vidas.

jornais, já que aliadas às grandes ilustrações davam credibilidade aos textos e representavam em papel o que estava a acontecer no campo de batalha.

O jornalismo impresso, apesar de ter sido o primeiro a compartilhar histórias bélicas, começou a perder o seu papel central na informação destes conteúdos. Na primeira parte do século XX não havia internet, porém o texto, a fotografia, o som e o vídeo já faziam parte do quotidiano, e tal como nos tempos atuais, eram usados para fazer jornalismo.

A rádio, apesar de ter surgido em 1906, só se tornou um “rival” para o jornalismo impresso em 1939, tendo a capacidade para lhe retirar o seu protagonismo.

A introdução da rádio no jornalismo de guerra teve o impacto esperado: a novidade do som, que ainda se estava a enraizar e a expandir como meio, trouxe a competição para as portas da imprensa. Ainda que o papel tivesse mantido a “excelência” da informação, a rádio lutou pelo primeiro lugar com denodo, pois a seu favor estava um fato que a imprensa não podia igualar: a proximidade que o som proporciona, e com a qual nem a fotografia rivalizava (Carvalho, 2013, p. 14).

De acordo com a perspetiva de McLaughlin (2002), a novidade da voz e do som leva ao aparecimento de um novo grupo de correspondentes de guerra especializados na descrição, o que à semelhança do que aconteceu com o aparecimento do telégrafo, acarretou uma nova adaptação de linguagem utilizada. O novo meio obrigou os repórteres a uma abordagem que entregasse aos ouvintes tanto palavras como imagens, para além de criar um tipo de intimidade que funcionava tanto para as massas como para a audiência individual.

Carlos Pereira (2014) refere também que a cobertura mediática dos confrontos miliares entrou numa nova era aquando da cobertura do conflito bélico no Golfo. As guerras viviam-se, doravante, em “direto”, ficando por isso diretamente expostas aos olhares do mundo e à influência da opinião pública. Além disso, o autor argumenta que a batalha passou definitivamente a travar-se tanto no ecrã como no terreno e a gestão das imagens passou a ser um elemento primordial na gestão dos conflitos, e na condução das próprias ações militares.

Citando Gabriela Francis e *Dunja Mijatović*, Ana Damázio (2023) afirma que os jornalistas no terreno contribuem para a compreensão da crise durante o conflito armado e os seus desdobramentos, mas também denunciam abusos e violações dos direitos e expõem o lado mais humano da guerra, afirmando também que é graças aos jornalistas que as graves violações dos direitos humanos, os crimes de guerra e outras atrocidades são tornados públicos.

Assim, tendo em conta estes pressupostos, é possível afirmar que o jornalismo de guerra não se trata apenas de uma ferramenta de informação, mas também acaba por ser uma testemunha crucial dos conflitos que têm devastado o mundo.

Com esta contextualização, foi possível entender de uma forma mais aprofundada o papel do jornalismo e dos media, abordando-se de seguida a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, tendo como objetivo compreender o porquê deste conflito bélico, bem como analisar as suas consequências devastadoras, tendo em conta o tema deste projeto de investigação.

### 1.7. Rússia e Ucrânia: contextualização

Uma vez que o tema desta dissertação tem como base a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, é essencial um capítulo que explique os acontecimentos que levaram ao conflito bélico que decorre desde 24 de fevereiro de 2022, mas que remonta à época da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), tendo-se agudizado depois da anexação da Crimeia, por parte da Rússia, em 2014.

### 1.8. A URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Antes do declínio da União Soviética em 1991, existia um mundo bipolarizado, no qual havia duas superpotências mundiais, sendo que uma representava o capitalismo<sup>21</sup> (Estados Unidos da América), e outra representava o socialismo<sup>22</sup> (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), ambas apoiadas por outros países (Dellagnezze, 2022).

A união Soviética surge em 1922, após a vitória dos *bolcheviques*, na Revolução Russa de outubro de 1917. A URSS era composta por várias repúblicas socialistas, tendo cada uma a sua identidade política e cultural, mas todas respondiam ao governo central de Moscovo.

Após a II Guerra Mundial, a União das Repúblicas Soviéticas “encontrava-se na sua maior expressão” (Dellagnezze, 2022), chegando a ser composta por 15 repúblicas: Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Estónia, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Letónia, Lituânia, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Turquemenistão, Ucrânia e Uzbequistão, e ocupava um território de 22,4 milhões de Km<sup>2</sup>, englobando cerca de 300 milhões de habitantes.

Seguindo o raciocínio de Dellagnezze (2022), no governo de Josef Stalin (1924-1953), a URSS consolidou-se politicamente num regime de partidos únicos, centralizado e autoritário, substituindo a ditadura *czarista* anterior, por uma ditadura burocrática do Partido Comunista da União. Os burocratas, maioritariamente russos, eram os que realmente controlavam o destino e as decisões da URSS, baseada numa economia planificada, em que os meios de produção eram realizados pelo Estado.

---

21 - Designa um modelo de organização social e económica, sendo também usado, num plano histórico, como a antítese do socialismo. Diferencia-se deste pelo seu carácter descentralizado, pela sua motivação pelo lucro, baseando-se na propriedade privada, na livre iniciativa - possibilidade de qualquer indivíduo criar fontes de rendimento -, tendendo para uma economia de mercado, de livre empresa, vocacionada para o lucro.

22 - É uma filosofia política, social e económica que abrange uma gama de sistemas económicos e sociais caracterizados pela propriedade social dos meios de produção. Os tipos de socialismo variam com base no papel dos mercados e do planeamento na alocação de recursos e na estrutura da gestão de organizações.

Em 1985, com a entrada de Mikhail Gorbachev no Poder Central, a União Soviética passou por mudanças políticas, económicas e sociais, tendo este proposto dois planos de recuperação para os problemas que enfrentavam: a *perestroika* (reestruturação) e a *glasnot* (transparência).

No ano de 1989, foram experimentadas as primeiras eleições livres no mundo socialista, com vários candidatos e com a mídia livre para discutir. Ainda que, muitos comunistas tivessem tentado impedir as mudanças, a *perestroika* e a *glasnot* de Gorbachev, tiveram grande efeito positivo na Sociedade socialista. Assim, o regime socialista começou a perder a força política (Dellagnezze, 2022, p. 19).

A Polónia e a Hungria negociaram eleições livres, e na Checoslováquia, na Bulgária, na Roménia e na Alemanha Ocidental, existiram revoltas em massa, de modo a exigir o fim do regime socialista. “O ponto culminante foi a queda do Muro de Berlim, em 09 de novembro de 1989, que pôs fim à Cortina de Ferro e, para alguns historiadores, o fim da Guerra Fria em si” (Dellagnezze, 2022, p. 19).

Segundo Paulino Rodrigues (2006), o processo que levou ao colapso da URSS aparentou uma combinação de revoluções progressivas ou mobilizações democráticas, com a implosão ou desintegração de um sistema político ultrapassado, no qual já não cabiam as forças produtivas e sociais que se desenvolviam.

Entre 1987 e 1991, Gorbachev e a equipa que dispunha ao seu lado tentavam atender à reclamação social reprimida por décadas, pois

os novos dirigentes pretendiam a transformação do modelo socialista soviético. De outro, com a liberdade de expressão e organização concedida pelo alto (...), a oposição tornava-se cada vez mais robusta e alguns setores passaram a propugnar o abandono do socialismo e o redirecionamento abrupto da União Soviética em direção a uma sociedade nos moldes liberais (Munhoz, 2018, p. 460).

Ainda na perspetiva de Munhoz (2018), os resultados da experiência realizada por Gorbachev não foram sempre positivos, como era pretendido pelos arquitetos da *perestroika*, uma vez que havia muita resistência em diferentes segmentos da sociedade. No entanto, relativamente à *glasnot*, houve uma restrição do poder político de Gorbachev, derivada da abertura política, da transparência e do estímulo à crítica ao sistema pelos cidadãos.

A partir de agosto de 1991, após um golpe fracassado contra Gorbatchev, “planejado inclusive por alguns homens por ele indicados para o governo, a sua margem de manobra ficou ainda mais reduzida” (Munhoz, 2018, p. 461).

A 8 de dezembro de 1991 deu-se o fim da URSS, com a Rússia, Bielorrússia e a Ucrânia a formarem a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). A 21 de dezembro, doze das quinze Repúblicas Soviéticas, subscreveram a Comunidade dos Estados Independentes, decretando de vez o final da URSS (Dellagnezze, 2022).

Segundo a análise de Carretero (2024), a Ucrânia foi o primeiro grande desafio de Vladimir Putin, sendo que o mandatário russo afirmou, em 2021, que a antiga república soviética era um Estado artificial e que a Rússia “foi, de facto, despojada”, quando a Ucrânia se tornou um Estado independente, em 1991.

Gideon Rachman, analista do Financial Times, citado por Carretero (2024), considera que “a facilidade com que Putin anexou a Crimeia e a rapidez com que o Ocidente parecia disposto a perdoar, pode ter criado as bases para uma confiança injustificada, o que levou à invasão da Ucrânia”.

Além da Ucrânia, os objetivos estratégicos do presidente russo concentram-se em diversos cenários, e

talvez o mais importante para a Rússia seja a região do mar Ártico, uma vez que os seus arquipélagos e as águas em processo de descongelamento progressivo favorecem a exploração de diversos recursos naturais. Além disso, a parte mais importante da produção de gás russo advém do mar Ártico (Carretero, 2024, p. 120).

### **1.8.1. A Rússia**

A Rússia é considerada o maior país, em termos de extensão territorial, existindo geograficamente em dois continentes, sendo eles a Europa e a Ásia. Apesar de ser um dos países com maior densidade populacional, apresenta uma baixa demográfica (Domingos, 2021). O território da Rússia é de 17.124.442 Km<sup>2</sup>, tendo uma população de 145 milhões de pessoas, cuja capital é Moscovo e o seu atual presidente é Vladimir Putin.

Até 1988 era a Rússia que liderava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e atualmente, segundo Dellagnezze (2022), conta com 660.000 integradas das Forças Armadas, compostas pelo Exército (321.000), a Marinha (155.000), e a Aeronáutica (184.000), tendo em vista proteger a população russa. Segundo o Diário de Notícias (2023), “as despesas com o setor

da Defesa na Rússia vão aumentar 68% em 2024, em comparação com o ano anterior, atingindo 10.800 mil milhões de rublos, divisa russa: 106 mil milhões de euros à taxa de câmbio atual.”

23

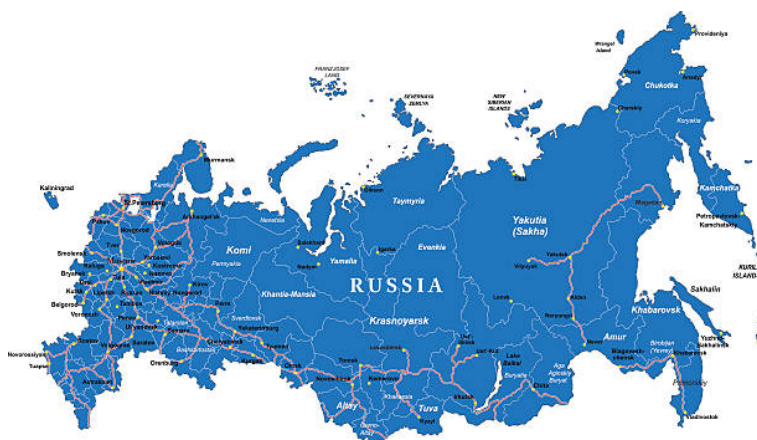


Figura 5 - Mapa da Rússia

### 1.8.2. A

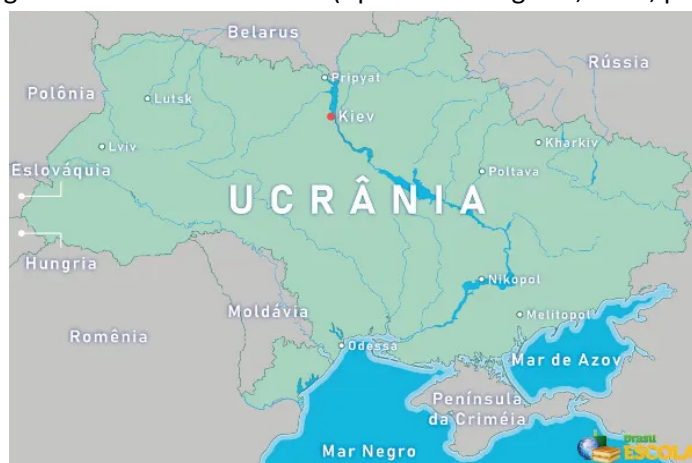
### Ucrânia

A Ucrânia é uma República Constitucional Semipresidencialista. É um país da Europa Oriental, que faz fronteira com a Rússia, a Leste e a Nordeste; a Noroeste faz fronteira com a Bielorrússia e a Oeste ficam a Polónia, a Eslováquia e a Hungria. Já a Sudeste encontra-se a Roménia e a Moldávia. O Mar Negro e o Mar de Ozov, ficam a Sul e a Sudeste, respetivamente.

Possuindo um território de 603.628 Km<sup>2</sup>, torna-se o maior país do continente europeu, tendo uma população de 42 milhões de pessoas, sendo a capital ucraniana Kiev, e o atual presidente é Volodymyr Zelenski.

O nome Ucrânia refere-se à antiga palavra russa okraina, que significa periferia, conforme fontes escritas do século XII, referindo-se a vários territórios fronteiriços. A palavra ucraniano, a julgar pelos documentos de arquivo, originalmente se referia aos que protegiam as fronteiras externas (Aparecido & Aguilar, 2022, p. 2).

24



23 - Fonte: <https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/mapa-da-r%C3%BAssia-gm174283671-25931241>

24 - Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/ucrania.htm>

Figura 6 - Mapa da Ucrânia.

### **1.9. O conflito bélico**

De uma forma mais prática e de modo a contextualizar a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, Vasco Domingos (2021) realizou uma sequência por ordem cronológica dos acontecimentos que levaram a este momento delicado que se vive nestes dois territórios.

Tudo se iniciou em 1990, quando a Rússia e a Ucrânia se tornaram territórios independentes. Em dezembro de 1991, a Ucrânia, a Rússia e a Bielorrússia assinaram acordo que selava o final da União Soviética, mesmo com Moscovo a pretender manter a sua influência na região, através da Comunidade dos Estados Independentes.

Passado seis anos, em 1997, a Rússia e a Ucrânia assinaram um tratado de Amizade, Cooperação e Parceria, através do qual Moscovo reconhecia as fronteiras oficiais da Ucrânia, incluindo a Península da Crimeia, a região que abrangia uma população maioritariamente russa.

Em 2004 acontece a “Revolução Laranja”, nas eleições presidenciais ucranianas que, segundo Carmona (2022), se denominou desta forma pela cor que simbolizava a campanha do candidato da oposição Viktor Yushchenko. Este evento desencadeou as chamadas “Revoluções Coloridas”, uma série de acontecimentos em cascata, ocorridos em países do entorno russo, visando à destabilização política de governos pró Moscovo.

Em 2004, ano de eleições e da Revolução Laranja, percebeu-se a clara divisão da Ucrânia entre leste e oeste. No Oeste estão, predominantemente, os falantes de ucraniano e no Leste de russo (Aparecido & Aguilar, 2022).

Em 2013, o presidente da Ucrânia, Viktor Yushchenko, manifestou interesse em assinar um Acordo de Livre Comércio com a União Europeia (EU), mas pressionado por Vladimir Putin, nada foi assinado. Deste modo, iniciou-se uma onda de protesto que levou à queda de Viktor Yushchenko, e aproveitando a lacuna que se abriu, Vladimir Putin atacou a Crimeia em 2014. No mesmo ano, foi assinado o acordo de Minsk, elaborado pela Ucrânia, Rússia e a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE), tendo em vista a facilitação do diálogo e a resolução das disputas terrestres no Leste e no Sul da Ucrânia, tendo envolvido também representantes das repúblicas populares separatistas de Donetsk e Lugansk, confederadas na Federação Russa (Dellagnezze, 2022).

A 20 de maio de 2019, foi eleito o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que afirmou no seu discurso eleitoral “que a sua primeira tarefa seria acabar com o conflito no Leste do País” e prometeu proteger a soberania e a independência da Ucrânia (Dellagnezze, 2022, p. 33).

Acrescentou o Presidente Volodymyr Zelensky, que o diálogo com a Rússia, só poderá ocorrer após a devolução do território ucraniano ocupado e o retorno de prisioneiros de guerra, e prometeu pressionar o Presidente russo, Vladimir Putin, a acabar com a ocupação russa na região de Donbass (Dellagnezze, 2022, p. 33).

Conforme afirma Mielniczuk (2022), a chegada ao poder de Volodymyr Zelensky, no mesmo ano em que os americanos se retiraram do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermédio (INF - *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*), foi mais um elemento a determinar o desenlace dos acontecimentos iniciados em fevereiro de 2022.

No dia 18 de janeiro de 2022, a Rússia iniciava as suas manobras e enviava soldados para a Bielorrússia e, nesse mesmo dia, Washington anunciou um apoio financeiro de 200 milhões de dólares americanos para a Ucrânia, como forma de segurança adicional. No dia 21, o secretário de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), Antony Blinken, em conjunto com o ministro russo das relações exteriores, Sergey Lavrov, encontram-se em Genebra para ganhar algum tempo, enquanto o ministro russo afirmava que não iriam atacar a Ucrânia.

Ainda em janeiro de 2022, no dia 24, a tensão voltou a aumentar, tendo os EUA admitido que existia a possibilidade de enviar militares para a Europa Oriental e para os países bálticos.

A OTAN anunciou reforçar o seu flanco oriental, enquanto a Rússia denunciou a «histeria» do Ocidente e iniciou novas manobras militares perto da Ucrânia e na Crimeia. Para o Kremlin, sede do governo da Rússia, a responsabilidade pela tensão no Leste Europeu recaí sobre os EUA e os seus aliados (Domingos, 2021, p. 21).

No dia 12, a Ucrânia relatou que os alertas dos Estados Unidos da América, relativamente à agressão russa, instalaram o pânico e, nesse mesmo dia, Moscovo lançou novos exercícios navais no Mar Negro e anunciou que reduziria a sua presença diplomática em Kiev.

A 21 de fevereiro o mundo começou a desconfiar que a Casa Branca poderia ter razão: o Presidente russo proferiu um discurso em que descreveu o *casus belli*, justificando a intervenção militar especial que se ia seguir com a não existência soberana da Ucrânia, e o seu uso, por parte do Ocidente – especialmente dos EUA -, para pôr em causa a segurança e, quem sabe, até a própria integridade russas (Soller, 2023, p. 77).

Porém, na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin anunciou uma operação militar no Donbass, alegando ataques e opressões por parte de Kiev, e apontou que o seu objetivo seria “desmilitizar e desnazificar a Ucrânia”.

## Capítulo 2 – Investigação Empírica

### 2.1. Metodologia

Nesta dissertação pretende-se analisar, compreender e estudar a desinformação nos *media* em Portugal, tendo como base a guerra da Ucrânia. Desta forma, para atingir esses objetivos, desenhou-se um caminho metodológico baseado na análise a dois meios de comunicação social portugueses, o jornal Público e a TVI/CNN. Além da análise noticiosa, para ajudar a interpretar a desinformação no caso português, foram realizadas quatro entrevistas a diferentes jornalistas, de diversos meios de comunicação social.

Realizou-se uma análise de conteúdo, mais especificamente, uma análise noticiosa aos meios de comunicação social portugueses Jornal Público e TVI/CNN, de modo a verificar se existe desinformação nos *media* relativamente ao caso da guerra na Ucrânia.

A análise de conteúdo teve origem nos Estados Unidos, tendo sido uma das consequências das duas grandes guerras mundiais. O governo norte-americano convidou analistas do Departamento de Ciências Políticas a desmascararem os jornais suspeitos de propaganda subversiva. Assim, o início da análise de conteúdo ficou marcado pela análise da imprensa e de propaganda, sendo Lasswell o autor mais marcante (Mendes, 2018).

Na perspetiva de Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa utilizada de modo a relatar e interpretar o conteúdo de diversos documentos e textos.

Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além da leitura comum (Moraes, 1999, p. 2).

Na perspetiva de Márcia Cardoso, Guilherme Oliveira e Kelma Ghelli (2021), a análise de conteúdo é uma opção mais diversificada, quando o objetivo do estudo se baseia em analisar os dados provenientes da comunicação, procurando compreender os significados e os sentidos das mensagens que vão além de uma leitura comum.

A análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa, desempenha um importante papel nas investigações no campo das pesquisas sociais, já que analisa com profundidade a questão da subjetividade, ao reconhecer a não neutralidade entre pesquisador, objeto de pesquisa e contexto. O que não a descredencia no aspecto da validade e do rigor científicos, já que tem status de metodologia, com princípios e regras bastante sistematizados (Cardoso et al., 2021, p. 3).

Laurence Bardin, em citação realizada por Cardoso et al. (2021) mencionam as características principais para realizar uma análise de conteúdo, sendo que a primeira se centra na pré-análise. Nesta fase, existem três etapas a serem cumpridas. A escolha dos documentos para analisar (*corpus*), a formulação das hipóteses e dos objetivos, e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

A primeira tarefa do analista é a leitura de todos os materiais a analisar para decidir quais deles, efetivamente, estão de acordo com os objetivos da pesquisa. Nem todos os documentos selecionados inicialmente farão parte da amostra (Cardoso et al., 2021, p. 7).

A segunda tarefa para a realização da análise de conteúdo é a formulação das hipóteses e dos objetivos. Uma hipótese pode ser considerada uma afirmação provisória que o pesquisador se propõe a verificar, recorrendo aos procedimentos de análise. Nada mais é do que uma suposição, cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova. Relativamente aos objetivos, estes ajudam a delimitar os dados significativos para uma determinada pesquisa.

Por fim, a terceira tarefa, baseia-se na referenciação dos índices e na elaboração de indicadores. O trabalho preparatório é baseado na escolha dos índices que a análise irá retratar, tendo como base as hipóteses e a sua organização sistemática.

A finalidade da análise e interpretação dentro de uma pesquisa qualitativa é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais do tema que se quer investigar. Não se quer saber de opiniões isoladas. Por isso, que as mensagens devem estar ligadas a outros dados, sob pena de ser uma mensagem puramente descritiva (Mendes, 2018, p. 10).

Para complementar esta análise de conteúdos, foi escolhido um segundo método, o da realização de entrevistas que, para Judith Bell (1997), tem como vantagem a sua adaptabilidade, acreditando que um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas e investigar motivos e sentimentos.

Segundo Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (1995), as entrevistas distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana, permitindo ao investigador retirar informações e elementos de reflexão ricos e diversos.

Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 96).

No caso concreto desta dissertação, poderá afirmar-se que as entrevistas realizadas se inserem na categoria de “entrevista centrada” ou *focused interview*, uma vez que, segundo Quivy & Campenhoudt, têm por objetivo analisar o impacto de um acontecimento, mais especificamente a desinformação no contexto do conflito bélico entre a Ucrânia e a Rússia. Ao longo das entrevistas foram colocadas perguntas, subdivididas em tópicos precisos relativos ao tema em estudo.

Ainda conforme Quivy & Campenhoudt (1995), as principais vantagens da realização de entrevistas centram-se no grau de profundidade dos elementos recolhidos, bem como

a flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 96)

As entrevistas foram realizadas através de um guião predefinido e, desta forma, inserem-se no modelo de entrevista semidirigida.

Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 97).

Como indica Judith Bell (1997), as entrevistas foram realizadas conforme as seguintes regras e conselhos: preparação dos tópicos e apontamentos em fichas, de forma a poder decidir a ordem das perguntas assim que fossem considerados todos os assuntos abordados. As perguntas foram alinhadas por uma ordem específica, de modo a estabelecer uma maior praticidade para a entrevistadora, bem como praticar a entrevista e a gestão do tempo, para garantir que a entrevista seria clara, e colocar o entrevistado à vontade.

### 2.1.1. Instrumentos de recolha de dados

Para ser possível iniciar a primeira parte deste capítulo, foi necessário realizar vários tipos de pesquisa. Antes de mais foi necessário entender o que seria pesquisado, o objetivo desta pesquisa e quais seriam os resultados pretendidos.

A pesquisa realizada tem como objetivo investigar se, de facto, existe algum tipo de desinformação nos meios de comunicação social em Portugal, relativamente ao caso da Guerra na Ucrânia e caso a pesquisa nutra resultados positivos, quais os meios que compartilham informações falsas, quais as informações partilhadas e de que modo foram abordadas pelo meio de comunicação social.

A pesquisa foi realizada através do Google Chrome, na opção de pesquisa avançada, e foi efetuada compreendendo um intervalo de tempo entre fevereiro de 2022, uma vez que se trata da data de início do conflito, até julho de 2024. O número total de artigos identificados foi de 24, cinco dos quais surgiram através de pesquisa avançada com cinco conceito-chave: «*fake news* guerra da Ucrânia», «*fake news* Rússia», «*deepfakes* guerra da Ucrânia», «informações falsas Ucrânia», «informações falsas Rússia». As restantes pesquisas foram feitas através de títulos noticiosos de informações veiculadas em meios de comunicação social, bem como diretamente pesquisado nos *websites* de órgãos de comunicação social, *fact-checkers*, tanto portugueses como brasileiros.

Os títulos noticiosos pesquisados diretamente foram os seguintes, «Fantasma de Kiev», «Cadáveres em movimento na localidade de Bucha», «Steven Seagal Ucrânia». Também foram realizadas pesquisas através de diversos meios de *fact-checking*<sup>25</sup>. Também foram feitas pesquisas através dos *websites* de diversos meios de comunicação social, tais como o Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Público, TVI, RTP, CNN, Expresso, BBC Portugal e em portais como ZAP e Sapo. Além destes, foram utilizados outros meios brasileiros, como a BBC Brasil, o Jornal O Globo e o portal UOL. Também foram usados meios como a Euronews<sup>26</sup> e DW<sup>27</sup>.

Em suma, no total foram identificados 24 exemplos de informações falsas, mas depois de criados critérios de inclusão/exclusão foram selecionadas apenas quatro notícias para prosseguir com a análise noticiosa. Nestes critérios de inclusão/exclusão foram descartadas as

---

25 - Polígrafo, Observador e a Prova dos Factos.

26 - A Euronews é uma rede de estações televisivas de informação pan-europeia, fundada em 1993 e sediada em Lyon, em França.

27 - Deutsche Welle é uma empresa pública de radiodifusão da Alemanha, com sedes em Bonn e Berlim, que transmite para o exterior programas de rádio, além de oferecer uma programação televisiva e um amplo portal de conteúdo online em 30 línguas.

informações falsas compartilhadas através de redes sociais (anexo 1) e não diretamente por um meio de comunicação social, apesar de, em vários casos, visarem os *media*, através de *deepfakes* (anexo 2). Nestas duas categorias, informações falsas divulgadas nas redes e *deepfakes*, encontrava-se a maior parte dos artigos identificados na pesquisa já explicada anteriormente, chegando-se assim a um número reduzido de casos em que os *media* são os próprios divulgadores de informação falsa, que irão ser apresentados na análise noticiosa que se segue, e que serão o foco do próximo capítulo.

Para obter resultados mais fidedignos, os quatro casos de desinformação encontrados vão ser analisados em dois órgãos de comunicação específicos: o jornal Público e a TVI (telejornal e na TVI Notícias), de modo a verificar se:

- H0: Os meios de comunicação social portugueses não noticiam esta (des)informação;
- H1: Os meios de comunicação social noticiam errado e corrigem mais tarde;
- H2: Os meios de comunicação social noticiam errado e não corrigem;
- H3: Os meios de comunicação social noticiam apenas quando a verdade é reposta.

Relativamente à segunda abordagem metodológica desta dissertação, foram realizadas quatro entrevistas a jornalistas, de modo a perceber de que forma é vista a desinformação nos *media* em Portugal, sobretudo quando enquadrada na temática de conflitos bélicos, como é o caso da Guerra na Ucrânia.

As entrevistas realizadas no âmbito deste estudo contaram com a participação de quatro jornalistas especializados na secção de Internacional, de diferentes meios de comunicação social portugueses. A escolha destes profissionais deveu-se à experiência em jornalismo internacional, o que lhes confere uma visão mais aprofundada sobre o tema que se encontra em análise. Neste estudo participaram Catarina Vasconcelos, jornalista do jornal Expresso; Ricardo Alexandre, jornalista e editor da secção de Internacional da rádio TSF (rádio privada e temática de informação) e comentador na televisão SIC; Pedro Miguel Costa, jornalista repórter da SIC (canal privado português, que conta também com o canal exclusivo de notícias, a SIC Notícias) e Nuno Amaral, jornalista repórter da rádio Antena 1 (rádio de serviço público, do grupo RTP).

A escolha para entrevistar estes profissionais centrou-se na relevância das funções que realizam enquanto jornalistas, uma vez que o tema desta dissertação se foca numa guerra internacional, e tendo em consideração os desafios específicos que cada um dos jornalistas enfrenta na cobertura deste assunto, bem como a capacidade de analisar e informar os leitores

e ouvintes sobre aquilo que é vivido fora do país em contexto de guerra enquanto profissional dos *media*.

As entrevistas foram realizadas através da plataforma *Zoom*, visto que foi a forma mais adequada tendo em conta os horários dos jornalistas, e pela praticidade de conversar com os estes profissionais que se encontram noutras cidades de Portugal. Para a condução das entrevistas semiestruturadas, foi utilizado um guião que visava abordar os principais pontos de interesse deste estudo, de uma forma clara e organizada, permitindo realizar o mesmo tipo de questão a todos os entrevistados e, ao mesmo tempo, adaptar questões à medida que as respostas foram sendo dadas ([Anexo I](#)).

Após a realização das entrevistas, foi realizada uma transcrição integral de todas as respostas ([Apêndices](#)), permitindo uma análise rigorosa e detalhada de todas as informações reveladas pelos jornalistas. A análise das respostas seguiu uma abordagem temática, na qual as informações fornecidas foram agrupadas em quatro categorias específicas: jornalismo, desinformação, combate à desinformação e experiências profissionais dos jornalistas. Desta forma, foi possível identificar padrões que emergiram das entrevistas e verificar a visão de cada jornalista relativamente ao grupo temático em questão.

## Capítulo 3. Apresentação, análise e discussão de dados

### 3.1. Resultados da análise noticiosa

#### A. Reportagem falsa com refugiados ucranianos, atribuída à Euronews, difundida por canais pró-Kremlin

No primeiro exemplo retratado, é informado através da Euronews que o meio de comunicação não produziu e não publicou uma reportagem que mostrava, falsamente, militares ucranianos a agredir um homem, na Alemanha. Alegadamente, os soldados ucranianos teriam agredido este homem por terem confundido a bandeira da Eslovénia com a bandeira da Rússia.

Na informação partilhada no site da Euronews, afirma-se que

foi partilhada online uma captura de ecrã que dizem mostrar uma reportagem da Euronews que fala de refugiados ucranianos, na Alemanha, que atacaram um homem que pendurou uma bandeira eslovena, acreditando que se tratava de uma da Rússia. Os gráficos e o formato da Euronews foram utilizados sem o nosso consentimento. Iremos tomar as medidas necessárias para que este seja eliminada de todas as plataformas e estamos a investigar, ativamente, a origem desta notícia falsa (Euronews, 2023).



<sup>28</sup> Figura 7 - Printscreen Euronews "Reportagem falsa com refugiados ucranianos atribuída à Euronews, difundida por canais pró-Kremlin".

Relativamente aos meios de comunicação social portugueses em destaque nesta análise, o jornal Público e o telejornal da TVI não noticiaram esta informação, concluindo que se inserem na hipótese H0.

<sup>28</sup> - Fonte: <https://pt.euronews.com/2023/08/29/reportagem-falsa-com-refugiados-ucranianos-atribuida-a-euronews-difundida-por-canais-pro-k>

## B. “Fantasma de Kiev”. O militar que teria derrubado 40 aviões russos é, afinal, um mito

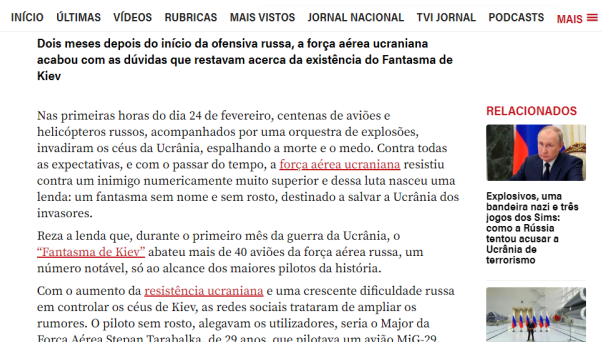
Nesta notícia, compartilhada pela RTP Notícias, lê-se que a lenda do “Fantasma de Kiev” era, supostamente, um piloto ucraniano que teria derrubado 40 aviões russos. Esta informação foi desmentida pela Força Aérea ucraniana, não passando apenas de um mito, criado para “elevar a moral” durante a guerra contra a Rússia.

Segundo a RTP Notícias (2022), a história era parte de uma estratégia de propaganda, com vídeos falsos e imagens de simuladores de voo. A Ucrânia confirmou que o “Fantasma” simboliza o espírito coletivo dos pilotos ucranianos.



29 Figura 8 - Printscreens RTP Notícias «“Fantasma de Kiev”. O militar russo que teria derrubado 40 aviões russos é, afinal, um mito»

30 Relativamente aos meios que se encontram em análise, a TVI Notícias também compartilhou a informação do “Fantasma de Kiev”, mas apenas noticiaram a informação quando a verdade foi reposta.



29 - Fonte: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fantasma-de-kiev-o-militar-que-teria-derrubado-40-avioes-russos-e-afinal-um-mito\\_n1402283](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fantasma-de-kiev-o-militar-que-teria-derrubado-40-avioes-russos-e-afinal-um-mito_n1402283)

30 - Fonte: <https://tvi.iol.pt/noticias/guerra/ucrania/como-nasceu-a-lenda-do-fantasma-de-kiev-o-piloto-que-teria-abatido-mais-de-40-avioes-russos-as-pessoas-precisam-de-mitos-herois-e-lendas/20220502/626fad820cf2f9a86ea19c7f>

Figura 9 - Printscreen TVI Notícias «"Como nasceu a lenda do Fantasma de Kiev, o piloto que teria abatido mais de 40 aviões russos? "As pessoas precisam de mitos, heróis e lendas"»

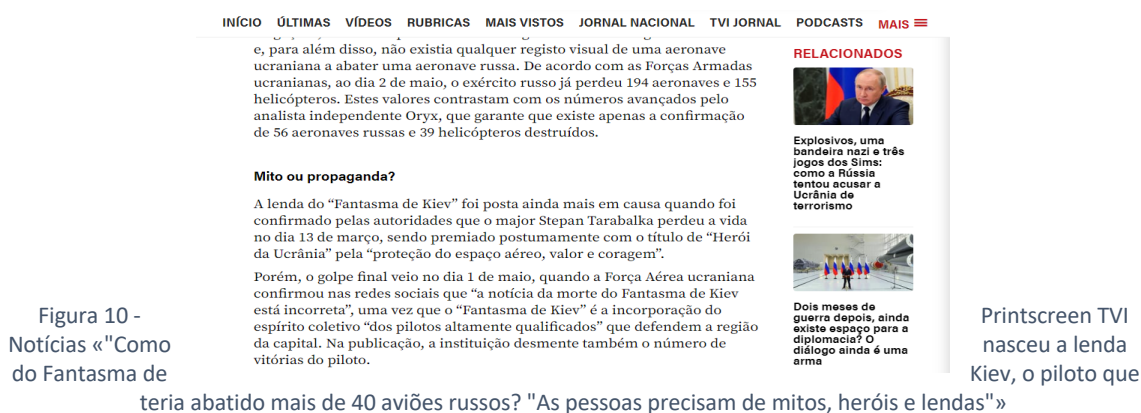


Figura 10 - Notícia «"Como do Fantasma de

teria abatido mais de 40 aviões russos? "As pessoas precisam de mitos, heróis e lendas"»

Assim, no caso da TVI Notícias, esta notícia insere-se na H3. Já o jornal Público insere-se na hipótese H0, uma vez que não noticiou a informação.

### C. A desinformação na entrevista feita por Tucker Carlson a Vladimir Putin

A 8 de fevereiro de 2024, Tucker Carlson realizou uma entrevista a Vladimir Putin, na qual, segundo a Euronews, foram reveladas inúmeras informações falsas.

Conforme se pode ler na publicação realizada pela Euronews (2024), nesta entrevista polémica, Putin voltou a afirmar que a Ucrânia começou a guerra e que a Rússia quer acabar com ela, porém é uma das primeiras afirmações falsas do presidente russo, uma vez que a Rússia começou a guerra em 2014, quando anexou a Crimeia e mais tarde ocupou partes das regiões ucranianas de Donetsk e Luhansk.

Nos primeiros 30 minutos da entrevista, Putin argumentou contra a soberania da Ucrânia e afirmou que o país era, historicamente, parte da Rússia. Mas é um facto que a Ucrânia é um Estado soberano, reconhecido pelos membros da ONU, incluindo a própria Rússia. A história secular da Ucrânia está estabelecida (Thomas & Euronews, 2024).

Relatado pela Euronews (2024), Putin também afirmou que o conflito é necessário para aquilo a que chamou "desnazificar a Ucrânia", para proteger os falantes de russo, e disse ainda que os ucranianos se consideram russos, o que é falso, pois a Ucrânia mantém-se firme na libertação de todo o território ocupado e na prossecução do seu próprio caminho, rejeitando qualquer interferência russa.

Apesar de o presidente russo relatar inúmeras informações falsas, este não foi o único a fazê-lo. Ao anunciar a entrevista, Tucker Carlson disse que era o único jornalista ocidental a

tentar contactar Putin desde o início da invasão em grande escala da Ucrânia. E isto não é verdade, uma vez que não só vários jornalistas afirmaram que os seus pedidos para entrevistar Putin foram repetidamente rejeitados, como até o Kremlin refutou a afirmação.

31



Figura 11 - Printscren Euronews "A desinformação na entrevista feita por Tucker Carlson a Vladimir Putin"

Relativamente aos meios de comunicação portugueses em análise, o jornal Público também publicou uma notícia sobre a entrevista realizada por Tucker Carlson ao presidente russo. A informação partilhada pelo Público também segue a linha escolhida pela Euronews, uma vez que não partilha as informações falsas relatadas por Vladimir Putin, mas descreve o que é dito tanto pelo presidente, como pelo entrevistador. O periódico menciona, também, que Tucker Carlson emitiu informações falsas, quando revelou que foi o único jornalista a querer entrevistar Vladimir Putin, o que foi desmentido mais tarde.

<sup>32</sup>Neste caso específico, o jornal Público insere-se na hipótese H3, uma vez que noticia a informação com a verdade reposta.



31 - Fonte: <https://pt.euronews.com/my-europe/2024/02/13/a-desinformacao-na-entrevista-feita-por-tucker-carlson-a-vladimir-putin>

32-Fonte:[https://www.publico.pt/2024/02/09/mundo/noticia/entrevista-putin-tucker-carlson-mostra-morrem-democracias-2079858?access\\_token=4zfMe2Exa0OEDgubetoZ56bXaRaTe2G%2BDZCEdYCHFf%2BwnyTLFLOeUGputAw%2F5K1D](https://www.publico.pt/2024/02/09/mundo/noticia/entrevista-putin-tucker-carlson-mostra-morrem-democracias-2079858?access_token=4zfMe2Exa0OEDgubetoZ56bXaRaTe2G%2BDZCEdYCHFf%2BwnyTLFLOeUGputAw%2F5K1D)

Figura 12 - Printscren jornal Público «Entrevista de Putin a Tucker Carlson mostra como é que "morrem as democracias"»

Relativamente à TVI/CNN, foi partilhado um segmento no Jornal Nacional, com a duração de 1 minuto e 50 segundos, sobre Tucker Carlson, bem como a realização da entrevista, mas não foram realizadas menções ao teor da entrevista, nem como se sucedeu.



Figura 13 - "Tentou para o Tucker

estrela da Fox News que entrevistou Vladimir Putin?"

Printscren TVI ser espião, mas foi jornalismo. Quem é Carlson, antiga

No caso da TVI, insere-se na H0, uma vez que não noticiou o que foi falado na entrevista, nem compartilhou qualquer conteúdo, nem mesmo informação falsa, tendo apenas realizado uma breve sobre a entrevista e Tucker Carlson.

#### D. Dados como mortos, soldados que «xingaram» comandante russo sobreviveram a ataque em ilha, diz Marinha da Ucrânia

Na notícia avançada pela BBC News Brasil, os soldados que insultaram um comandante russo, teriam sido dados como mortos quando, na realidade, sobreviveram a um ataque na “Snake Island”, localizada no Mar Negro, em Zmiinyi.

O próprio presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, chegou a anunciar que os treze guardas da fronteira da ilha teriam morrido no local, porém a informação foi desmentida pela marinha da Ucrânia.



Figura 14  
BBC News  
como

soldados que xingaram comandante russo sobreviveram a ataque em ilha, diz Marinha da Ucrânia"

- Printscreen  
Brasil "Dados  
mortos,

Em relação aos meios de comunicação social portugueses, o jornal Público, a 25 de fevereiro de 2022, também avançou que os soldados ucranianos teriam morrido, afirmando que iriam receber o título de “Heróis da Ucrânia” após a sua posição de defesa na ilha ucraniana.

Relativamente à ofensa mencionada tanto pela BBC News Brasil, como pelo jornal Público, os soldados ucranianos teriam respondido à mensagem enviada pelos soldados russos.

“Sou um navio de guerra russo”, ouviu-se uma voz a anunciar vinda dos invasores, de acordo com uma gravação das comunicações. “Peço-vos que pousem as armas e que se rendam para evitar que se derrame sangue e que morram pessoas desnecessariamente. Caso contrário serão bombardeados. Os ucranianos reagiram corajosamente. “Ó navio de guerra russo, vai-te foder” (Público, 2022).

<sup>35</sup>Supostamente, os russos abriram fogo e mataram os treze soldados fronteiriços. O jornal Público compartilhou também que, numa conferência de imprensa, Zelensky afirmou que os guardas tinham tentado proteger a ilha durante grande parte do dia, antes de serem assassinados.

Figura 15 - Printscreen jornal Público " A última resistência contra as forças russas numa pequena ilha ucraniana"



Figura 16 - Printscreen jornal Público com o aviso da atualização da notícia.

Após ser confirmado que, de facto, os soldados ucranianos não faleceram, o jornal Público colocou um *link* na notícia, de modo a informar os leitores que a notícia teve uma atualização.

Na notícia atualizada, no dia 28 de fevereiro de 2022, o jornal Público informa que a marinha da Ucrânia confirmou que os guardas que defendiam a ilha Zmiinii estavam vivos.

Marinha ucraniana confirma que os guardas que defendiam ilha ucraniana de Zmiinii estão vivos. Na rede social Facebook, o Serviço de Guarda de Fronteiras da Ucrânia avançava a possibilidade dos militares estarem vivos. “Temos forte convicção de que todos os defensores ucranianos da ilha de Zmiinii podem estar vivos”, publicaram. Uma publicação da Marinha feita durante a manhã desta segunda-feira nas redes sociais parece confirmar o mesmo. “Estamos muito felizes em saber que nossos irmãos estão vivos e bem com eles!” (Público, 2022).

35 - Fonte: <https://www.publico.pt/2022/02/25/mundo/noticia/ultima-resistencia-forcas-russas-ilha-ucraniana-1996817>

GUERRA NA UCRAÍNIA

## Marinha ucraniana confirma que os guardas que defendiam ilha ucraniana de Zmiinii estão vivos

Nas redes sociais, o Serviço de Guarda de Fronteiras da Ucrânia anunciava que os "heróis da Ucrânia" que teriam morrido na ofensiva russa à ilha de Zmiinii poderiam, afinal, estar vivos. A informação foi confirmada pela Marinha ucraniana. A imprensa russa avança que os 13 guardas terão sido enviados para Sebastopol.

Ana Isabel Ribeiro  
28 de Fevereiro de 2022, 11:25



36

major-general Igor Konashenkov, porta-voz do Ministério da Defesa, anunciou a rendição perto de Nikolaievsk. "Serão devolvidos às suas famílias em breve", revelou.



GUERRA NA UCRAÍNIA

### Ucrânia e Rússia já começaram a negociar, mas sem grandes esperanças de sucesso

Delegações dos dois países reúnem-se nesta segunda-feira, "sem pré-condições", na Bielorrússia, perto da fronteira ucraniana. Zelensky diz que as próximas 24 h...

LER MAIS

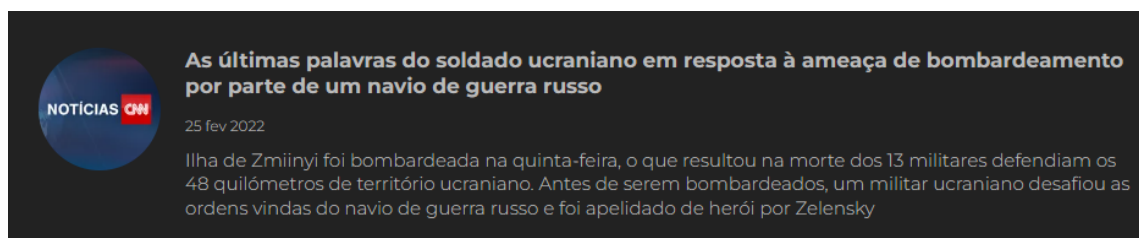
Segundo a CNN, no ataque foram destruídas todas as infra-estruturas e a ilha foi capturada.

A possível localização renovou a esperança à SBGS e Forças Armadas ucranianas que estão, neste momento, a trabalhar na identificação dos soldados. "Esperamos sinceramente que os rapazes regressem a casa o mais depressa possível, e as informações recebidas no momento do ataque não serão confirmadas. Glória aos defensores ucranianos!!!"

Figura 17 - Printscren jornal Público "Marinha ucraniana confirma que os guardas que defendiam a ilha ucraniana de Zmiinii estão vivos"

Em relação ao telejornal da TVI, estes não compartilharam a notícia da suposta morte dos soldados, nem a correção da informação. No entanto, a CNN (ex-TVI24)<sup>37</sup>, no Notícias CNN, publicou um áudio das tropas russas a informar os soldados ucranianos de que iriam atacar, informando que estes soldados teriam sido mortos, mas nunca retrataram a notícia.

Figura 18 - Printscren TVI/CNN Notícias "As últimas palavras do soldado ucraniano em resposta à ameaça de bombardeamento por parte de um navio de guerra russo".



36-Fonte:<https://www.publico.pt/2022/02/28/mundo/noticia/guardas-defendiam-ilha-ucraniana-zmiinii-podem-afinal-estar-vivos-1997058>

37 - Veio substituir a TVI 24 em, 2021.



Figura 19 -  
Printscreen

TVI/CNN Notícias "As últimas palavras do soldado ucraniano em resposta à ameaça de bombardeamento por parte de um navio de guerra russo".

Concluindo, o jornal Público insere-se na hipótese H1, uma vez que emitiram a informação errada e corrigiram passado uns dias, com uma nova notícia e o link a informar que havia uma atualização da notícia.

Já a TVI/CNN Notícias, insere-se na hipótese H2, uma vez que não retificaram a informação que passaram de forma errada, após ser revelada a verdade por outros meios.

### 3.2. Resultados da análise das entrevistas

#### Grupo I – Jornalismo

O primeiro conjunto de perguntas tem como foco o jornalismo, a visão dos profissionais da área, bem como a perceção que estes têm sobre a desinformação relativamente à guerra da Rússia e da Ucrânia.

Para o jornalista Ricardo Alexandre, o grande desafio de tentar distinguir a informação verdadeira da desinformação é a escassez dos meios. "As redações não têm meios de verificar

---

38 - Fonte:

<https://tviplayer.iol.pt/programa/noticiascnn/6193fe4b0cf2c7ea0f090b1e/video/6218c2c50cf21a10a421862f>

as informações mais básicas e, portanto, menos ainda têm condições para enfrentar estratégias de desinformação que possam ser montadas e organizadas” (Alexandre, 2024).

Um dos maiores desafios que Catarina Vasconcelos (2024) apontou é o de tentar dar voz a várias perspectivas. “O jornalista não tem de dar a voz a dois lados, se nós soubermos a verdade, e muitas vezes nós não sabemos a história, nós sabemos contar a história”. Também afirmou que se é muito difícil falar com certas fontes, que extrapola o nível profissional, uma vez que, para a jornalista, por vezes, se torna um problema pessoal.

Às vezes, o ataque de quem nos lê é feroz, porque atualmente há muito mais interação, nós conseguimos perceber qual é a reação de quem recebe a notícia e de quem recebe os conteúdos e, portanto, nós somos confrontados constantemente com a falibilidade do nosso trabalho, que existe (Vasconcelos, 2024).

Na perspectiva de Pedro Miguel Costa (2024), devem verificar-se as várias fontes, analisá-las e perceber como cruzar essa informação e, pelo menos, apostar sempre no rigor. Apostar no rigor implicará, num trabalho de um jornalista, um impacto na opinião pública, podendo dar origem a outro tipo de consequências, nem que seja a nível individual e/ou profissional de cada um dos jornalistas. Optar pelo rigor dá credibilidade a toda a carreira de um jornalista.

Pedro Miguel Costa reflete que, por vezes,

há falhas, e quando elas acontecem isso pode manchar o percurso profissional, sendo que o jornalista deve sempre cruzar, ainda mais nos dias de hoje, várias informações, tentar ouvir várias pessoas, e depois tendo toda a informação disponível de várias fontes, ao ouvir várias fontes, ao cruzar várias informações, corre menos risco de estar a sujeito a essa desinformação (Costa, 2024).

Já na perspectiva de Nuno Amaral, basta seguir as regras da profissão, bem como verificar fontes, cruzar com outros meios para verificar se a notícia existe ou não, e depois perceber se valerá a pena “dar-lhe eco”, ou dar-lhe seguimento.

Os jornalistas têm a obrigação de saber olhar para uma informação que vem num site e perceber se é ou não credível, basta cruzar as fontes, basta tentar fazer outra pesquisa para ver se vem em algum meio credível, em algum jornal a que atribuímos alguma credibilidade, alguma seriedade (Amaral, 2024).

Ricardo Alexandre (2024) considera que, no caso do jornalismo português, o tema da desinformação é subvalorizado, isto porque “não há condições para ter gente a trabalhar mais dedicada a isso”. É dentro desta temática que surge a importância do *fact-checking*. Para o

jornalista, esta prática é algo que se deve fazer constantemente de forma sistemática. Já que se começou a falar na criação de unidades de *fact-checking*, então significa que não se estava a fazer isso devidamente, também porque o desenvolvimento tecnológico obrigou a que as competências das pessoas que façam o *fact-checking* sejam outras. Um exemplo usado por Ricardo Alexandre é o Polígrafo, da SIC, um meio criado especificamente para este objetivo. O jornalista refere que, pessoalmente, não tem conhecimento informáticos suficientes para perceber o que está a ser feito a nível de desinformação e tenta precaver-se contra isso. Em Portugal, Ricardo Alexandre garante não conhecer “nenhuma redação que tenha uma unidade de *fact-checking*, isso não existe. E, no entanto, temos os meios americanos, por exemplo. Que têm unidades de *fact-checking* com dezenas de pessoas, a diferença é bastante, imensa”.

Catarina Vasconcelos (2024) corrobora que sim, que é um tema muito subvalorizado. Relata que a informação é tão rápida, os comentários são tão precedentes e a toda a hora, que se torna humanamente impossível ter o domínio de todos os factos, de todos os números apresentados, e não é fácil desmontar as alegações que muitas vezes são feitas. “Na verdade, e agora em defesa dos jornalistas, se fôssemos tentar fazer o *fact-checking* de tudo o que é dito nesses vídeos que se tornam virais [...] e da quantidade de *posts* mentirosos, não faríamos outra coisa. Não fazíamos mais nada, não íamos atrás de nada, não faríamos mais análise nenhuma, não passaríamos além. Afirma, também que os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm poucos recursos financeiros, não recebem financiamento e são desvalorizados.

Também Pedro Miguel Costa (2024) destaca o programa Polígrafo, para cooperar no combate à desinformação, visto que muitas vezes, quando existem dúvidas nas redes sociais e situações que são partilhadas até à exaustão, de um lado e do outro com versões diferentes, é necessário um esforço para tentar clarificar esse tipo de situações, pelo menos as mais virais ou mais importantes. Desta forma, o jornalista considera que “os órgãos de comunicação social nos últimos anos têm feito um esforço” para prevenir esta problemática.

Na perspetiva de Nuno Amaral (2024), os jornalistas estão muito atentos e são sensíveis a esta temática. “Acho que as organizações representantes do setor, o sindicato dos jornalistas, o conselho deontológico, e depois já do ponto de vista da atuação externa, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, podiam fazer muito mais, muito mais”.

## **Grupo II – Desinformação**

Aqui aborda-se o tema da desinformação, em que os entrevistados refletem sobre esta problemática, como se verifica a veracidade das informações e a importância de consultar fontes.

De acordo com Ricardo Alexandre (2024), a desinformação é um problema sério, pois parece estar cada vez mais organizada, ou seja, não se trata apenas de ações espontâneas, ou de alguém que desinforma para provocar alguma discórdia. O que acontece quando se pensa no fenómeno da desinformação é pensar-se “em ações organizadas, deliberadas, orquestradas, profissionais se quisermos, no sentido de manipular a informação, de adulterar a verdade, transmitir uma determinada mensagem deturpada com determinados fins”.

No sentido de demonstrar de uma forma mais eficaz o papel da desinformação na sociedade atual, Catarina Vasconcelos apontou vários exemplos que acontecerem no ano corrente. O primeiro exemplo apontado foi o de André Ventura, líder e fundador do partido político Chega, que conversava com um imigrante na Póvoa de Varzim. Esse imigrante, desde então, foi descredibilizado, através do uso de informação falsa, “e isto acontece por todo o mundo, é importante sabermos que nós não inventamos nada e que não chegou a Portugal uma coisa absolutamente inovadora, isto já estava a atacar os Estados Unidos em força há alguns anos, e a Europa”.

O segundo exemplo,

nestas eleições europeias, e até antes da campanha, soubemos algumas notícias, por exemplo, de interferência russa em vários órgãos da União Europeia, e também interferência russa em termos de espionagem, tudo isso contribui nas embaixadas, nos órgãos de comunicação, para semear dúvidas, para semear rumores, o hearsay, como se costuma dizer nos Estados Unidos (Vasconcelos, 2024).

Catarina Vasconcelos indica que os jornalistas são condicionados a ser “menos bons” na sua profissão, menos rigorosos e mais rápidos, tornando-se um momento dramático para o jornalismo.

Por sua vez, Pedro Miguel Costa considera que em Portugal ainda não se atingiu o mesmo nível de desinformação que se observa noutros países, especialmente na Europa. No entanto, à medida que a nossa sociedade se torna mais polarizada, começamos a ver um aumento da desinformação, sobretudo nas redes sociais, pois “é muito mais visível do que nos

meios tradicionais”. Nos meios tradicionais, embora possa haver ocasionalmente alguma orientação editorial ao produzir uma peça jornalística, isso não é algo novo. Ainda assim, não existe em Portugal uma sistematização da desinformação capaz de confundir o público.

Nuno Amaral aponta de uma forma direta que existe, e até demais, desinformação em Portugal. O jornalista ainda considera que há muitos canais que seriam, supostamente, informativos, mas que veiculam rumores, mentiras e informações incorretas em forma de notícia. Nesta perspetiva, acredita que falta nos currícula escolares portuguesas uma disciplina de literacia dos *media*, de forma a ensinar os adolescentes, e não só, a perceberem quais são as fontes de uma notícia, qual a credibilidade da mesma e, sobretudo, se sequer é uma notícia.

O jornalista afirma que, hoje em dia, existem poucos canais de informação à disposição, e embora as notícias devam ser assinadas por um jornalista ou um profissional da área, infelizmente o Conselho Deontológico dos Jornalistas é bastante passivo, e a Entidade Reguladora da Comunicação Social não atua muito para distinguir entre informações falsas e as confiáveis, “é muito pouco atuante para ajudar a separar o trigo do joio”, e por isso, acredita que cabe mais ao cidadão verificar as notícias e identificar as suas fontes, bem como quem as sustenta.

Segundo Ricardo Alexandre, “a verdade é sempre a primeira vítima da guerra. As duas partes usaram contrainformação e desinformação. Os russos são pródigos nisso, fizeram-no desde o primeiro momento, mas a forma como deste lado se decidiu a reagir foi tudo menos inteligente”. A decisão da Comissão Europeia de proibir a difusão de certos canais e meios de comunicação russos no espaço europeu, na perspetiva do jornalista, foi um desastre, isto porque não se espera que as democracias ocidentais adotem a mesma postura dos regimes autoritários, proibindo, cortando e censurando. O impacto desta decisão foi limitado para o público geral, mas aqueles que realmente desejam aceder a meios russos e a informação proveniente de Moscovo continuam a fazê-lo, seja através de canais como o Telegram, ou outras fontes menos óbvias, Quem quer acesso a essa informação, consegue obtê-la.

Ricardo Alexandre acrescenta ainda que, por outro lado, o público em geral perdeu a oportunidades de confrontar a visão ocidental com a perspetiva russa, de entender quem eram as vozes do outro lado. Afirma, também que “isso não foi benéfico para ninguém”. Em resposta a esta decisão, a Federação Russa suspendeu o acesso a mais de 80 meios de comunicação europeus, incluindo quatro portuguesas – RTP, Público, Observador e Expresso.

Já Catarina Vasconcelos não consegue determinar com plena certeza se a desinformação terá tido um impacto com consequências negativas na guerra. Afirma que a desinformação já é um impacto extremamente negativo, e visto que uma guerra já é uma situação que se encontra num limite onde tudo o resto falhou, a desinformação torna-se uma maneira de ser mais um limite ultrapassado, que aos olhos de quem a produz, não é muito gravoso. “Isso vai degradando a opinião pública em relação a determinados protagonistas essenciais, mas eu acho que a desinformação também pode desmobilizar, em última análise, as próprias tropas, ou neste caso até mobilizar, tem sempre um efeito”.

Na ótica de Pedro Miguel Costa, tanto a desinformação foi utilizada para atingir um fim, como a desinformação potenciou mais consequências negativas para o conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia.

Ainda hoje continua, de parte a parte. Aliás, não só a Rússia, mas também a Ucrânia em determinadas alturas fez da desinformação forma de atingir os seus objetivos, até para de alguma forma sensibilizar o mundo ocidental para as dificuldades que está a atravessar e para mobilizar a opinião pública a favor [do seu lado]. As duas partes fazem isso, eu creio, uns mais que outros eventualmente, mas as duas partes fazem isso, eu acho que se tornou uma espécie de saída (Costa, 2024).

O jornalista considera que a desinformação se tornou numa arma para os governos e para os líderes políticos alcançarem os seus objetivos. Em alguns casos, é mais vantajoso espalhar uma mentira para mobilizar e sensibilizar os cidadãos. Nos últimos dez anos, esta prática intensificou-se. Embora a desinformação exista há muito tempo, anteriormente havia uma maior procura pelo rigor. Atualmente, alguns governos e líderes veem na desinformação uma forma conveniente de transmitir mensagens favoráveis aos seus interesses.

Nuno Amaral (2024) afirma que as consequências negativas não têm aumentado ou que tenham sido potenciadas devido à desinformação. O jornalista também afirma, que do lado da Ucrânia, existe um esforço muito grande para mostrar ao mundo o que está a acontecer, visto que está bem organizada do ponto de vista comunicacional para acolher jornalistas. Relativamente ao lado da Rússia lamenta que em Portugal não se dê também tempo de antena ao lado russo e que haja falta de atenção para com as informações que chegam da Rússia.

Não estou a pôr a culpa nos jornalistas porque é muito difícil. A Antena 1 conseguiu que o jornalista Luís Peixoto fosse para os territórios ocupados, esteve em Lugansk e em Donetsk, mas há formas, há canais de televisão russos abertos aqui, e acho que isso nos falha, não damos muita informação russa, e a partir daqui era possível (Amaral, 2024).

Ricardo Alexandre afirma que não consegue associar nenhuma instituição e/ou pessoa como fonte de desinformação, isto porque não se pode afirmar que apenas os meios russos ajam de determinada forma para influenciar a informação. Do lado ucraniano, a produção de notícias também segue uma linha única, sem grande distinção entre os diferentes meios, como é o caso do *Kiev Independent* e o *Times of Kiev* que, “deixaram de produzir informação distintamente, aquilo que difundem é único, é sempre no mesmo sentido e, portanto, não há grandes diferenças”.

Vendo por este prisma, o jornalista considera que a informação está igualmente condicionada, talvez até censurada, de ambos os lados. Porém, podemos atribuir maior credibilidade a uma fonte em detrimento de outra. Ricardo Alexandre acredita ainda que, um jornalista que trabalha num país terceiro deve sempre preocupar-se com a veracidade dos factos, no entanto, reconhece que às vezes não é possível verificar a veracidade da informação.

No entanto,

não podendo confirmar, se arriscar a dar aquela informação, aquela notícia, tem de se defender o mais possível e defender o mais possível é citar a fonte, dizer qual é a fonte, fazer até uma referência, dizer que a informação em tempo de conflito está obviamente condicionada, arranjar estratégias que nos permitam defender melhor a nossa posição, manter-nos mais numa posição de neutralidade e de distanciamento em relação aos factos (Alexandre, 2024).

Catarina Vasconcelos (2024) cita o site RBK, o Medusa e o *Moscow Times* como instituições que são fontes de desinformação. Afirma, também, que o *Kiev Independence* é um bom site, mas é preciso ter algum cuidado.

“Há uns que têm umas visões mais pró-russas, há outros que têm visões mais pragmáticas, e há aqueles a quem é quase ofensivo perguntar, e que são fontes muito defensoras da política externa norte-americana” (Vasconcelos, 2024).

Pedro Miguel Costa (2024) não identifica nenhuma fonte específica, mas relembra que os decisores e porta-vozes russos têm insistido em certas narrativas. Desde o início do conflito, a Rússia sempre justificou os seus ataques a áreas densamente povoadas, alegando que havia alvos militares importantes nesses locais.

Lembro-me, por exemplo, quando estava na Ucrânia pela segunda vez, no verão de 2022, quando um centro comercial foi atingido por demasiadas vezes, por parte da

Rússia, que atinge muitos civis, e a partir de uma certa altura isso deixou de ser referenciado (Costa, 2024).

Mesmo com um alto número de civis afetados, as autoridades russas mantinham a justificação de que havia uma fábrica de equipamentos militares ou um complexo militar no local. Essa preocupação em garantir que os alvos tinham importância militar, especialmente no início do conflito, sempre esteve presente nas declarações russas, mesmo quando muitos civis eram atingidos.

Nuno Amaral (2024) não indica nenhuma fonte em concreto, mas afirma que existem várias associações no terreno que, poderão ainda que bem-intencionadas, puxam a informação para um dos lados apenas sobre o que está a acontecer na Ucrânia.

Há famílias separadas, há divórcios a aumentar, há desemprego, há muitas feridas de guerra além das feridas físicas. Portanto, é normal que associações de defesa dos cidadãos ou associações de ucranianos no estrangeiro puxem um bocadinho as cores, consigam agudizar eventualmente uma forma um bocadinho mais deturpada do que está a acontecer na Ucrânia (Amaral, 2024).

O jornalista Ricardo Alexandre (2024) considera que o impacto da desinformação na perceção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional, não foi relevante até agora, isto porque os casos que existiram, as pequenas histórias, não influíram muito no percurso da guerra.

Acrescenta que,

o que nós tivemos mais foi, por exemplo, meios russos, ou às vezes até mais o poder político russo, a desmentir coisas que foram denunciadas pela Ucrânia ou pelos países ocidentais e que depois se veio a verificar que não havia razões para desmentir porque as coisas aconteceram mesmo. E ao contrário também já aconteceram coisas, como por exemplo, a Ucrânia desmentir quando houve vítimas civis de ataques feitos pela Ucrânia na Crimeia ocupada (Alexandre, 2024).

Na perspetiva de Catarina Vasconcelos (2024), a perceção pública, inicialmente, foi muito pró-Ucrânia, mas tem vindo a variar e a flutuar ao longo dos dois anos de guerra, porque “existe um grande desgaste. As pessoas continuam a apoiar a Ucrânia, mas a perceção pública, e há muitas sondagens feitas a nível europeu e a nível norte-americano, está desgastada”.

Pedro Miguel Costa (2024) volta a evidenciar o Polígrafo, que se dedica a fazer esse trabalho de forma sistemática todas as semanas.

A desinformação tornou-se uma forma de os governantes e dos líderes políticos fazerem passar uma mensagem que lhes dá jeito, e de alcançar objetivos muito específicos a partir dessa desinformação, ou pelo menos, trazer a opinião pública dos seus próprios países ou de outros, tentar mobilizá-los para a causa, e, por vezes, quando essa desinformação existe por parte dos órgãos de comunicação social, os chamados mainstream, existe uma preocupação em tentar perceber (Costa, 2024).

Também nos conflitos, os órgãos de comunicação social muitas vezes se esforçam para verificar os factos, especialmente em casos de ataques maiores ou com elevado número de mortes. Embora não se recorde de exemplos específicos, já presenciou várias vezes a tentativa de demonstrar que a versão apresentada pelo agressor, que é frequentemente o caso, não é a correta. Esse esforço de desmentir informações incorretas ocorre com bastante frequência, embora nem sempre, pois pode ser exaustivo. No entanto, há uma tentativa por parte dos meios de comunicação de mostrar que a versão apresentada não corresponde à verdade.

Do ponto de vista de Nuno Amaral (2024), numa guerra é sempre muito difícil saber o que está, de facto, a acontecer, “tirando os dois beligerantes em que cada um tem a sua versão, o governo ucraniano, ou o presidente ucraniano, ou o porta-voz, ou o presidente russo, ou o porta-voz da Federação Russa”. Considera que da parte dos cidadãos, é normal que depois de dois anos de sofrimento, de perdas generalizadas, haja a tendência para o exagero, para aqui e ali “pôr um bocadinho mais de sal e pimenta” numa informação do que aquela que realmente deveria ter.

Ricardo Alexandre (2024) diz acreditar que a desinformação impacta a opinião pública, no entanto, crê que como começou a ser tão visível e estudado, começou a ter-se em atenção a desinformação e começou a ser prevenida. Desta forma, “os governos desenvolveram estratégias de combate e de prevenção da desinformação e os efeitos foram sendo mitigados, foram sendo minimizados”. Exemplos desta desinformação aconteceram na guerra do Kosovo em 1999, nas eleições no Brasil que levaram Bolsonaro à vitória, e nas eleições nos Estados Unidos que resultaram na vitória de Donald Trump. Nesses casos, houve campanhas massivas de desinformação nos meses anteriores, contra as quais os adversários não estavam bem preparados.

Catarina Vasconcelos (2024) acredita que, sem dúvida alguma, a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos. Afirma que é preciso ver além do lado do Ocidente, uma vez que o hemisfério Sul e o Oriente se têm posicionado de uma forma ambivalente ou neutra, ou pró-Rússia, tendo esse facto um grande

impacto em termos geopolíticos, e isso provém muito da desinformação. “Nós sabemos, por exemplo, que em África a propaganda russa foi extremamente acelerada, já existia. E por que ela ganha tração? Ela ganha tração porque existe em África, e com alguma compreensão da nossa parte, uma narrativa antiocidental e anticolonialista”. Para a jornalista, é importante deixar de ver a desinformação como um impacto negativo nos regimes ocidentais, trazendo a importância dos impactos da desinformação nos regimes que são muito mais permeáveis a isso.

Nuno Amaral também concorda, afirmando que é indiscutível, e admite que existe uma grande tendência para, através de informações falsas, tentar obter alguns objetivos do ponto de vista político. “Cabe ao jornalista, porque deve ter instrumentos que permitam aferir a veracidade de uma notícia, desmontar o que não é notícia, e dar eco ao que é notícia”.

Por outro lado, o jornalista Pedro Miguel Costa (2024) é da opinião que a desinformação impacta a opinião do público,

por exemplo, a Ucrânia precisa sistematicamente de ter o apoio da comunidade ocidental para lhes garantir não só verbas para combater a Rússia, mas equipamento militar e por isso há muita informação que é sistematicamente trazida também por parte da Ucrânia, para mostrar que, e não estou a dizer que é necessariamente desinformação, até porque a Ucrânia tem muito o apoio dos países da NATO e eles sabem em tempo real quais são as necessidades e os avanços no terreno, mas acredito que as duas partes façam esse esforço para manter não só as populações, mas também os governos dos outros países ao seu lado (Costa, 2024).

Na perspetiva de Ricardo Alexandre (2024), é importante fazer uma distinção quando se fala da população ucraniana. Se o foco de dirigir para as comunidades do leste da região do Donbass, percebe-se que essas pessoas foram, historicamente, mais vulneráveis à narrativa veiculada pelos meios de comunicação social russos. O jornalista afirma, também, que essa vulnerabilidade decorre, sobretudo, do facto das pessoas das comunidades de leste se identificarem como russófonas, consumirem esses meios e acreditarem nas verdades que lhes eram apresentadas. Portanto, é possível concluir que, essas populações em particular foram mais suscetíveis à desinformação que possa ter ocorrido.

No entanto, o jornalista acredita que o que mais aconteceu foi a presença de tropas russas no Donbass desde 2014, apoiando as forças separatistas, algo que nunca foi mencionado nas emissões de Moscovo. A história foi contada de outra forma pelos meios de comunicação russos. Do lado ucraniano, também nunca se relatou em Kiev o que os militares ucranianos faziam às populações russófonas no Donbass. Para essas populações, as tropas do governo

ucraniano foram um terror, destruindo aldeias, matando pessoas e cometendo atrocidades, mas isso também nunca foi mostrado nos meios ucranianos.

Contudo, há outro dado de relevo que preocupa o jornalista Ricardo Alexandre, a falta de pluralidade nos *media* locais na Ucrânia:

sociedades onde já existia alguma liberdade de informação razoável, como era na Ucrânia, com uma diversidade de meios, com meios mais ligados ao regime, ao governo, meios de oposição em determinada altura, e meios mais ligados à oposição, de repente ficou tudo uniforme. De repente, é tudo interesse nacional, porque estamos a ser atacados, e a informação é só esta, e a verdade é só esta, e quem estiver contra as opções de Zelensky sofre as consequências, porque o meio fecha, ou é acusado de traição, ou seja o que for. E isso é mais preocupante. Isso para uma opinião pública que estava mais esclarecida, que estava mais habituada ao confronto de ideias, é mais assustador a médio prazo, mas espero também, que com a resolução do conflito, se vier a acontecer, e esperamos que venha a acontecer, a vozes dissonantes possam voltar a ter outro espaço, que atualmente não têm (Alexandre, 2024).

Catarina Vasconcelos (2024) admite que, na sua opinião, o impacto da desinformação nas regiões ocupadas pela Rússia é diferente,

eu acredito que o impacto da desinformação é nefasto como em todas as sociedades, ou seja, cria clivagem e cria desunião no fundo, uma causa que é comum. Eu acho que neste momento continua a haver a prevalência de um espírito ucraniano de resistência, e querem continuar a lutar, e enfim, acho que é isso que prevalece neste momento (Vasconcelos, 2024).

Já Pedro Miguel Costa (2024) não consegue avaliar essas consequências da desinformação na população ucraniana. Dá o exemplo da saída e entrada de ucranianos no seu território durante o período da guerra: os ucranianos que puderam sair, saíram numa fase inicial, os que puderam voltar, depois voltaram mais tarde, alguns ficaram fora dos seus próprios países por opção própria, mas o jornalista não consegue dizer “se isso teve alguma influência na decisão tomada por parte dos ucranianos, de sair, de ficar, de voltar. Não consigo perceber isso [a influência da desinformação nestas decisões], não me recordo se na altura eu tinha presenciado a influência”.

O jornalista Nuno Amaral afirma que é um muito difícil perceber as consequências da desinformação na população ucraniana, uma vez que, quando chegou à Ucrânia, tinham passado apenas três dias desde o início da guerra. Tanto a população como os jornalistas estavam numa fase em que era complicado perceber o que realmente se estava a passar, uma vez que não havia a verdadeira dimensão do que estava a acontecer, apenas rumores.

Havia as mais descabeladas teorias e informações sobre o que aí acontecia e que cabia aos jornalistas não disseminarem estas informações porque, digamos, sem querer ser injusto para quem está a sofrer, não passariam de conversa de café. No meio disso, confesso que também era difícil não haver desinformação nos primeiros dias de guerra (Amaral, 2024).

### **Grupo III – Combate à desinformação**

Neste grupo temático, era pedido aos jornalistas que mostrassem algumas medidas de combate à desinformação, de modo que a sociedade possa analisar a informação que lhe é transmitida e esteja mais consciente do que são factos e daquilo que é forjado.

Para verificar a autenticidade de uma informação, o jornalista Ricardo Alexandre (2024) procura contactar fontes, perguntas às pessoas e cruzar informação. Revela ser importante diversificar o máximo possível a consulta de *websites* credíveis para avaliar o rigor da informação.

A jornalista Catarina Vasconcelos (2024) não especificou as ferramentas que utiliza para verificar a autenticidade das informações, uma vez que considera bastante difícil certas questões quando se aborda este tópico. Uma vez que nunca foi à Ucrânia, mesmo sendo uma jornalista que cobre o internacional, torna-se um trabalho mais complicado de realizar, pois não se encontra na linha da frente e é preciso muita ajuda para descodificar o que é real e o que é criado com inteligência artificial. Existe uma guerra de informação.

No caso de Pedro Miguel Costa (2024), o jornalista recordou uma reportagem que realizou recentemente na qual teve de cruzar muita informação, recolher as informações da altura, procurar alguns comentários para tentar fazer um trabalho que fosse fiel às datas, aos acontecimentos.

Nuno Amaral informa que faz imediatamente uma pesquisa, visto que hoje em dia é possível utilizar a internet, e tenta perceber se a notícia vem de mais algum lado. “Consultar agências de informação, imaginemos que há uma notícia internacional, ou jornais internacionais, os mais credíveis de cada país, e ver se lá está ou não a notícia”. Quando se trata de notícias nacionais, a fonte mais segura é tentar pergunta de forma direta.

“As redes sociais não são uma entidade anónima, abstrata. As redes sociais pertencem a alguém”, afirma Ricardo Alexandre. Segundo o editor,

não é nas páginas da TSF no Facebook, Twitter ou Instagram que se vai mudar a situação, mas o papel das grandes empresas tecnológicas, como as redes sociais, é crucial. É evidente que precisam de ser responsabilizadas, mas isso exige uma ação mais energética por parte dos governos. Não podemos esperar que um país tome as rédeas enquanto os outros ficam inativos; é necessário adotar medidas concretas para punir as tecnológicas que permitem a disseminação e não agem prontamente para remover conteúdos ou suspender contas (Alexandre, 2024).

O jornalista afirma ser um dilema complexo, pois envolve equilibrar a liberdade de expressão com a necessidade de garantir que a informação divulgada seja verdadeira, evitando a propagação de *fake news*. As grandes plataformas enfrentam dificuldades em encontrar esse equilíbrio, e a tomada de decisão nem sempre é fácil ou rápida. No entanto, é crucial que os poderes públicos tomem consciência e ajam com rapidez.

Catarina Vasconcelos acredita que as redes sociais fazem o contrário, fomentam a desinformação. Existem contas que acabam por fazer um trabalho de *fact-checking* incrível, mas não se podem [os jornalistas] guiar 100% nisso.

Às vezes, dependendo das pessoas, se nós sabemos quem seguir e se lermos que há fontes que credivelmente nos têm dito coisas em que confiar e que se verificam, mesmo na prática, nós vamos seguindo essas contas e essas contas já às vezes vamos alertando para coisa que nós não estamos tão alertas e isso também é positivo, não é tudo negativo nas redes sociais (Vasconcelos, 2024).

Por outro lado, Pedro Miguel Costa (2024), tem uma perspetiva diferente do uso das redes sociais para combater a desinformação, na medida em que “desafia os próprios utilizador a fazer a mediação daquilo que é verdade ou não”, nomeadamente o Twitter, uma rede social que o jornalista considera ser aquela a que mais recorre.

Atualmente, a desinformação tem um peso significativo, mas é importante perceber que muitas pessoas, tanto de ideologia de esquerda quanto de direita, tendem a identificar-se e a seguir informações que corroboram suas próprias crenças. Por exemplo, indivíduos com uma orientação política de esquerda podem preferir acompanhar redes sociais e fontes que compartilham a sua visão, assim como os de direita. Essas pessoas colocam-se frequentemente no papel de consumidores de desinformação de forma voluntária, acreditando que a verdade está apenas naquilo com que se identificam. Muitas vezes, os indivíduos não estão dispostos a considerar outras perspetivas ou informações de fontes opostas, preferindo isolar-se nas suas próprias bolhas, onde se sentem mais confortáveis, mesmo que isto signifique ignorar a diversidade de informações.

Nuno Amaral acredita que as redes sociais deveriam ter uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação, uma vez que, atualmente, qualquer ser humano utiliza as redes sociais, escreve algo que seja parecido com uma notícia e ajuda a disseminar informações erradas. “Por outro lado, também as redes sociais ajudam a combatê-lo. Sim, deviam ter meios de controlo, como é óbvio, mas será impossível controlar as redes sociais, não é?”

Embora Ricardo Alexandre (2024) não conheça muitas medidas em concreto para combater a partilha de informações falsas, por considerar não estar por dentro o suficiente da situação, crê que a literacia mediática nos jovens pode ser importante para ajudar a resolver este problema da desinformação.

Também Pedro Miguel Costa (2024) e Nuno Amaral (2024) dizem não conhecer nenhuma medida que possa ajudar a combater a desinformação nem se recordam de nada que fosse feito a este nível para proteger a população ucraniana de informações pouco fiáveis.

Já Catarina Vasconcelos (2024) informa que nas regiões anexadas, as crianças já estão a ir à escola e a ter aulas propagandísticas, de modo a politizar as crianças desde muito cedo, mas relativamente a medidas de combate à desinformação, acredita que só os jornalistas as podem pôr em marcha, e lembra que existem medidas que foram tomadas pela União Europeia para banir a transmissão de canais russos.

O jornalista Ricardo Alexandre (2024) afirma que não sabe como as coisas são feitas no terreno.

Percebo que haja uma determinada linha editorial que é seguida pelos meios ucranianos nesta fase, não sei se nos terrenos, entre os meios internacionais, mas nunca ninguém me contou que houvesse alguma estratégia organizada para perceber como é que a desinformação estava a funcionar ali, acho que não [existe] (Alexandre, 2024).

Catarina Vasconcelos (2024) mostra um lado mais pessimista, afirmando que, em primeiro lugar, os jornalistas não estão unidos. Considera que nos encontramos numa sociedade que está cada vez mais afastada, o que também afeta os jornalistas. “Os jornalistas comunicavam mais, estavam mais presentes nas redações, falavam mais, confrontavam-se mais com os temas. Eu acho que hoje em dia há mais o julgamento de pessoas, “X” fez assim, como é que fez assim? Mas não existe tanto diálogo, por isso eu acho que não”. Afirma, também, que apesar de haver grupos e iniciativas contra a desinformação e órgãos de *fact-checking*, não considera que haja uma união.

Pedro Miguel Costa (2024) diz ser algo demasiado generalista,

até porque, por exemplo, se formos para países que sejam governados mais ao lado do regime russo, se calhar aí não há uma preocupação tão grande, se calhar noutros países há (...) Acho que não podemos falar de uma forma abrangente. Também tem muito a ver com a própria postura da população, há preocupação maior de um lado e há preocupação menor do outro. Acho que não podemos generalizar (Costa, 2024).

Por outro lado, Nuno Amaral (2024) acredita que sim, que o tema começa a ser muito debatido, discutido, e estudado, levando a que os jornalistas ajudem a libertar os cidadãos da ignorância, da desinformação e que o jornalista serve para dar as informações para que as pessoas possam, livremente, decidir o papel e as decisões que querem tomar na sociedade.

Acho que internacionalmente, na guerra na Ucrânia, ou no que está a acontecer no Médio Oriente, por exemplo, na Faixa de Gaza, há uma preocupação grande e que há um grande zelo por parte dos jornalistas dignos desse nome, que serão quase todos, haverá exceções, em manter a profissão impune (Amaral, 2024).

Para Catarina Vasconcelos (2024), o mais importante é contruir uma base de fontes seguras. Existe sempre a possibilidade de um jornalista ser apanhado desprevenido por uma fonte que seria, supostamente, confiável, mas o processo passa por falar com muitas pessoas, fazer entrevistas e perguntas, repeti-las e depois ver quais são as diferenças.

A única coisa que nós conseguimos fazer é traçar cenários, mas assim como nós estamos a traçar cenários ouvindo os analistas, o que políticos estão a fazer é o mesmo, e são esses políticos que decidem depois o futuro da Ucrânia e o futuro da Rússia (Vasconcelos, 2024).

Na perspetiva de Pedro Miguel Costa (2024), é difícil obter uma visão completa quando se está apenas de um lado do conflito. Conta que acompanhou o lado ucraniano enquanto esteve na Ucrânia, mas dificilmente conseguia chegar ao lado russo para tentar certificar as duas posições.

Nuno Amaral segue a mesma linha de pensamento de Catarina Vasconcelos, e considera essencial verificar as fontes e analisar as respostas. Confirma que existem diversas *apps* de informação, vindas da Ucrânia, onde algumas citam o Ministério da Defesa ucraniano, ou a Força Aérea ucraniana, que são as instituições mais fidedignas relativamente ao conflito bélico. Já noutras *apps* também se encontram diversas informações falsas, mas existe, normalmente, quem as corrija. “Na mesma *app* que passa uma informação incorreta, os jornalistas podem escrever e podem dizer «eu estou no local e não foi nada disso»”.

#### **Grupo IV – Experiências profissionais dos jornalistas**

Neste grupo são reveladas algumas experiências profissionais dos entrevistados, mais especificamente situações em que, eventualmente, tiveram de desmentir alguma informação falsa.

Ricardo Alexandre (2024) relembra uma experiência que teve com um entrevistado que lhe estava a revelar informações falsas. Perante esta situação, o jornalista

tinha duas opções: ou pura e simplesmente ignorava e tirava aquilo da peça que eu emiti, ou pela gravidade do que estava a dizer, punha no ar, expondo essa pessoa ao ridículo. E, através da forma como a peça estava construída, ou o texto estava construído, desmenti-la. Foi o líder de umas milícias pró-indonésias em Timor-Leste, que basicamente disse, a mim que estava na Antena 1 e a um colega da RTP, disse-nos que os timorenses estavam a morrer porque se punham à frente das balas. E disse-nos “não, eles não estão a ser mortos. As pessoas às vezes morrem porque se põem à frente das balas”. E pronto, aquilo era tão estúpido que a opção era, se calhar, a mais correta, até teria sido não meter, mas achei tão ridículo que as pessoas também poderiam conhecer melhor aquela personagem através do ridículo das coisas que ele dizia. E acabei por utilizar, dando algum contexto. Pelo texto as pessoas percebiam que aquilo que o senhor dizia era basicamente mentira. As pessoas não estavam a morrer porque se estavam a pôr à frente das balas, estavam a ser eliminadas ou massacradas. Já houve outros momentos em que eram tentativas de desinformação, obviamente. Não havia o conceito de *fake news* (Alexandre, 2024).

O jornalista afirma ainda que as coisas eram feitas de forma diferente, especialmente aquando da guerra da NATO contra a Jugoslávia. Recorda que, a partir do quartel-general da NATO, em Bruxelas, a informação era difundida de uma “forma tão avassaladora que não dava quase espaço para pensar”, levando a que as pessoas repetissem aquilo que era compartilhado de uma forma absolutamente acrítica, e mais tarde era confirmado que a informação não era verdadeira.

Ricardo Alexandre (2024) relata uma situação onde o porta-voz da NATO Jamie Shea, acabou por ser bastante criticado por tentar desviar os jornalistas ao não relatar aquilo que a NATO fazia de errado, e por tentar condicionar a informação num só sentido.

Cita o exemplo onde se atingiu um local onde, supostamente, estavam carros militares de Milosevic, dos sérvios, e na realidade o local atacado era uma maternidade, uma vez que tinham carros militares à porta, devido ao facto de estarem em guerra e se encontrarem a fornecer proteção militar ao hospital.

Nas guerras há sempre dois lados, e temos de perceber que ambos os lados tentam manipular os jornalistas, ou tentam atrair os jornalistas para aquilo que é a sua verdade. E depois temos de estar o mais atentos que for possível, como é que nos posicionamos, E, muitas vezes, chegamos à frustrante conclusão que não é possível saber efetivamente o que é que é verdade.

Muitas vezes temos mais aproximações da verdade do que verdade absoluta. Às vezes chegar à verdade absoluta é difícil, não é? E nas guerras mais complicado se torna, porque cada uma da parte, ou as várias partes que têm interesse em condicionar o jornalista, ou tentar direcionar o jornalista para aquilo que querem veicular (Alexandre, 2024).

Catarina Vasconcelos (2024) nunca teve de desmentir informações falsas em primeira mão, mas em entrevista a membros da plataforma Bellingcat<sup>39</sup>, ficou mais esclarecida e com maiores conhecimentos neste tipo de situações, uma vez que é difícil desmentir algo que não se vê com os próprios olhos. Assim, só lhe resta a ajuda de fontes que consegue. Neste contexto, teve ajuda relacionada com ataques, avanços, depósito de armas ou de combustíveis que foram atingidos, com situações que acontecem no terreno e a jornalista, não estando presente, não consegue verificar a 100%.

Mas assim em primeiro mão, nunca fiz e é difícil encontrar-se em Portugal, pelo menos relativo à guerra, porque em relação à política, isso consegue-se. Neste momento do jornalismo português, em relação à guerra, no máximo, conseguem-se reportagens e entrevistas com chefes militares e protagonistas políticos, conselheiros políticos, por exemplo (Vasconcelos, 2024).

Pedro Miguel Costa (2024) e Nuno Amaral (2024) não se recordam de alguma vez terem de desmentir uma informação.

#### **4. Discussão dos resultados**

O presente estudo de caso, ao analisar a desinformação nos meios de comunicação social portugueses no contexto da guerra na Ucrânia, demonstrou vários aspetos que refletem as teorias abordadas na revisão de literatura.

A análise noticiosa revelou que, embora os meios de comunicação social portugueses tenham implementado ferramentas de *fact checking*, certos casos de desinformação continuam a ser disseminados, o que se encontra de acordo com o que foi discutido por Wardle & Derakhshan (2017b). Os autores categorizaram a desinformação em três definições, como *disinformation*, *misinformation* e *mal-information*, destacando que, mesmo quando não existe

---

<sup>39</sup> <https://www.bellingcat.com/>

intenção de causar dano, a informação falsa pode ser facilmente propagada sem qualquer tipo de controlo.

Os jornalistas entrevistados reconheceram a importância do *fact-checking*, o que evidencia as ideias de Brooks Jackson, o jornalista que desenvolveu os primeiros projetos de *fact-checking*, e de Canavilhas & Ferrari (2018). Os entrevistados também se focam nas dificuldades impostas pela velocidade de propagação da desinformação, especialmente nas redes sociais, que seria um problema já identificado por Carretero (2024), que investiga a forma como as novas tecnologias complicam o processo de verificação de informação.

O surgimento de tecnologias como os *deepfakes* traz consigo desafios adicionais, conforme analisado na dissertação, ao explicar como a manipulação de conteúdos amplifica a capacidade de enganar o cidadão comum, como discutido por Mika Westerlund (2019) e Giselle Beiguelman (2020).

Além das situações supramencionadas, a pesquisa também confirma as reflexões de Sónia Livingstone (2004) e Pedro Pinto (2018) sobre a literacia mediática. Os jornalistas entrevistados consideram também que o público tem uma certa dificuldade em reconhecer informação falsa, o que certifica a necessidade de uma maior educação mediática.

O ponto analisado anteriormente também foi abordado pelos jornalistas, uma vez que confirmam que os consumidores mediáticos possuem uma compreensão limitada dos mecanismos de manipulação digital que têm vindo a surgir.

Resumidamente, os resultados da investigação reforçam como a desinformação nos *media* é complexa, mostrando também que, embora existam esforços para diminuir este problema crescente, as pressões do imediatismo e os avanços tecnológicos, como os *deepfakes*, dificultam os trabalhos feitos para eliminar o problema.

O estudo de caso apresentado revela um conflito entre a necessidade de rapidez dos *media* e a precisão, enaltecendo que os erros ocorrem, por diversas vezes, devido à pressão de fornecer atualizações em tempo real, sem confirmar a veracidade da informação.

Em certos casos, como verificado na análise noticiosa realizada, as correções são feitas após a disseminação de informações incorretas, prejudicando a perceção pública da credibilidade dos *media*.

O jornalismo enfrenta um desafio de tentar equilibrar a rapidez noticiosa com a exatidão, uma situação que se manifesta cada vez mais, devido às novas plataformas digitais, onde a informação circula numa velocidade nunca vista.

## Conclusão

Esta dissertação teve como objetivo analisar a desinformação nos *media* em Portugal em relação à cobertura mediática portuguesa da Guerra na Ucrânia, abordando o a desinformação, um fenómeno que, embora não sendo exclusivamente português, assume contornos específicos neste contexto.

A questão central consistia em saber se existe desinformação nos *media* portugueses relativamente ao caso da guerra na Ucrânia, levando a refletir sobre como os *media* nacionais enfrentam um contexto noticioso mais complexo e, por vezes, manipulável.

Além do estudo apresentado nesta dissertação de mestrado, do ponto de vista teórico, é possível entender que a desinformação vai mais além da disseminação de informação falsa. Trata-se de uma estratégia de manipulação intencional, ou não, de modo a influenciar a opinião pública. Esta perspetiva torna-se ainda mais relevante quando aplicada ao contexto bélico em questão, no qual tanto a Rússia como a Ucrânia recorrem a estratégias mediáticas para continuar a lutar na guerra de narrativas. Tudo isto se aplica na criação de *deepfakes* e na manipulação deliberada de vídeos e imagens.

O surgimento em massa das redes sociais foi um dos impulsionadores do aumento desmedido da desinformação, bem como foram uma forma mais prática de levar a informação falsa a mais utilizadores, estando estes em qualquer canto do globo. Este acontecimento fez com que se tornasse cada vez mais difícil fazer análises criteriosas e *fact-checking* a tempo de serem corrigidas, levando a que a perceção pública continue a ser influenciada por narrativas distorcidas.

Esta pesquisa revelou que os *media* portugueses não são isentos de cometer erros, estando também expostos à possibilidade de partilhar desinformação. As informações falsas podem tomar diversas formas, desde a manipulação de factos, disseminação de *fake news*, originalmente publicadas em fontes internacionais, bem como publicações em redes sociais. Contudo, após a análise observou-se que apenas quatro notícias foram partilhadas pelos meios em estudo, verificando-se a confirmação das seguintes hipóteses: H1: Os meios de comunicação social noticiam errado e corrigem mais tarde (uma vez); H2: Os meios de comunicação social noticiam errado e não corrigem (duas vezes); H3: Os meios de comunicação social noticiam apenas quando a verdade é reposta (uma vez). Estes dados mostram que, de facto, a desinformação nos *media* portugueses relativamente à Guerra na Ucrânia existe. Porém,

também se pode afirmar que os próprios *media* tentam corrigir este fenómeno, apresentando-se como falhas pontuais, uma vez que estes *media* também acabam por desempenhar um papel ativo na correção da desinformação transmitida.

Após a análise às entrevistas, foi possível perceber que os jornalistas portugueses estão conscientes do impacto da desinformação, enfrentando também desafios estruturais e operacionais. Os jornalistas entrevistados destacaram a complexidade de cobrir a guerra na Ucrânia, encontrando-se no terreno ou não, uma vez que, muitas vezes, precisam de agências internacionais para corroborar a informação, e nem sempre é possível perceber de imediato se a informação recebida é, de facto, verdadeira. Não só mencionam o desafio que representa a guerra física que acontece no território ucraniano, como relevam a “batalha” travada nas plataformas sociais.

Outra questão mencionada pelos jornalistas é a necessidade premente de literacia mediática nas escolas portuguesas. De acordo com os entrevistados, o combate à desinformação não deveria passar apenas pelos jornalistas, uma vez que os próprios consumidores também deveriam ser capazes de reconhecer os sinais de uma informação falsa. Apesar disso, os jornalistas admitem que entendem a dificuldade do cidadão em analisar criticamente as informações recebidas, percebendo que, por vezes, se torna difícil distinguir a verdade daquilo que foi manipulado, especialmente nos ambientes digitais.

Devido ao aumento das publicações em redes sociais, os jornalistas também mencionam a velocidade com que as notícias são partilhadas, impulsionadas pela necessidade de atualizações quase automáticas de tudo o que acontece no mundo, levando a uma pressão nunca vista no jornalismo e, assim, aumentando os erros que são cometidos e apenas mais tarde retificados. Além da velocidade com que a informação agora chega ao público, muita desinformação começa nas redes sociais, uma vez que qualquer informação, falsa ou não, se pode tornar viral numa questão de minutos, o que leva os *media* a ter desafios nunca vistos.

Não só se sentem responsáveis por apresentar ao público informação verdadeira, como existe uma responsabilidade ética perante o que é publicado. Os entrevistados reconhecem que a modernização da propaganda e com a criação dos *deepfakes*, é necessário ter mais rigor na verificação das fontes e ter um olhar ainda mais crítico sobre toda a informação que recebem.

Por fim, é possível afirmar que os jornalistas estão bastante cientes do papel crucial que desempenham na sociedade, bem como na luta contra a desinformação, especialmente no cenário bélico vivido entre a Rússia e a Ucrânia.

O objetivo principal desta dissertação centrou-se em investigar a presença de desinformação nos *media* portugueses, com foco no caso da guerra na Ucrânia, e compreender de que forma os jornalistas lidam com este fenómeno. Os resultados obtidos asseguraram a pertinência deste problema, mostrando que, apesar dos esforços para executar novas técnicas e ferramentas de *fact-checking*, bem como garantir a veracidade das informações, o jornalismo ainda enfrenta desafios bastante significativos, especialmente com a velocidade de disseminação da desinformação na internet e nas redes sociais.

As entrevistas realizadas salientam que os jornalistas reconhecem a importância de manter uma postura ética e de atenção extrema na verificação de factos, mas também demonstram dificuldades em relação às novas tecnologias, como os *deepfakes*.

Concluindo, é necessário fortalecer as práticas de *fact-checking* e investir na formação contínua dos jornalistas, de modo a preservar a integridade do jornalismo.

Este estudo, assumindo um carácter exploratório, apresenta algumas limitações, que podem naturalmente condicionar a generalização destes resultados, pois o número de notícias analisadas e o período de análise é relativamente pequeno. Assim, sendo aumentados estes campos poderiam conduzir a resultados diferentes ou, pelo menos, mais sólidos, bem como o número de entrevistas que, sendo em maior número, poderiam mais facilmente ser representativas da classe profissional jornalística. Ainda assim, esta dissertação fica como uma base de trabalho importante para futuras investigações nesta área.



## Referências Bibliográficas

- Amaral, I. (2019). Comunicação digital: media, práticas e consumos. Em M. Mira, M. Pereira, & R. Cabeças (Eds.), *Comunicação digital: media, práticas e consumos* (pp. 99–113). NIP-C@M - Núcleo de Investigação em Práticas & Competências Mediáticas. Departamento de Ciências da Comunicação. Universidade Autónoma de Lisboa. <https://doi.org/10.26619/978-989-8191-87-8>
- Aparecido, J. M., & Aguilar, S. (2022). A guerra entre a Rússia e a Ucrânia. *Série Conflitos Internacionais*, 9(1), (pp.3–4). <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>
- Araújo, D. M., Santos, T. S., & Soares, M. (2021). Os impactos dos deepfakes sobre a perspectiva do marco civil da internet. *Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais*, 7(1), (pp.1–24). <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/cdghumanas/article/view/9120>
- Ascensão, R. (2022). *Slow Journalism - o contributo lento para o ecossistema mediático: o caso da revista Visão*. (pp. 27-41). [Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/135855>
- Barbosa, S., & Canavilhas, J. (2007). Jornalismo Digital da Terceira Geração. *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. <https://labcom.ubi.pt/livro/54>
- Beiguelman, G. (2020). A inteligência artificial (IA) saiu do armário. *As verdades dos deepfakes*,(pp.25-29). [https://www.academia.edu/44881241/As\\_verdades\\_dos\\_deepfakes](https://www.academia.edu/44881241/As_verdades_dos_deepfakes)
- Bell, J. (1997). Planear e Conduzir entrevistas - Judith Bell. Em G. Valente (Ed.), *Como realizar um projeto de investigação* (5ª, Vol. 8, pp. 136–147). Gradiva. <https://soclogos.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/como-realizar-um-p-de-investigac3a7ao-bell.pdf>
- Bigot, L. (2017). *L'essor du fact-checking : de l'émergence d'un genre journalistique au questionnement sur les pratiques professionnelles* [Doutoramento, Université Paris II ]. <https://theses.fr/2017PA020076>

- Canavilhas, J., & Ferrari, P. (2018). *Fact-checking: o jornalismo regressa às origens* (pp.30–49). EditorialSulina. <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.6/6892>
- Cardoso, M., Oliveira, G., & Ghelli, K. (2021). Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43), (pp. 1–14). [https://scholar.google.pt/scholar?q=An%C3%A1lise+de+conte%C3%BAdo:+uma+metodologia+de+pesquisa+qualitativa+M%C3%A1rcia+Oliveira&hl=pt-PT&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.pt/scholar?q=An%C3%A1lise+de+conte%C3%BAdo:+uma+metodologia+de+pesquisa+qualitativa+M%C3%A1rcia+Oliveira&hl=pt-PT&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar)
- Carmona, R. (2022). A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. *CEBRI-Revista*, 1(3), (pp. 88–92). <https://doi.org/https://doi.org/10.54827/issn2764-7897.cebri2022.03.03.04.88-111.pt>
- Carretero, A. (2024). El último periodista - La inteligencia artificial toma el relevo. Em *El último periodista - La inteligencia artificial toma el relevo* (pp. 115–157). Marcombo.
- Carvalho, É. (2013). *Jornalismo de Guerra: O caso da imprensa portuguesa* (pp. 7-15). [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1599/1/Jornalismo%20de%20Guerra-%20Caso%20da%20Imprensa%20Portuguesa.pdf>
- Chiachiri, R. (2022). O desafio contemporâneo da desinformação. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, 26(26), (pp. 1–2). <https://revistas.metodista.br/index.php/anuario/article/view/607/587>
- Comissão Europeia. (2024, Junho 11). *Comunicação estratégica e combate à desinformação*. Comunicação estratégica e combate à desinformação. [https://commission.europa.eu/topics/strategic-communication-and-tackling-disinformation\\_pt](https://commission.europa.eu/topics/strategic-communication-and-tackling-disinformation_pt)
- Comité Internacional da Cruz Vermelha. (2008). *Como o Direito Internacional Humanitário define «conflitos armados»?* (pp. 1-6). <https://www.icrc.org/por/assets/files/other/rev-definicao-de-conflitos-armados.pdf>
- Comprova. (2023, Setembro 25). Vídeo não mostra Putin criticando Lula após encontro com Zelensky. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/video-nao-mostra-putin-criticando-lula-apos-encontro-com-zelensky/>

- Correia, J. C. (2022). *Cidadania, Comunicação e Literacia Mediática*.(pp. 1-7).  
<http://bocc.ufp.pt/pag/correia-joao-carlos-Media-Publico-Literacia.pdf>
- Costa, M., & Blanco, P. (2019). Liberdade de expressão: questões da atualidade. W. Junior (Ed.), *Liberdade de expressão: questões da atualidade* (pp. 9–17). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes.  
<https://doi.org/10.11606/9788572052597>
- Damázio, A. (2023). *A importância das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI* (pp. 43-44). [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa].  
<https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.21/16955>
- Dantas da Silva, M. K., Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, M., & do Socorro Furtado Veloso, M. (2019). Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso à informação ao excesso de desinformação. 2, 15(2), (pp. 410–426). <https://apublica.org/chechagem/>.
- Dellagneze, R. (2022). *O conflito Rússia e a Ucrânia* (P. Ribeiro, Ed.; 1ª). Revista REASE.(pp. 12-79). <http://periodicorease.pro.br/>
- Diário de Notícias, & Lusa. (2023, Setembro 28). *Rússia aumenta em quase 70% o orçamento de Defesa*.  
<https://www.noticiasaoiminuto.com/mundo/2409045/despesas-militares-da-russia-vao-aumentar-quase-70-em-2024>
- Dias, J. (2014). *A guerra em «direto» e o direito à informação. Novos paradigmas na condução das operações*. (pp. 7-8).  
<https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.26/10568>
- Dias, S. R. C. (2022). *Consumo midiático e desinformação: estudo de caso sobre a Geração Z*. (pp. 4-17).  
[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41705/1/SANDRA\\_DIAS.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41705/1/SANDRA_DIAS.pdf)
- Domingos, V. (2021). A Guerra contemporânea Rússia e Ucrânia, suas consequências para o mundo em particular Moçambique. *Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea*, 3(2), (pp. 1–13). [www.revistas.editoraenterprising.net](http://www.revistas.editoraenterprising.net)

- ERC. (2019). *A Desinformação - contexto europeu e nacional*. (pp. 1-3). [https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao\\_contextoeuroeunacional-ERC-abril2019.pdf](https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao_contextoeuroeunacional-ERC-abril2019.pdf)
- Eurocid. (2022). *Código de Conduta sobre Desinformação de 2022*. Código de Conduta sobre Desinformação de 2022. <https://digital-strategy.ec.europa.eu/pt/policies/code-practice-disinformation>
- Euronews. (2023, Agosto 29). *A reportagem falsa com refugiados ucranianos, atribuída à Euronews, difundida por canais pró-Kremlin*. Reportagem falsa com refugiados ucranianos, atribuída à Euronews, difundida por canais pró-Kremlin. <https://pt.euronews.com/2023/08/29/reportagem-falsa-com-refugiados-ucranianos-atribuida-a-euronews-difundida-por-canais-pro-k>
- Farkas, J. (2023). Fake News in Metajournalistic Discourse. *Journalism Studies*, 24(4), (pp. 423–441). <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2167106>
- Fernandes, P. (2021). *Competências de literacia mediática: avaliação, perfis e propostas formativas*. (pp. 1-3). [Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. <https://doi.org/https://hdl.handle.net/10316/101674>
- Ferreira, M. (2023, Janeiro 8). Zelensky levou bandeira da Ucrânia com símbolo nazi na visita aos EUA? *Polígrafo*. <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/zelensky-levou-bandeira-da-ucrania-com-simbolo-nazi-na-visita-aos-eua/>
- Ferreira, R. A. (2007). Ética e deontologia no fenómeno da comunicação. *Comunicação e Sociedade*, 11, (pp. 31–35). [https://doi.org/https://doi.org/10.17231/comsoc.11\(2007\).1114](https://doi.org/https://doi.org/10.17231/comsoc.11(2007).1114)
- Ferreira, R. R. (2018). Rede de mentiras: a propagação na pré-campanha presidencial brasileira. *Observatorio (OBS\*) Special Issue*. (pp. 139-162). <https://doi.org/https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181272>
- Fraus-Meigs. (2006). *Media education: a kit for teachers, students, parents and professionals*. (pp. 1-185). [Unesco Digital Library]. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000149278>

- Furnival, A. C. M., & Santos, T. (2020). Desinformação e as fake news: apontamentos sobre seu surgimento, detecção e formas de combate. *Conexão comunicação e cultura*, 18(36), (pp. 72–93). <https://doi.org/10.18226/21782687.v19.n36.05>
- Godinho, R. M., & Fernandes, N. (2019, Novembro). A ética e a deontologia do jornalismo na era digital: a problemática da desinformação. 39 (pp. 22–37). <https://doi.org/https://doi.org/10.58041/aprender.64>
- Hasan, H. R., & Salah, K. (2019). Combating Deepfake Videos Using Blockchain and Smart Contracts. *IEEE Access*, 7, (pp. 41596–41606). <https://doi.org/10.1109/ACCESS.2019.2905689>
- Livingstone, S. (2004). *The changing nature and uses of media literacy*. (pp. 1-4). [https://eprints.lse.ac.uk/13476/1/The\\_changing\\_nature\\_and\\_uses\\_of\\_media\\_literacy.pdf](https://eprints.lse.ac.uk/13476/1/The_changing_nature_and_uses_of_media_literacy.pdf)
- Loureiro, L. M. (2023). Jornalismo e ativismo: Um repórter português do lado russo da guerra na Ucrânia. *Communication, technologies et développement*, 13 (pp. 1–2). <https://doi.org/10.4000/ctd.8598>
- Lusa, A. (2024, Fevereiro 5). *Verificadores em Portugal*. <https://combatefakenews.lusa.pt/verificadores-em-portugal/>
- Manuel, G. I., Sá, V. J., Gomes, P. V., Marques, A., & Pereira, J. (2022). Study of Deepfakes in Cyberspace, Impact, and Consequences on the Social Environment. *Atas da Conferencia da Associacao Portuguesa de Sistemas de Informacao*. (pp. 221–233). <https://doi.org/10.18803/capsi.v22.221-233>
- Martins, J., Midões, M., & Morais, S. N. (2022). *The Importance of Education and Media Literacy. A profile of students leaving the first cycle of studies in communication sciences*. IATED Academy. (pp. 2956-2961). <https://doi.org/https://doi.org/10.21125/inted.2022.0838>
- McDougall, J., Brites, M. J., Couto, M. J., & Lucas, C. (2019). Digital literacy, fake news and education. *Cultura y Educacion*, 31(2), (pp. 203–212). <https://doi.org/10.1080/11356405.2019.1603632>

- McLaughlin, G. (2002). *The War Correspondent* (P. Press, Ed.; 2.<sup>a</sup> ed.). Pluto Press. (pp. 1-36). [https://doi.org/10.26530/OAPEN\\_605051](https://doi.org/10.26530/OAPEN_605051)
- Mendes, D. (2018). *Considerações elementares da metodologia de análise de conteúdo em pesquisa qualitativa no âmbito das ciências sociais*. (pp. 4-15). <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/118>
- Michalski, R., & Paula, L. (2018). Os bots de disseminação de informação na conjuntura das campanhas presidenciais de 2018 no Brasil. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, 9(1), (pp. 1–16). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17048>
- Midões, M., Martins, J., & Morais, S. N. (2022). *The importance of literacy in the decoding of fake news: a case study with the 1st year undergraduate students in social communication*. (pp. 3005–3013). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.19/7633>
- Mielniczuk, F. (2022). Rússia e Ucrânia: *Conjuntura Austral*, 13(64), (pp. 7–15). <https://doi.org/10.22456/2178-8839.128328>
- Miguel, L. (2004). Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova*. Labcom, Número 55. (pp. 155-184). <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0102-64452002000100007>
- Miranda, J., Torre, L., & Jerónimo, P. (2023). *Desinformação, transparência e confiança*. LabCom. (pp. 1-106). <https://labcomca.ubi.pt/desinformacao-transparencia-e-confianca-percecoes-das-dos-jornalistas-em-portugal/>
- Molina, A. C., & Berenguel, O. L. (2022). Deepfake: A evolução das fake news. *Research, Society and Development*, 11(6). (pp. 1–9). <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29533>
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37). (pp. 1–12). [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roqu e-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roqu e-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)
- Morais, S. N., Martins, J., & Midões, M. (2023). *Media Literacy in higher education: perception about ethical issues in journalism among students of a social*

- communication course.* (pp. 6825–6831).  
<https://library.iated.org/view/MORAIS2023MED?re=downloadnotallowed>
- Moura, Z. B. (2018). *Da mentira que se quer verdade: fake news, uma velha chaga em novos tempos.* [Faculdade de Letras de Coimbra]. (pp. 1-93).  
<https://doi.org/https://hdl.handle.net/10316/82557>
- Munhoz, S. (2018). A crise do sistema soviético e o fim da Guerra Fria. *Esboços: histórias em contextos globais*, 24(38). (pp. 449–469). <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2017v24n38p449>
- Oliveira, A. F., Maneta, M., Brites, M. J., & Ribeiro-Rodrigues, V. (2024). How is Portugal addressing disinformation? Results of a mapping of initiatives (2010-2023). (pp. 1-17). *Observatorio (OBS\*) Journal*.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.15847/obsOBS18520242444>
- Osorio, A. (2018). *Women’s angle: a atuação de jornalistas mulheres em coberturas de guerra.* [Universidade Federal do Rio de Janeiro] (pp. 1-72).  
<https://doi.org/http://hdl.handle.net/11422/17345>
- Otonicar, S., Valentim, M., Jorge, L., & Mosconi, E. (2019). *Fake news, big data e o risco à democracia: novos desafios à competência em informação e midiática.* (pp. 1-24).  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.54886/ibersid.v15i1.4678>
- Pereira, C. S. (2014). Jornalistas e militares em cenário de guerra. *Janus*. (pp. 1–2).  
<https://doi.org/http://hdl.handle.net/11144/2907978-989-8191-62-5>
- Pereira, J. (2023). Um problema da atualidade-Desinformação. *Revista Técnica de Tendências em Comunicação Empresarial*, 3. (pp. 1–6).  
<https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5102/2733>
- Pinheiro, C. (2020). *Qual a importância do programa Polígrafo no combate às Fake News em Portugal?* [Universidade Lusíada Norte – Porto] (pp. 1-23).  
[https://www.researchgate.net/publication/351087870\\_Qual\\_a\\_importancia\\_do\\_programa\\_Poligrafo\\_no\\_combate\\_as\\_Fake\\_News\\_em\\_Portugal](https://www.researchgate.net/publication/351087870_Qual_a_importancia_do_programa_Poligrafo_no_combate_as_Fake_News_em_Portugal)

- Pinheiro, M. (2017, Fevereiro 8). *Como são os novos Fact Checks do Observador?* Observador. <https://observador.pt/especiais/como-vaio-ser-os-novos-fact-checks-do-observador/>
- Pinto, P. (2018). *Fake news e social media em Portugal: conceitos, realidade e hipóteses*. [Mestrado, Universidade do Porto]. (pp. 3-40). <https://doi.org/https://hdl.handle.net/10216/119799>
- Polígrafo. (2024). *Estatuto Editorial - O Nosso Método*. <https://poligrafo.sapo.pt/institucional/estatuto-editorial/>
- Público. (2022, Fevereiro 25). A última resistência contra as forças russas numa pequena ilha ucraniana. *A última resistência contra as forças russas numa pequena ilha ucraniana*. <https://www.publico.pt/2022/02/25/mundo/noticia/ultima-resistencia-forcas-russas-ilha-ucraniana-1996817>
- Público. (2024, Fevereiro 5). *Prova dos Factos*. <https://www.publico.pt/prova-dos-factos>
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. L. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais* (4.<sup>a</sup> ed.). Gradiva. (pp. 193-198).
- Reato, F. (2021). *Fake news: compreensão e análise da comunicação no mundo da desinformação*. [Mestrado, Universidade do Minho] (pp. 1-45). <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/77096/1/Filippo%20Reato.pdf>
- Ribeiro, A. (2022, Junho 7). Vídeo de Zelensky a anunciar rendição da Ucrânia é verdadeiro? *Público*. <https://www.publico.pt/2022/03/17/mundo/noticia/video-zelenskii-anunciar-rendicao-ucrania-verdadeiro-1999129>
- Rodrigues, P. (2006). *O colapso da URSS: um estudo das causas* [Doutoramento, Universidade de São Paulo]. (pp.13-310). <https://doi.org/https://doi.org/10.11606/T.8.2006.tde-11072007-112541>
- RTP. (2020). *O que são fake news?* O que são fake news? <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-que-sao-fake-news/>

- Santos, F. (2022). *Literacia para os media como combate à desinformação: Um olhar para o ensino superior de jornalismo em Portugal e Espanha* [Mestrado, Universidade da Beira Interior ]. (pp. 1-10). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.6/13272>
- Santos, J. (2022, Maio 3). «Fantasma de Kiev». O militar que teria derrubado 40 aviões russos é, afinal, um mito. «Fantasma de Kiev». *O militar que teria derrubado 40 aviões russos é, afinal, um mito*. [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fantasma-de-kiev-o-militar-que-teria-derrubado-40-avioes-russos-e-afinal-um-mito\\_n1402283](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fantasma-de-kiev-o-militar-que-teria-derrubado-40-avioes-russos-e-afinal-um-mito_n1402283)
- Soller, D. (2023). A indesejada guerra do mundo livre. *Relações Internacionais*, 77. (pp. 73–81). <https://doi.org/10.23906/ri2023.77a08>
- Sousa, J. P. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. [Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo]. (pp. 113-115). <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1162/2/Hist%20Jor%20Ocidente%20JPS%20BOCC.pdf>
- Teixeira, G. C. (2018). *Jornalismo de Guerra: história, características e a especialização jornalística no Brasil*. [Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais]. (pp. 2-4). [https://www.academia.edu/37938676/Jornalismo\\_de\\_Guerra\\_hist%C3%B3ria\\_caracter%C3%ADsticas\\_e\\_a\\_especializa%C3%A7%C3%A3o\\_jornal%C3%ADstica\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/37938676/Jornalismo_de_Guerra_hist%C3%B3ria_caracter%C3%ADsticas_e_a_especializa%C3%A7%C3%A3o_jornal%C3%ADstica_no_Brasil)
- Thomas, J., & Euronews. (2024, Fevereiro 13). A desinformação na entrevista feita por Tucker Carlson a Vladimir Putin. *A desinformação na entrevista feita por Tucker Carlson a Vladimir Putin*. <https://pt.euronews.com/my-europe/2024/02/13/a-desinformacao-na-entrevista-feita-por-tucker-carlson-a-vladimir-putin>
- Torres, L. (2022). *Disinformation Studies: perspectives from an emerging field* (pp. 118-19). In J. Correia, P. Jerónimo, & I. Amaral. LabCom. <https://labcomca.ubi.pt/en/disinformation-studies-perspectives-from-an-emerging-field/>
- Vieira, H. A. P. (2022). Conflito Rússia e Ucrânia: um estudo sob a ótica dos direitos humanos. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218*, 3(10). (pp. 1–16). <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i10.2069>

- Viera, S. (2019). *A relevância do jornalismo em tempos de fake news e sua necessidade de reinvenção na era da Pós-Verdade*. [Universidade Federal do Espírito Santo]. (pp.1-13). <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1042-1.pdf>
- Wardle, C. (2018). *Information Disorder: The Essential Glossary*. . [Harvard Kennedy School]. (pp.1-8). <https://www.rcmediafreedom.eu/Resources/Manuals/Information-Disorder-The-Essential-Glossary>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy* [Council of Europe report] (pp. 20-23). [makinghttps://edoc.coe.int/en/media/11609-desordem-informacional-para-um-quadro-interdisciplinar-de-investigacao-e-elaboracao-de-politicas-publicas.html](https://edoc.coe.int/en/media/11609-desordem-informacional-para-um-quadro-interdisciplinar-de-investigacao-e-elaboracao-de-politicas-publicas.html)
- Weikmann, T., & Lecheler, S. (2023). Cutting through the Hype: Understanding the Implications of Deepfakes for the Fact-Checking Actor-Network. *Digital Journalism*. Routledge. (pp. 1-4). <https://doi.org/10.1080/21670811.2023.2194665>
- Westerlund, M. (2019). *The Emergence of Deepfake Technology: A Review*. 9(11). (pp. 39–52). [https://timreview.ca/sites/default/files/article\\_PDF/TIMReview\\_November2019%20-%20D%20-%20Final.pdf](https://timreview.ca/sites/default/files/article_PDF/TIMReview_November2019%20-%20D%20-%20Final.pdf)

## Apêndices

### Apêndice I - Entrevista: Catarina Vasconcelos

1. Como descreveria o papel da desinformação na sociedade atual?

**Catarina Vasconcelos:** Olha, essa questão é muito importante e é muito interessante, porque há pessoas que dizem que vivemos na era da pós-verdade, e na verdade nós vivemos também na era do pós-jornalismo, porque se nós estivermos atentos, a informação inunda-nos em todo o lado, não é? E nas redes sociais, no Twitter [agora X], e realmente no dia-a-dia, os jornalistas apercebem-se e muitas pessoas caem mesmo na desinformação. Ainda vimos há pouco tempo, agora com estas eleições europeias, por exemplo, em Portugal vimos isso acontecer, nomeadamente no grupo de que eu faço parte, que é o Grupo Impresa [não sei se tiveste conhecimento], mas houve uma reportagem de uma conversa com André Ventura com um imigrante. Um imigrante que abordou André Ventura e acho que foi exatamente André Ventura, não foi o seu candidato, na Póvoa de Varzim, e depois foi montado pelo partido nas suas redes de outra forma. Até hoje esse imigrante tem vindo a ser descredibilizado, usando-se informação falsa, portanto, nós nem deveríamos chamar-lhe de informação, é mesmo desinformação. E isto acontece por todo o mundo, é importante sabermos que nós não inventamos nada e que não chegou a Portugal uma coisa absolutamente inovadora e nova, isto já estava a atacar os Estados Unidos em força há alguns anos, e a Europa.

Nestas eleições europeias, e até antes da campanha, soubemos algumas notícias, por exemplo, de interferência russa em vários órgãos da União Europeia, e também interferência russa em termos de espionagem, tudo isso contribui nas embaixadas, nos órgãos de comunicação, para semear dúvidas, para semear rumores, o *hearsay*, como se costuma dizer nos Estados Unidos. E, portanto, isso é um grande, grande, grande desafio para o jornalismo. Eu não faço ideia, há muitos pensadores que tratam este tema muito melhor que eu, não faço ideia se o jornalismo vai sobreviver, ele continua a sobreviver e continua a ser uma prática importante, talvez mais importante agora, mas com os desafios que temos também não estamos a fazer o melhor jornalismo que poderíamos, isto é importante fazer em termos de diagnóstico, pensa nisto em termos de diagnóstico e fazer uma reflexão interna, mas com os meios, e isso já é outra questão.

Nós somos condicionados a ser menos bons no que fazemos, menos rigorosos, mais rápidos e, enfim, é mesmo dramático, é um momento dramático para o jornalismo.

2. Em relação ao jornalismo em si, quais são os maiores desafios que enfrenta quando está a tentar distinguir a informação verdadeira e a desinformação?

**Catarina Vasconcelos:** Boa pergunta, eu acho que é um desafio que todos os jornalistas deviam encarar como desafios, eu encaro certamente. É a missão de tentar dar voz a várias perspetivas, e quando digo isto, não é dos dois lados. Fala-se muito dos dois lados, se o jornalismo souber a verdade e contar o facto, é factual, é verdadeiro. É isto, o jornalista não tem que dar a voz a dois lados, se nós soubermos a verdade, e muitas vezes nós não sabemos a história, nós sabemos contar a história.

Aconteceu isto, no “dia tal”, e depois esta é na defesa de determinada pessoas, e isto é o que alega outro interveniente qualquer. E, portanto, eu acho que o grande desafio é o confronto de fontes e quando vivemos cada vez mais, e não sei se isso é bom ou mau, mas vivemos numa altura de grande polarização. Às vezes, o ataque de quem nos lê é feroz, porque hoje em dia há muito mais interação, nós conseguimos perceber qual é a reação de quem recebe a notícia e de quem recebe os conteúdos e, portanto, nós somos confrontados constantemente com a falibilidade do nosso trabalho, que existe, não é? Eu escrevo determinada coisa e porquê que não ouviste isto? [Compreendes?] Porquê dar voz a esta pessoa e não dar aquela? É porque é antissemita, é fascista. E isso cresce em desafio, mas por outro lado não me parece totalmente interessante, porque muitas vezes eu própria, e os jornalistas em geral [eu acho], já sentem essa limitação de trabalho, e eu sei que já vais chegar à guerra na Ucrânia, mas é uma coisa muito importante para mim e que tem sido, e continua a ser muito importante para mim ao longo desta guerra, que é extremamente difícil falar com fontes russas sobre este tema. É um tema que afugenta pelo posicionamento que Portugal tem, e pelo posicionamento que os próprios jornais têm em relação à guerra na Ucrânia, que é compreensível, porque é uma guerra que está muito [enfim], parece-me mais ou menos clara, a forma como aconteceu, no entanto, é muito difícil falar com essas fontes, e isso é um problema para mim.

Por isso, eu compreendo que seja um problema para os ouvintes e para as pessoas que leem, e eu acho que têm que continuar a ser um problema na medida em que nós temos que nos confrontar com isso e tentar melhorar esse aspeto, melhorarmos continuamente e continuar a procurar.

3. Quais são as ferramentas que usa para verificar a autenticidade da informação?

**Catarina Vasconcelos:** Isso é extremamente difícil. Vou explicar porquê, eu faço muito trabalho sobre a internacional, essa é a questão que eu cubro mais, no entanto, eu nunca fui, por exemplo, à Ucrânia.

Eu escrevo sobre a Ucrânia há dois anos sem nunca ter ido à Ucrânia, e tenho outros colegas que foram, e que estão habituados a fazer esse tipo de trabalho. Ainda assim, apesar de ser mais fácil para essas pessoas, não é ostensivamente mais fácil. Porque o que acontece é que as pessoas que estão na linha da frente [mais ou menos, nunca estão totalmente atrás], estão nas periferias, mas a informação sobre movimentação, sobre captura de território, sobre os movimentos, o grande plano das coisas é muito mais difícil de analisar. E normalmente, as pessoas que analisam mais isso como um drone. A imagem de drone, vista de cima, do que está a acontecer, e ter uma análise total em tempo real, praticamente, ou em dias, são os analistas, os analistas de defesa, os analistas de relações internacionais.

O que é que acontece? Estes, e nós temos de ser muito objetivos e pragmáticos, num aspeto que é, nós sabemos que estes analistas [existem], de onde é que vêm?

Vêm de uma Rand Corporation, que tem parcerias com negócios de armas, são norte-americanos. Nós sabemos perfeitamente disso, não quero dizer, não invalida totalmente a sua análise, certo? Não invalida que Kharkiv tenha sido, esteja a receber ataques todos os dias, e que as pessoas [...], não invalida nada disso. E é importante ter essa análise, mas essa confrontação é sempre difícil. Aquilo que nós notamos também é, mais uma vez, na rede social X, a quantidade de vídeos que surgiram, por exemplo, da parte de, sobretudo da Rússia, que agora com a inteligência artificial, além de recursos que eu nem preciso de te dizer, são modificados os vídeos e são colocados, por exemplo, videojogos, imagens de videojogos, para transmitir uma imagem da guerra no campo de batalha que não corresponde à realidade, e não é assim que está a ser feita a defesa ucraniana no terreno. São feitos vídeos para desacreditar Zelensky, há cada vez mais *trolls* russos, os *bloggers* russos têm um papel de fazer pressão sobre o regime e, portanto, também e sempre com a consciência de que é um regime altamente autoritário e asfixiante e, portanto, essa pressão é feita sempre com ligeiros toques de crítica, e depois elogios. Portanto, tudo isso é muito difícil de decodificar, e nós temos de ter noção disso, precisamos de muita ajuda para decodificar. Portanto, estes são muitos desafios, muitos desafios. Olha, por exemplo, eu consumia imenso informação *online* ucraniana e russa, e é muito difícil porque ambos os lados, a Ucrânia está neste momento numa feroz luta de propaganda e de relações públicas para obter o máximo de armas possível, o que é completamente

compreensível para a sua causa, não é? Para a liberdade do território, mesmo que se compreenda já no terreno que muito possivelmente não vai ser possível vencer a guerra de forma militar e, portanto, é difícil.

É a mesma coisa que se estivéssemos a ter uma guerra aqui, como é que escreveriam os nossos jornais sobre isso? Isso é uma grande reflexão que devemos fazer e é muito importante, e aquilo que se costuma dizer é que quando começa uma guerra, morre a verdade, e que há sempre uma guerra ao nível da informação. Portanto, há uma guerra de informação e isso vale muitos, muitos votos de eleitores dos países ocidentais que apoiam a Ucrânia e que apoiam os seus líderes, continuam a enviar ajuda militar, assinar pacotes de fornecimentos coletivo, tudo isso tem muita importância porque se domina a opinião pública, é muito mais fácil ganhar uma guerra.

A desinformação é uma arma muito poderosa, e no início da guerra, não havia um cansaço tão grande. As pessoas consumiam muitas notícias, muitas, muitas notícias. Nota-se muito na tração que têm os conteúdos. No início, tudo o que era Ucrânia e Rússia estava no topo dos mais lidos. Hoje já não, e existe um cansaço da guerra, é por isso que talvez não nos apercebemos que existe muita desinformação ainda. Continua a haver, mas na altura nós tínhamos imensa coisa de ataques que, depois, os russos vieram dizer que foram os ucranianos que fizeram e havia imagens de jornais norte-americanos a chegarem aos sítios e a filmarem como podiam, corpos abandonados na beira das estradas e russos a dizerem que eles mexiam os braços.

E um grupo que fez um trabalho extraordinário nesse aspeto foi os Bellingcat, que é um site que usa [bem, eles usam várias coisas]. Eles primeiro fazem identificação dos sinais, porque nós partilhamos imensa coisa, não é? E eles fazem a identificação desse sinal, verificam. Eles verificam e têm tecnologia para o fazer. E fazem-no de uma forma que vale a pena seguir. E foi interessante falar com os Bellingcat no início da guerra na Ucrânia, porque eles desmistificavam ponto por ponto, desmontavam as teorias de “não, não foi isto, não foi isto que os russos disseram”.

Quando havia tropas russas a cercar Mariupol, por exemplo, que foi um momento muito épico da guerra, havia imensa desinformação sobre o batalhão Azov, e foi um dos momentos que marcou mais, mas a verdade é que a influência russa já existe desde o tempo do Brexit e, portanto, e a influenciar eleições mundiais, a nível mundial já foi provado por várias investigações.

4. Acredita que, para além dos meios de comunicação social tradicionais, as redes sociais/internet, têm uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação?

**Catarina Vasconcelos:** Eu acho que as redes sociais o que mais fazem é o contrário, é fomentar a desinformação. Não quer dizer que não haja contas ótimas de seguir, há contas que uma pessoa como jornalista vê, e não só em termos de guerra, mas também em termos da política nacional, que fazem quase *fact-checking*, é incrível, mas nós não nos podemos guiar 100% nisso, ou seja, como jornalistas, muitas vezes, não estamos fora da sociedade. Somos um grupo na sociedade e, portanto, interagimos com ela e vemos esses conteúdos, e esses conteúdos até nos podem inspirar para um artigo, ou para uma reportagem, ou para uma peça. Faz todo o sentido, porque se são dúvidas que vemos *online*, passam pela cabeça de muitas pessoas.

E como sabemos, hoje em dia, as pessoas são todas micro-influenciadoras, e tudo é uma dúvida, e uma dúvida de um, é uma dúvida de vários. E mesmo quando não é uma dúvida, e é um trabalho até bem feito, para uma pessoa que é *outsider*, que não é um jornalista, nós não podemos *quotar* esse trabalho. Esse trabalho é sempre nosso e nunca entrega-lo à mão de outros intervenientes, até porque na internet há muitas contas que nós não sabemos a quem pertencem e não sabemos nenhuma.

Se formos mais objetivos é difícil sabermos a origem, seja do que for, portanto é assustador. No outro dia também surgiu um *template* nas rede sociais, em que atribuíram ao Ricardo Corte [que é um dos diretores da SIC e do Grupo Impresa] uma citação, uma frase que ele nunca tinha dito, mas o *template* era exatamente o mesmo, ou seja, hoje em dia, com toda a tecnologia existente, isso é a coisa mais fácil de se fazer e de produzir, bem como se atribuir a outra pessoa. E depois para desmontar isso é muito mais difícil, porque quem já viu, já viu, e não ter trabalho de contrariar o que foi, o que viu em primeiro lugar, não é?

Já têm a ideia feita sobre isso. Às vezes, dependendo das pessoas, se nós sabemos quem seguir e se lermos que há fontes que credivelmente nos têm dito coisas em que confiar e que se verificam, mesmo na prática, nós vamos seguindo essas contas e essas contas já às vezes vamos alertando para coisa que nós não estamos tão alertas e isso também é positivo, não é tudo negativo nas redes sociais,

5. Relativamente à guerra na Ucrânia, acha que a desinformação pode ter sido meio para atingir um fim? Terá impactado ainda mais as consequências negativas da guerra?

**Catarina Vasconcelos:** Eu acho que a desinformação já é um impacto extremamente negativo, e quando vivemos uma guerra temos de saber o que vai acontecer, é uma inevitabilidade, porque uma guerra é uma situação limite, é quando tudo o resto falhou, portanto é óbvio que as pessoas são levadas ao limite e no limite de produzir desinformação não nos parece tão gravoso quanto isso, sobretudo se a sua causa, na ideia de quem a produz, é nobre.

E [a desinformação] pode desmobilizar de uma causa, porque de tanto que se ouviu falar, neste caso houve muitos boatos sobre Zelensky, que ele não era ucraniano, como se disse que Obama não era americano, enfim. Isso vai degradando a opinião pública em relação a determinados protagonistas essenciais, mas eu acho que a desinformação também pode desmobilizar, em última análise, as próprias tropas, ou neste caso até mobilizar, tem sempre um efeito.

Isso pode ter um efeito mobilizador para as tropas no terreno, da parte da Ucrânia, mas também não tenho a certeza se isso acontece, para te ser franca, porque não vejo, e não quero estar a arriscar muito.

6. Durante os dois anos de guerra, já consegue associar diretamente uma determinada fonte de informação a desinformação? Alguém ou alguma instituição que reconheça como a origem de desinformação acerca da guerra? Qual ou quais?

**Catarina Vasconcelos:** Sim, eu tenho alguns. Por exemplo, eu sigo o site RBK, que é da Rússia. Agora tenho uma visão muito suave da guerra, porque na Rússia é até crime dizer que é guerra. Neste momento, eles tanto dizem como não dizem, ou seja, eu acho que estão na última fase já. Mas os órgãos de comunicação social são completamente perseguidos na Rússia, são classificados como agentes estrangeiros, muitos sites tiveram de fechar.

Eu sigo um site, que é o site Medusa [russo], mas é anti-regime, portanto também não podemos achar que só os pró-regime é que produzem desinformação, também temos de ter cuidado. Para já, achei sempre fidedigno o site Medusa, mas é sempre bom deixar claro que é anti-regime, é anti-Putin. Mesmo que o Kiev Independence é um site bom, tudo ok, mas é preciso ter cuidado.

Há o Moscow Times, mas são sites que nós temos de ter noção, que estão debaixo de um guarda-chuva de um regime extremamente autoritário, em alguma medida autocrático e corrupto.

Portanto, nós vamos ler uma notícia e perguntar-nos se isso é verdade, até que ponto é verdade. E perguntar às pessoas com quem falamos. Há uns que têm umas visões mais pró-russas, há outros que têm visões mais pragmáticas, e há aqueles que são [e percebe-se bem], aqueles a

quem é quase ofensivo perguntar, e que são fontes muito defensoras da política externa norte-americana.

7. Considera que houve um impacto da desinformação na percepção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional?

**Catarina Vasconcelos:** A percepção pública inicialmente foi muito pró-Ucrânia. Ela tem vindo a variar e a flutuar ao longo tempo. Porque já vamos com dois anos e quatro meses [de guerra].

E, portanto, ela tem vindo a flutuar no tempo, existe um grande desgaste. As pessoas continuam a apoiar a Ucrânia, mas a percepção pública, e há muitas sondagens feitas a nível europeu e a nível norte-americano.

Se formos às sondagens norte-americanas, e aí é interessante ver que, por exemplo, os dois candidatos principais às eleições norte-americanas têm verbalizado uma postura que, na verdade, eu vou reformular, O Donald Trump tem adotado uma postura mais comedida do que aquela que adotava inicialmente e adotava em 2016. Dizia-se que ele era pró-Putin, eu não posso dizer que ele seja pró-Putin, não tenho a certeza. Sabemos que houve interferência nas eleições norte-americanas por parte da Rússia em 2016. Ele é um candidato que tem sido sempre errático e sempre imprevisível e tem-se retraído mais, apesar de ele dizer que resolve a guerra da Ucrânia num dia. Essas declarações já foram há uns meses, e tem ele tem-se retraído mais porque o apoio à Ucrânia, nos Estados Unidos, ao contrário do que acontece na guerra Israelo-Palestina, que está a flutuar mais, com os protestos estudantis e tudo mais, em relação à Ucrânia, continua inabalável o apoio. E, portanto, o Donald Trump fez disso uma questão mais *tabu*.

Joe Biden é totalmente a favor da Ucrânia, e os governos europeus têm oscilações. Na Europa há regimes mais pró-Putin e pró-Rússia e muito próximos à Rússia, outros que são totalmente pró-Ucrânia, e que até receiam, também, uma invasão das suas próprias fronteiras. Mas isto tem variado ao longo do tempo, e na União Europeia existe um equilíbrio que é feito, que é com a oferta de contra partida. Há alguns estados que oferecem mais resistência, como a Hungria, por exemplo.

Se virmos, no outro lado do espectro está a Polónia, por exemplo. Que é um estado que sempre disse recear uma invasão russa. Portanto, eu acho que isto é histórico, é uma coisa que se verifica sempre. A opinião dos governos acompanha muito a opinião popular, porque isso dá votos. E 2024 tem sido um ano muito particular, porque há muitas eleições a ocorrer a nível

mundial, e, portanto, os governos têm que apoiar a Ucrânia [ou não apoiar tanto a Ucrânia], dependendo da opinião das pessoas, e como nós vemos ainda muitos governos a apoiar a Ucrânia, sabemos também, que o apoio ainda é muito substantivo.

8. Acredita que a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos?

**Catarina Vasconcelos:** Sim, sem dúvida. E ainda bem que fizeste essa pergunta, porque eu estava aqui a pensar que não falei de uma coisa extremamente importante, que é muitas vezes nós temos ideia, ou pensamos apenas no Ocidente. Nós pensamos na Europa, pensamos nos Estados Unidos, no Canadá, a Austrália. Mas não pensamos na parte Leste, não é? No Oriente, e esta guerra construiu-se de uma forma muito Ocidente *versus* Oriente.

E, portanto, é muito importante ver que não só o Oriente, também o Sul [o hemisfério Sul], tem-se posicionado de uma forma ou ambivalente, ou neutra, ou pró-Rússia, não é? E, portanto, isso tem um grande impacto em termos geopolíticos e isso provém muito da desinformação. Nós sabemos, por exemplo, que nos países da América Latina, o Sputnik é um dos canais principais de notícias, as pessoas consomem mesmo muitas notícias do Sputnik.

Nós sabemos, por exemplo, que em África a propaganda russa foi extremamente acelerada, já existia. E porquê que ela ganha tração? Ela ganha tração porque existe em África, e com alguma compreensão da nossa parte, uma narrativa antiocidental e anticolonialista.

Portanto, países que sofreram nas mãos do domínio dos ingleses, dos franceses, dos neerlandeses, dos portugueses e dos povos europeus em geral, viraram-se para uma visão do mundo anti Estados Unidos. E, portanto, a Rússia [até] tem uma empresa paramilitar alegadamente a ajudar nas guerras civis desses países, mas também a explorar recursos e a usurpar recursos, são muito bem-vindos, E essa ajuda, esse investimento e essa troca de armamento é muito bem-vindo por parte de África e da América Latina.

A América Latina é diferente, já é uma relação mais comercial, que interessa, por exemplo, ao Brasil, mas também à Colômbia, enfim. E é muito importante perceber isso. E não fingirmos só o impacto que a desinformação provoca nos regimes que são mais escudados para isso, que são os regimes ocidentais. A verdade é que há muitos regimes muito mais permeáveis a isso.

O Irão, a China e a Coreia são outra categoria, é muito mais comercial. Bem, também é narrativa anti norte americana, do domínio norte americano, mas aqui existe muito a ideia da ascensão

do sul global contra os ocidentais, e isso eu diria que a desinformação nesse aspeto tem mais poder, tem muito poder politicamente, mas tem muito poder geopoliticamente, que ainda causa efeitos ainda muito mais significativos e que vamos ver ainda mais a longo prazo, porque imediatamente sabemos trata-los, mas ainda não estamos, se calhar, bem a ver os efeitos que vai provocar nesse domínio.

9. Consegue identificar quais foram as consequências da desinformação na população ucraniana?

**Catarina Vasconcelos:** Dificil essa. Bem, acho que a desinformação [...], nós temos que primeiro entender que a população ucraniana, como todas as populações [mas enfim], por este contexto de antigo estado da União Soviética, tem várias perceções diferentes, e existe uma parte da população, e cada vez menos, mais pró-Russa, e outra totalmente pró-Occidente, e que hoje até é apoiada pela NATO, União Europeia e essas coisas. Então eu acho que o impacto é diferente, mas nas regiões ocupadas pela Rússia, e anexadas ilegalmente pela Rússia, existem muitos falantes de russo, e existem algumas pessoas, e há algumas pessoas que não se importariam assim tanto se aqueles territórios fossem totalmente anexados e fossem domínios.

E há outras pessoas que estão ali completamente dominadas, e há muita violência nessas regiões, e crianças que foram sequestradas. Mas eu acredito que o impacto da desinformação é o impacto que é nefasto como em todas as sociedades, ou seja, cria clivagem e cria desunião no fundo, uma causa que é comum. Mas eu acho que neste momento continua a haver a prevalência de um espírito ucraniano de resistência, e querem continuar a lutar, e enfim, acho que é isso que prevalece neste momento.

10. Conhece algumas medidas, se as houver, que estão a ser tomadas para combater a partilha de informações falsas, bem como educar e proteger a população ucraniana contra a desinformação?

**Catarina Vasconcelos:** Nessas regiões anexadas, por exemplo, as crianças já estão a ir à escola e a ter aulas propagandísticas, ou seja, de conteúdos de politização infantil já, desde muito cedo. Medidas de combate à desinformação, eu acho que só o jornalista pode pô-las em marcha, mas há medidas que foram tomadas pela União Europeia para banir a transmissão de canais russos, que há uma faca de dois gumes, por assim dizer.

Tenho uma opinião ambivalente sobre isso, existe essa medida de banir totalmente, A verdade é que hoje em dia todos nós temos um VPN ou qualquer coisa para aceder a canais russos, podemos aceder, e nós, se acedermos, podemos ter muito mais dificuldade em conhecermos, por exemplo, o que está a ser verbalizado em tempo real, mas os ucranianos têm muito mais familiaridade com a língua. É como se nós estivéssemos a ver um canal espanhol e, portanto, conseguimos fazê-lo.

Eu não consigo dizer, ou seja, não tenho uma confirmação científica de que isso aconteça, mas acredito que isso aconteça. Porquê? Porque os antigos estados da União Soviética, e neste caso em particular, e é mesmo em particular, a Ucrânia e a Rússia têm laços de irmãos.

Antes desta guerra tinham laços de irmãos. E falo da população, mas também o próprio regime, as oligarquias, tudo trabalhava em rede, a igreja ortodoxa que agora se afasta, a ucraniana da russa, antes muito, muito ligada havia muito, e ainda há, famílias que vivem de um lado e do outro da fronteira.

E, portanto, partilham a informação e têm duas visões completamente distintas do conflito. E claro que isso separou famílias. Isso separou famílias, essa desinformação de um lado e depois, não quero fazer que seja desinformação ucraniana, mas que existe, porque essas pessoas, quer dizer, nós conseguimos perceber porque pelo WhatsApp, pelas redes sociais, as pessoas comunicam e enviam vídeos.

Estou a falar de Portugal, eu nem quero imaginar se nós fôssemos um estado em guerra, em que as nossas emoções foram levadas ao limite, a nossa polarização também, e tendemos a acreditar naquilo que serve a nossa narrativa e, portanto, o civil comum não vai verificar se o vídeo é correto, se está bem dito ou não. Mas houve, por exemplo, na Rússia, algumas manifestações, por exemplo, uma jornalista entrou em direto com uma placa a dizer que havia censura e contra a censura. Para alertar o povo em relação a isso, mas a verdade é que o povo russo, nós temos pouca perceção de como eles vêm a informação e como eles vêm a obtenção de informação maioritariamente por fontes oficiais do governo e do Kremlin.

Não existe, por mais pessoas com quem eu fale, ninguém me consegue dar uma visão clara. Eles pensam assim, além da Rússia ser enorme, e outra vez, as populações são coisas, são uma massa absolutamente heterogénea, não é? É muito difícil saber qual é que é o espírito comum, não é?

Se há um pensamento em comum em relação a isto, mas afeitou muito os laços entre os dois países, que eram irmãos e que eram muito próximos e que estão irremediavelmente afastados.

Só se houvesse uma mudança absoluta de regime, se tivesse um líder absolutamente diferente de Zelensky e que quisesse mesmo pôr fim à guerra e o sentimento popular já fosse diferente para ele ser aceito dessa forma, é que poderia mudar, mas acredito, e os jornalistas acreditam, que esse caminho da aproximação do ocidente é completamente um caminho sem volta. Não volta atrás.

A Ucrânia não volta atrás.

11. Considera que os jornalistas de diferentes países e organizações se encontram unidos para combater a desinformação, não só no geral, mas também em específico na guerra da Ucrânia?

**Catarina Vasconcelos:** Não. Em primeiro lugar eu não considero que os jornalistas estão unidos, mas isto é uma parte, não sei se é uma coisa boa para descrever. Não, eu acho que, voltando aquela história de que somos pessoas, estamos inseridos numa sociedade. É uma sociedade que está cada vez mais afastada, as pessoas estão cada vez mais afastadas umas das outras e isso também apanha os jornalistas.

Os jornalistas comunicavam mais, estavam mais presentes nas redações, falavam mais, confrontavam-se mais com os temas. Eu acho que hoje em dia há mais o julgamento de pessoas, “X” fez assim, como é que fez assim? Mas não existe tanto o diálogo, por isso eu acho que não.

A percepção que eu tenho é que não. Claro que há grupos e há iniciativas contra a desinformação e há órgãos que fazem *fact-checking* cada vez mais, porque também vêm essa necessidade, não é? Há cada vez mais desinformação e por várias vias, ataca-nos por todo o lado, mas eu não considero que haja uma união. E isso é uma coisa muito interessante que tu estás a perguntar, não sei se te apercebeste o quão interessante é a tua pergunta, porque os governos unem-se mais ou menos, mas têm noção que é uma emergência, por exemplo, a emergência climática, os jornalistas devem unir-se neste grande propósito, que é o combate à desinformação e as iniciativas deviam ser muito mais robustas, muito mais abrangentes e muito mais em rede.

Eu acho que não existe isso para já. Há plataformas de investigação ótimas e há jornalistas, por exemplo, do Expresso que estão envolvidos, e isso ajuda. Quanto mais qualidade de jornalismo houver, eu que melhor, não é?

Mas nós temos tantas lutas neste momento [no jornalismo], para viver mais um mês, compreendes? É tão mais sobrevivência, mesmo na atividade, e sobrevivência até na vida.

Temos como pagar as contas, que acho que [...] ainda não nos consciencializamos que a própria atividade está em risco.

A Inteligência Artificial também (IA), nem vamos por aí, mas ainda há dias publicamos uma entrevista que eu fiz com um especialista de Inteligência Artificial que testava, e ele testou de forma independente, vários sistemas de IA e eles já são capacitados para mentir. Portanto, já perdemos totalmente o controlo.

Houve uma altura [isto já foi há alguns meses mesmo] em que criaram um *deepfake* de Zelenksy para ligar à Meloni, e ela respondeu a achar que era real. Portanto, isto é o nível de interferência que temos neste momento.

Eu acho que a população se sente perdida, nós também nos sentimos perdidos, mas estamos ainda mais alarmados. Porquê? Porque temos ainda mais consciência do que não [real]. De quanto há coisas que são difundidas e que não são verdade. Eu acho que uma parte das pessoas depois já não têm o contraditório e passou. Muitas vezes têm, mas muitas vezes não têm. E portanto, acho que estão alarmados como nós, e nós que temos essa consciência temos muito mais responsabilidade para criar estruturas, para nos ajudarmos contra a desinformação. Eu que isso acontece poucas vezes.

12. E no caso português, acha que o tema merece, por parte dos jornalistas, a relevância que deveria merecer ou é subvalorizado?

**Catarina Vasconcelos:** É muito subvalorizado. Porquê? Eu posso fazer aqui uma reflexão que tenha a ver. Basta nós pensarmos que o jornalismo aceita, hoje, que um político esteja a falar em direto e a dizer mentiras, sem o confrontar com essas mentiras. A informação é tão rápida, o comentário é tão precedente a toda a hora que, humanamente, é quase impossível termos o domínio de todos os factos, de todos os números que estão a ser apresentados ali e desmontarmos aquela alegação que está a ser feita.

É mesmo isto, e isto acontece. Não estou só a falar dos partidos mais radicais e perversos e populistas. Estou a falar de qualquer partido. Hoje em dia qualquer partido pode mentir e não ter um contraditório. Nós há bocado falamos imenso da rede social X, que tem imensa relevância. Existe o Instagram, mas o Youtube hoje em dia ganha uma enorme importância porque as pessoas consomem imenso, e é uma coisa que eu acho que os jornalistas, por viverem numa [...] não é que não tenham um estatuto, mas a verdade é que o jornalista continua a ser um trabalhador intelectual que se posiciona completamente à parte desse mundo, e esse

mundo está a passar-se ao seu lado sem ele ter consciência disso. E então a quantidade de informações falsas que se propagam em canais do Youtube, que uma pessoa nem sabe que existem, mas que tem imensos seguidores, é completamente assustador, e é difícil sequer de dominar e de acompanhar.

Na verdade, e agora em defesa dos jornalistas, se fôssemos tentar fazer o *fact-checking* de tudo o que é dito nesses vídeos que se tornam virais, e eu não gosto de termos populares, e da quantidade de *posts* mentirosos, não faríamos outra coisa. Não fazíamos mais nada, não íamos atrás de nada, não faríamos mais análise nenhuma, não passaríamos além. Nós só reagimos aquilo que está a ser dito. Vemos partidos a surgir como teorias da conspiração, com coisas como ordem mundial, criptomoedas, domina o mundo e, portanto, não faríamos absolutamente mais nada, porque não temos noção, muitas vezes, que aquilo está a ganhar visibilidade.

Quando ganha visibilidade, nós já perdemos um bocado. Não apanhamos aquilo de início, não combatemos de início, já perdemos. E depois começámos a fazer uma coisa que não devíamos fazer, que é dar, a dada altura, uma visibilidade enorme e também tirar, dar uma relevância que não tem.

Dar relevo, dar muito relevo, dar muito palco, dar muito destaque.

Se estivéssemos unidos verdadeiramente, já tínhamos percebido que fazíamos isso. Mas cada órgão de comunicação social está muito fechado no seu próprio mundinho e na sua própria luta por audiências, que é uma luta por sobrevivência.

Porque é verdade, não temos financiamento, mas somos desvalorizados. Pobres.

No fundo, os órgãos são pobres, se formos comparar com outros órgãos internacionais, se bem que se formos aos Estados Unidos, estão a fechar uma dezena de jornais por semana, pelo menos. Portanto, é uma coisa global.

Isso é uma coisa que nós temos de ter consciência, que é uma coisa mundial, à escala mundial. E, outra vez, não inventámos nada. O que acontece lá fora afeta-nos imenso, somos um país extremamente vulnerável a todas essas tendências, porque somos um país pequenos, e que não tem uma força geopolítica gigante que se pode impor face aos outros, e é normal sofrermos essas influências. Infelizmente, não é?

13. Quais são as medidas que os próprios jornalistas tomam para combater de uma forma eficaz a desinformação durante um conflito bélico, como este da guerra da Ucrânia?

**Catarina Vasconcelos:** Eu acho que é muito construir a sua base de fontes seguras, que vão sabendo. Muitas faz fontes, são fontes que falam mais ativamente em determinados jornais, que só nós sabemos que são de referência. Hoje em dia pode não querer dizer nada, mas já ajuda a ter uma ideia de que são confiáveis, e depois no nosso contacto do dia-a-dia percebemos se são confiáveis ou não, porque as coisas ou se verificam, ou não se verificam, e isto é uma coisa que se constrói, é uma coisa que nos momentos mais incipientes temos mais dúvidas, mas que depois vamos ganhando confiança, e isso são as boas notícias.

Não quer dizer que não sejamos apanhados desprevenidos, claro que sim, mas a maior parte das vezes este é o processo, nós temos que falar com muitas pessoas, fazer muitas entrevistas, fazer muitas perguntas, repetir perguntas e ver quais são as diferenças, e ler muito. Ler muitas análises, ler muitos pontos de vista, e eu sou capaz de ler uma análise hoje no Guardian que diz que a Ucrânia vai vencer, e outra no New York Times a dizer que a Rússia vai vencer, e não estou mesmo a brincar, isto acontece. É neste nível de diferença de percepção de como a guerra está a correr no terreno, e é importante ler as duas coisas, e quando escrevemos, claro que o que se escreve tem muito mais densidade. Um artigo que ofereça, não é lados, às vezes sim, mas não é necessariamente isso, é cenários, porque a guerra é imprevisível. A pessoa X e a pessoa Y podem ser os dois ótimos analistas, e os dois estarem certos em alguma medida, discordando noutros ponto, e só um deles vai acertar, ou seja, vai haver um acordo de paz daqui a 12 meses, vai haver um cessar-fogo daqui a 18 meses, são coisas diferentes, mas um deles vai acertar, outro não, e não quer fazer que as suas visões neste momentos não sejam as duas interessantes de ler, e interessantes de perceber e de refletir.

A única coisa que nós conseguimos fazer é traçar cenários, mas assim como nós estamos a traçar cenários ouvindo os analistas, o que políticos estão a fazer é o mesmo, e são esses políticos que decidem depois o futuro da Ucrânia e o futuro da Rússia. É isso que nós temos de ter consciência, essas pessoas que nós ouvimos são as pessoas que circulam os meios que aconselham os governos, portanto, é importante saber o que se diz.

14. Por fim, consegue partilhar algum exemplo em que teve de desmentir informações falsas?

**Catarina Vasconcelos:** Sim, como te disse há bocado, entrevista dos membro dos Bellingcat, e ele ajudou-me nisso, e eu acho que é difícil desmentirmos uma coisa se não vemos com os nossos próprios olhos, mas tendo ajuda de fontes conseguimos, às vezes, e teve a ver com

ataques, com avanços, com depósito de armas ou de combustíveis que foram atingidos, com esse tipo de coisas que acontecem no terreno e que eu não estando no terreno e não podendo ver e, atenção, mesmo quando estamos no terreno, nós não estamos sempre no momento certo, à hora certa, naquele local exato.

Portanto, sim, já fiz isso, mas a maior parte dos trabalhos de verificação, como os órgãos portugueses não têm esses meios, são feitos por, imagens de satélites, há empresas de imagens de satélites que fornecem imagens e material a órgãos como o Washington Post ou o New York Times, que fazem grandes trabalhos de verificação, de verificação de sinais sonoros, de verificação da autoria até determinada bomba e de onde foi atirada, se foi atirada da Ucrânia para a Rússia, fazem grande trabalhos e a verdade é que, a nível nacional, tudo o que podemos fazer praticamente é segui-los. Nós não temos capacidade, seria muito bom, mas o que fazemos mais é falar com essas fontes que desmentiram isso, e esse trabalho também é interessante porque é importante trazer para Portugal, para quem lê, a nossa população e os nossos leitores, esse trabalho que foi feito.

Mas assim em primeiro mão, nunca fiz e é difícil encontrar-se em Portugal, pelo menos relativa à guerra, em relação à política, isso consegues, mas em relação à guerra é mesmo uma realidade, neste momento do jornalismo português, no máximo, reportagens e entrevistas com chefes militares e protagonistas políticos, conselheiros políticos, por exemplo. O que também é importante é, muitas vezes surgem imagens, e isto ainda acontece mais para o caso da guerra entre Israel e o Hamas, aparecem imagens e acusações que se vêm a verificar horas depois que não são verdade e aí há um papel muito importante do jornalista, que é de esperar, de perceber, foi assim que aconteceu, não foi assim, e isso é muito difícil porque nem sempre é o que acontece, nem sempre os jornalistas esperam e avançam a dar logo a notícia.

#### **Apêndice II - Entrevista: Ricardo Alexandre**

1. Como descreveria o papel da desinformação na sociedade atual?

**Ricardo Alexandre:** É um problema sério, porque parece estar cada vez mais organizada, ou há fenómenos de organização dessa desinformação, ou seja, não se trata apenas de ações espontâneas, ou de alguém que desinforma no sentido de estar a produzir algo que carece de confirmação ou de rigor. Não, quando se pensa num fenómeno de desinformação, pensa-se em ações organizadas, deliberadas, orquestradas, profissionais se quisermos, no sentido de

manipular a informação, de adulterar a verdade, transmitir uma determinada mensagem deturpada com determinados fins.

E isso é algo que vai acontecer, embora eu considere que acontece em graus diferentes, consoante o contexto. Não creio ainda que Portugal seja, apesar já haver até literatura produzida sobre isso, lembro-me de um livro de há uns anos, do jornalista Paulo Pena, o Paulo Pena coordenou vários casos de grupos que apostavam na desinformação, e concretamente grupos ligados a uma determinada extrema-direita, mas não acho que Portugal seja um caso grave e sério de desinformação a esse nível organizado. Pode haver coisas pontuais, pode haver coisa que, especialmente em momentos eleitorais, são feitas de determinada forma, mas não acho que haja evidência para nos fazer pensar que é algo que seja grave enquanto fenómeno existente na sociedade portuguesa.

2. Em relação ao jornalismo em si, quais são os maiores desafios que enfrenta quando está a tentar distinguir a informação verdadeira e a desinformação?

**Ricardo Alexandre:** O grande desafio tem a ver com uma coisa que depois se reflete numa série de outros problemas que o jornalismo enfrenta. Seja quando está a tentar confrontar-se com as tentativas de desinformação, seja no resto, é a escassez de meios. As redações não têm meios de verificar as informações mais básicas e, portanto, menos ainda têm condições para enfrentar estratégias de desinformação que possam ser montadas e organizadas.

Aí estamos muito mais vulneráveis, mas acho que tem tudo a ver com a escassez de meios que as redações têm hoje em dia.

3. Quais são as ferramentas que usa para verificar a autenticidade da informação?

**Ricardo Alexandre:** Tentar as vias tradicionais de contactar fontes, de perguntar às pessoas, de cruzar informação. Diversificar o mais possível a consulta de *sites* credíveis para avaliar o rigor da informação que está a chegar. Basicamente isso.

4. Acredita que, para além dos meios de comunicação social tradicionais, as redes sociais/internet, têm uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação?

**Ricardo Alexandre:** Depende do que nós entendemos por redes sociais. As redes sociais não são uma entidade anónima, abstrata. As redes sociais pertencem a alguém.

Isto é, não é na página da TSF, no Facebook, no Twitter ou no Instagram que se vai conseguir alterar o estado das coisas. Agora, se pensarmos no papel que as *big techs*, as grandes empresas tecnológicas que detêm as redes sociais, no papel que podem ter, isso parece-me óbvio, mas dá-me a ideia de que, depois de todos os esforços que têm sido feitos no sentido de encontrar um caminho e alguma coisa que já possa ter sido feita, há duas coisas que podem acontecer. É uma posição mais enérgica por parte dos poderes políticos, por parte dos governos, de não ficarem uns à espera dos outros, até tomarem decisões e de avançarem para medidas concretas que possam punir as tecnológicas por permitirem a desinformação, por não retirarem imediatamente os conteúdos, por não suspenderem contas.

Eu percebo que o dilema é delicado, porque estamos sempre ali na fronteira entre a liberdade de informação e a liberdade de expressão e garantir que a informação é verdade, e que não está a passar desinformação, e que não estamos a ser alvo de *fake news*, como se costuma dizer. E, portanto, às vezes mesmo para os detentores das tecnológicas, das “Metas”, dos “Instragrams”, dessas coisas, às vezes o equilíbrio é difícil. O que é que se valoriza mais?

Um valor como a liberdade de expressão, que é um valor fundamental da nossa vida em sociedade e das sociedades democráticas, ou temos de ponderar e equilibrar no prato da balança quando do outro lado estão tentativas deliberadas de manipular a informação. E, às vezes, a tomada de decisão não só não é fácil, como pode demorar algum tempo, e o tempo que vivemos não se compadece dessa velocidade. Tal como as coisas são disseminadas muito rapidamente, quem se sente alvo de campanhas de difamação, de desinformação, de mentira, também quer que as coisas sejam repostas muito rapidamente.

Mas sabemos que o alcance de uma notícia que é divulgada é sempre muito superior à sua correção, ao seu direito de resposta. Isso sabemos até dos meios tradicionais. E, portanto, não é fácil a decisão, mas acho que, sobretudo, deve haver uma tomada de consciência por parte dos poderes públicos.

A nível da União Europeia, acho que deveria ser mesmo uma coisa concertada, a nível dos 27 porque, por exemplo, sabemos que a França decidiu aplicar multas contra as grandes tecnológicas, por não cumprirem determinadas coisas. Outros países ficaram à espera, como é o caso de Portugal, ficaram à espera de uma posição mais consensualizada no âmbito da União Europeia. Isto devia, para ser uma coisa forte, devia mesmo ser uma coisa em conjunto, e sem

demorarmos muito, sem perdermos muito tempo, até porque essas tecnológicas estão basicamente a destruir os meios de comunicação social, a destruir o jornalismo.

Pela forma como não pagam pelos nossos conteúdos, com que ganham dinheiro, ganham dinheiro a colocar conteúdos que não produzem, os conteúdos que continuamos a ser nós a produzir, e já têm mais de 70% do mercado publicitário, têm cerca de 80% do mercado, não basta deixar o mercado atuar por si só, é necessária a intervenção dos poderes políticos.

Se nada for feito, o negócio, como nós o entendemos, como o jornalismo, como o conhecemos desde sempre, acaba.

5. Relativamente à guerra na Ucrânia, acha que a desinformação pode ter sido meio para atingir um fim? Terá impactado ainda mais as consequências negativas da guerra?

**Ricardo Alexandre:** A verdade é sempre a primeira vítima da guerra. As duas partes usaram contra a informação e desinformação. Os russos são pródigos nisso, fizeram isso desde o primeiro momento, mas a forma como deste lado se decidiu a reagir foi tudo menos inteligente.

A decisão da Comissão Europeia de proibir a difusão de canais russos e de *medias* russas, determinadas *medias* russas no espaço europeu foi um desastre. Não se espera das democracias ocidentais, que a primeira coisa que façam é seguir a mesma linha dos regimes autoritários, que é proibir. Que é proibir, cortar, censurar.

O resultado disso não foi propriamente (...), foi relevante para um público mais geral, mas quem quer mesmo ter acesso a meios russos e a informação que é produzida do lado de Moscovo continua a ter, não é? Seja nos canais do Telegram, seja por coisas menos óbvias seja porque consegue ter acesso a determinada informação privilegiada, quem quer ter continua a ter.

O público em geral deixou de ter [acesso] e deixou de poder confrontar a sua visão mais ocidental, a mais europeia, com a visão que nos chegava do outro lado. Deixou de perceber quem eram as vozes que falavam do outro lado. E isso acho que não foi bom para ninguém.

E agora temos, agora nas últimas horas, a resposta a isso, que é a Federação Russa decidiu exercer o seu direito de reciprocidade, assim chamado, e suspender em território russo o acesso a mais 80 órgãos de comunicação social europeus, incluindo quatro portugueses, tanto quanto seja a RTP, o Público, o Observador e o Expresso. Não está em causa os meios em si, no caso português, está em causa o facto disto ser consequência daquilo que nós europeus, da União

Europeia, em primeiro lugar decidimos fazer, na minha opinião, de uma forma profundamente errada.

6. Durante os dois anos de guerra, já consegue associar diretamente uma determinada fonte de informação a desinformação? Alguém ou alguma instituição que reconheça como a origem de desinformação acerca da guerra? Qual ou quais?

**Ricardo Alexandre:** Não propriamente. Nós poderemos dizer “este ou este meio russo funciona assim e funciona para determinar a informação”, mas nós sabemos que do lado ucraniano, a informação produzida como um todo, ou seja, sei lá, o Kiev Independent e o Times of Kiev, seja o que for, vários meios ucranianos, deixaram de produzir informação distintamente, aquilo que difundem é único, é sempre no mesmo sentido e, portanto, não há grandes diferenças.

Eu acho que não há grandes diferenças. Não vejo uma informação condicionada, provavelmente censuradas, vendo dos lados. Depois nós podemos atribuir maior credibilidade a uma do que a outra.

Acho que um jornalista que está num país terceiro, que não um dos países que estão em guerra, acho que deve ter sempre a preocupação de, ainda que não possa, que não tenha condições de verificar a veracidade da informação, isto nós dizemos com muita facilidade “ah o jornalista tem que confirmar”, o jornalista tem que confirmar quando é possível confirmar. Muitas vezes não é possível, de todo, confirmar. Mas, não podendo confirmar, se arrisca a dar aquela informação, aquela notícia, tem de se defender o mais possível e defender o mais possível é citar a fonte, dizer qual é a fonte, fazer até uma referência, dizer, sei lá, que a informação em tempo de conflito está obviamente condicionada, arranjar estratégias que nos permitam defender melhor a nossa posição, manter-nos mais numa posição de neutralidade e de distanciamento em relação aos factos.

7. Considera que houve um impacto da desinformação na perceção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional?

**Ricardo Alexandre:** Não acho que tenha sido relevante até agora, sinceramente. Acho que os casos que houve, as pequenas histórias que houve, não influíram muito no curso da guerra. O que nós tivemos mais foi, por exemplo, meios russos, ou às vezes até mais o poder político russo, a desmentir coisas que foram denunciadas pela Ucrânia pelos países ocidentais e que depois se veio a verificar que não havia razões para desmentir porque as coisas aconteceram mesmo. E ao contrário também, também já aconteceram coisas ao contrário que, sei lá, a Ucrânia começa

sempre por desmentir quando há vítimas civis de ataques feitos pela Ucrânia na Crimeia ocupada. E depois vem-se verificar que realmente houve vítimas civis, nem sempre é possível controlar os danos, os chamados danos colaterais.

Mas não acho que seja pela desinformação que se tenha, que a desinformação tenha de alguma forma influenciado o curso da guerra. Até agora, pelo menos.

8. Acredita que a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos?

**Ricardo Alexandre:** Eu acho que sim, mas também acho, lá está, e se calhar por isso eu creia que, nesta altura, se pode dizer que não está a ter tanta influência quanto se possa pensar, porque creio que fenómeno começou a ser tão visível e tão estudado, começou a ser prevenido.

E, portanto, os governos desenvolveram estratégias de combate e de prevenção da desinformação e os efeitos foram sendo mitigados, foram sendo minimizados. Não estamos a falar propriamente daquilo que aconteceu, daquilo que houve.

Temos de ambos os lado, como foi a guerra de Kosovo, em 1999, temos em tempos mais recentes as eleições do Brasil, que levaram Bolsonaro à vitória, ou as eleições nos Estados Unidos que levaram o Trump à vitória. Aí sim, tivemos campanhas nos meses anteriores massivas de desinformação, contra a qual os adversários não estavam propriamente preparados. Hoje em dia acho que não, hoje em dia as coisas já são diferentes, as coisa já são muito maturadas.

É verdade que, tal como na pirataria informática clássica, e tal como nos crimes, de uma forma geral, por vezes parece que os bandidos estão sempre um passo à frente de quem procura legalidade, mas não creio que nesta altura isso esteja, sinceramente, a acontecer.

9. Consegue identificar quais foram as consequências da desinformação na população ucraniana?

**Ricardo Alexandre:** Lá está, não creio que tenha sido fundamental. Para mim há duas coisas, há quase que uma distinção que temos de fazer entre a população ucraniana. Se quisermos pensar nas populações do leste da região do Donbass, essas populações sempre foram muito mais vulneráveis aquilo que era o discurso produzido pelos meios de comunicação social russos. Mas desde logo, porque essas populações se sentem mais russófonas, eram os meios que viam, era a verdade em que acreditavam, e isso é um dado, pronto. E admito que, nesse caso, essas populações têm sido mais influenciadas pela desinformação que possa ter havido.

Embora eu acho que nesse caso, o que aconteceu mais, e isto não é propriamente uma originalidade, já aconteceu noutros países, em guerras anteriores, era o facto de a Rússia já estar com tropas no Donbass desde 2014 a apoiar as forças separatistas, e isso nunca aparecer nas emissões emitidas a partir de Moscovo. Isso nunca aparecer nos meios de comunicação social russos, a história é contada de outra forma.

Como do lado ucraniano, aquilo que os militares ucranianos estavam a fazer às populações russófonas no Donbass, também nunca foi contado em Kiev. Para aquelas populações, as tropas do governo ucraniano foram um terror. Arrasaram aldeias e mataram gente, e cometeram atrocidades, e isso também nunca foi mostrado nos meios ucranianos.

E depois, preocupa-me no outro lado, porque aí sim, creio que é diferente, embora, como referi antes, acho que tem muito a ver com o momento de guerra que se está a viver. Que é, sociedades onde já existia alguma liberdade de informação razoável, como era na Ucrânia, com uma diversidade de meios, com meios mais ligados ao regime, ao governo, meios de oposição em determinada altura, e meios mais ligados à oposição, de repente ficou tudo uniforme. De repente, é tudo interesse nacional, porque estamos a ser atacados, e a informação é só esta, e a verdade é só esta, e quem estiver contra as opções de Zelenksy sofre as consequências, porque o meio fecha, ou é acusado de traição, ou seja o que for.

E isso é mais preocupante. Isso para uma opinião pública que estava mais esclarecida, que estava mais habituada ao confronto de ideias, é mais assustador a médio prazo, mas espero também, que com a resolução do conflito, se vier a acontecer, e esperamos que venha a acontecer, as vozes dissonantes possam voltar a ter outro espaço, que atualmente não têm.

10. Conhece algumas medidas, se as houver, que estão a ser tomadas para combater a partilha de informações falsas, bem como educar e proteger a população ucraniana contra a desinformação?

**Ricardo Alexandre:** Não conheço medidas em concreto. Muito francamente, do lado ucraniano, não estou por dentro o suficiente para dar uma resposta balizada nesse caso. Acho, obviamente, como é quase um lugar-comum, mas acho que tudo o que for feito a partir de públicos mais jovens, em termos de literacia mediática, e nós temos alguns casos aparentemente bem sucedidos cá em Portugal, trabalho feito primeiro pelo Sindicato dos Jornalistas, depois pela Associação Portuguesa de Literacia para os Média, em parceria com a Direção Geral de Educação

e na formação de professores do ensino secundário, depois isso reflete-se no ensino e nos estudantes, acho que tudo o que for feito nessa base, acho extremamente positivo.

Tudo o que for feito para denunciar a forma como a desinformação é produzida, e já referi, há obras nesse sentido, seja do Paulo Pena, seja da Patrícia Campos Mello, jornalista brasileira, há vários exemplos de material já produzido sobre isso, acho que também é muito bom. Agora, francamente, não conheço em concreto o caso para poder responder.

11. Considera que os jornalistas de diferentes países e organizações se encontram unidos para combater a desinformação, não só no geral, mas também em específico na guerra da Ucrânia?

**Ricardo Alexandre:** Mais uma vez, não sei. No terreno, não sei como é que as coisas são feitas. Percebo que haja uma determinada linha editorial que é seguida pelos meios ucranianos nesta fase, não sei se no terrenos, entre os meios internacionais, mas nunca ninguém me contou que houvesse alguma estratégia organizada para perceber como é que a desinformação estava a funcionar ali, mas acho que não.

Não creio que isso exista, sinceramente, as coisas no terreno são demasiado voláteis e anda cada um demasiado preocupado com o seu trabalho e com o que tem para fazer, do que estar a pensar numa forma refletida sobre isso.

Tenta estar atento, provavelmente, como hoje, cada vez mais as pessoas se vão organizando em grupo de WhatsApp, provavelmente há comunicação em grupos de WhatsApp, para avisar que determinada notícia que está a ser dada é falsa, é *fake news*. Acho que sim, existe, mas existe num contexto de guerra como existe em qualquer contexto hoje em dia.

12. E no caso português, acha que o tema merece, por parte dos jornalistas, a relevância que deveria merecer ou é subvalorizado?

**Ricardo Alexandre:** Acho que é subvalorizado porque não há condições para ter gente a trabalhar mais dedicada a isso. Quando se fala no *fact-checking*, o *fact-checking* era aquilo que nós devíamos fazer constantemente de forma sistemática, não é?

E, se de alguma forma se começou a falar na criação de unidades de *fact-checking* era, por um lado, porque não estávamos a fazer isso devidamente, também porque o desenvolvimento tecnológico obrigou que as competências das pessoas que façam *fact-checking* seja outras. Ou seja, um jornalista, com a sua função tradicional, com as suas ferramentas tradicionais, com as

suas competências tradicionais. Uma pessoa, por exemplo, da minha geração, eu não tenho conhecimentos informáticos suficientes para entrar nas redes e na *dark web* e perceber o que lá anda, e perceber o que está a ser feito a nível de desinformação e tentar precaver-me contra isso. Não tenho conhecimentos para isso.

Provavelmente preciso, ao meu lado, de alguém que seja um *IT*, um informático, que me ajude a fazer isso. E nem todas as estruturas têm isso. Quais são as redações em Portugal?

Objetivamente. Eu sei que há aquela história daquela parceria do Polígrafo com a SIC, isso é uma coisa específica. O Polígrafo foi um meio criado para isso, com esse objetivo.

Mas se excetuar-mos esse caso, eu não conheço nenhuma redação em Portugal, eu não tenho notícia de nenhuma redação em Portugal que tenha uma unidade de *fact-checking*, isso não existe. E, no entanto, temos os meios americanos, por exemplo, que têm unidades de *fact-checking* com dezenas de pessoas, a diferença é bastante, imensa.

13. Quais são as medidas que os próprios jornalistas tomam para combater de uma forma eficaz a desinformação durante um conflito bélico, como este da guerra da Ucrânia?

**Ricardo Alexandre:** Acho que nós, por exemplo, podemos andar um bocadinho à volta do mesmo. Mas é, para já, tentar usar a sensibilidade e o bom senso.

Tentar estar o mais atento possível para descobrir, para detetar coisas que, naquela notícia, da forma que está a ser difundida, na linguagem que está a ser difundida, ou os códigos que estão a ser difundidos, que há ali qualquer coisa que não faz sentido. E, perante isso, interrogarmos sobre se aquilo não será uma tentativa de dar desinformação. Depois, aquilo que eu disse no início, tentar verificar, por outras formas, o rigor daquela informação.

Tentar ferramentas tecnológicas que já vão existindo para avaliar a autenticidade da informação que é produzida, das fotos que são produzidas. O Google tem ferramentas que nos ajudam a perceber quando é que a foto foi tirada e muito gente não sabe fazer.

E, às vezes, vemos nas rede sociais uma foto que nem é daquele conflito. Era de um conflito anterior e achamos que foi uma coisa naquele local. Portanto, estarmos cada vez mais “apetrechados” para isso obviamente que ajuda a reduzir o impacto possível que a informação possa ter.

14. Por fim, consegue partilhar algum exemplo em que teve de desmentir informações falsas?

**Ricardo Alexandre:** Não estava preparado para essa. Lembro-me agora de uma coisa que não é propriamente (...), é uma informação falsa. Mas era uma informação falsa prestada por um entrevistado, que me estava a dizer uma coisa que era falsa, e eu tinha duas opções, ou pura e simplesmente ignorava e tirava aquilo da peça que eu emiti, ou pela gravidade do que estava a dizer, punha no ar, expondo essa pessoa ao ridículo. E, através da forma como a peça estava construída, ou o texto estava construído, desmenti-la. Foi o líder de umas milícias pró-indonésias em Timor Leste, que basicamente disse, disse-me a mim, que estava na Antena 1 e tinha um colega da RTP, e ele disse-nos que os timorenses estavam a morrer porque se punham à frente das balas.

E disse-me a mim “não, eles não estão a ser mortos. As pessoas às vezes morrem porque se põem à frente das balas”. E pronto, aquilo era tão estúpido que a opção era, se calhar, a mais correta, até teria sido não meter. Mas achei tão ridículo que as pessoas também poderiam conhecer melhor aquela personagem através do ridículo das coisas que ele dizia. E eu acabei por utilizar, dando algum contexto e pelo texto as pessoas percebiam que aquilo que o senhor dizia era basicamente mentira. As pessoas não estavam a morrer porque se estavam a pôr à frente das balas, estavam a ser eliminadas ou massacradas.

Mas é assim, o exemplo que me lembro agora de ter de desmentir publicamente numa campanha, não me lembro assim muito. Já houve outros momentos em que eram tentativas de desinformação, obviamente. Não havia o conceito de *fake news*.

As coisas eram feitas de forma diferente, mas, por exemplo, quando foi a guerra da Nato contra a Jugoslávia, por causa daquilo que a Sérvia do Milosevic estava a fazer no Kosovo. A forma como, a partir do quartel-general da Nato, em Bruxelas, a informação era difundida de uma forma tão avassaladora que não dava quase espaço para pensar, e muita gente repetia aquilo de uma forma absolutamente crítica, e depois íamos a ver e, muitas vezes, aquilo que era veiculado não se confirmava. Havia uma personagem que era um porta-voz da Nato, na altura, que era o Jamie Shea, que acabou por ser “super” criticado porque era perito nisso, em tentar desviar os jornalistas daquilo que a Nato fazia de errado, e tentar condicionar a informação num só sentido.

Eles falavam “atingimos um local onde estavam carros militares do Milosevic, dos sérvios, e por isso é que atacamos aquele local ontem à noite” e vai-se a ver e o local era uma maternidade. Tinha carros militares à porta, é normal, até em tempo de guerra, que haja proteção militar dos hospital.

Nas guerras há sempre dois lado, e temos de perceber que ambos os lados tentam manipular os jornalistas, ou tentam atrair os jornalistas para aquilo que é a sua verdade. E depois temos de estar o mais atentos que for possível, como é que nos posicionamos, E, muitas vezes, chegamos à frustrante conclusão que não é possível saber efetivamente o que é que é verdade.

Muitas vezes temos mais aproximações da verdade do que verdade absoluta. Às vezes chegar à verdade absoluta é difícil, não é? E nas guerras mais complicado se torna, porque cada uma das parte, ou as várias partes que têm interesse em condicionar o jornalista, ou tentar direcionar o jornalista para aquilo que querem veicular.

### **Apêndice III - Entrevista: Pedro Miguel Costa**

1. Como descreveria o papel da desinformação na sociedade atual?

**Pedro Miguel Costa:** Eu acho que em Portugal ainda não verificamos aquilo que acontece noutros país, onde a desinformação é constante, e isso tem um peso mais visível a partir das eleições de 2016 nos Estados Unidos. Não ainda não sofremos muito desse mal, embora já se verifique um pouco, principalmente nas redes sociais, algumas pessoas, alguns agentes que escolhem alguns dados nesta sociedade cada vez mais polarizada, e acabem por não só se focarem só num dos lados da verdade, em vez de andarem com um todo, e acabem por favorecer essa desinformação.

Portugal ainda não está ao nível daquilo que acontece noutros países, mas à medida que a nossa sociedade também já fica tão polarizada como acontece noutros países, principalmente na Europa, já vamos assistindo a essa desinformação, mas eu creio que nas redes sociais ela é muito mais visível do que nos meios tradicionais.

Eu acho que isso não se verifica nos meios tradicionais, embora possa existir aqui ou ali, alguma orientação mais específica na altura de fazer uma peça, isso pode acontecer como sempre aconteceu, mas acho que uma forma de sistematizar ao ponto de confundir o eleitorado, tal como acontece noutros países, nós ainda não vivemos isso.

2. Em relação ao jornalismo em si, quais são os maiores desafios que enfrenta quando está a tentar distinguir a informação verdadeira e a desinformação?

**Pedro Miguel Costa:** Basicamente eu acho que o exercício do jornalista deve ser sempre o mesmo, verificar várias fontes, ir atrás de várias fontes, verificá-las, e perceber depois como cruzar essa informação e pelo menos apostar sempre no rigor. Eu acho que é uma grande vantagem quando se aposta sempre no rigor, porque o trabalho de um jornalista, tal como o de outra pessoa qualquer, mas de um jornalista, como há um impacto na opinião pública, pode ter outro tipo de consequências, nem que seja a nível individual, a nível profissional, de cada um dos jornalistas. Se a opção do rigor for sempre mantida, dá credibilidade a toda a carreira desse mesmo jornalista. Às vezes há falhas, e quando elas acontecem isso pode manchar o percurso profissional, sendo que o jornalista deve sempre cruzar, ainda mais nos dias de hoje, várias informações, tentar ouvir várias pessoas, e depois tendo toda a informação disponível de várias fontes, ao ouvir várias fontes, ao cruzar várias informações, corre menos risco de estar a sujeito a essa desinformação.

3. Quais são as ferramentas que usa para verificar a autenticidade da informação?

**Pedro Miguel Costa:** Isso varia, depende do tipo de informação. Por exemplo, estou a recordar-me de uma reportagem de recente que fiz, que me pediram. Foi basicamente uma reportagem para fazer o percurso da Boeing, desde os acidentes, principalmente os acidentes na Indonésia e na Etiópia, de 2017-2018, 2018-2019. Foram dois anos, onde num espaço de menos de meio ano, dois acidentes seguidos com o Boeing 737, e basicamente eu tive de cruzar muita informação, e recolher as informações da altura, ir ver alguns documentários para tentar fazer uma reportagem que fosse fiel às datas, aos acontecimentos, aquilo que no fundo eu precisava de tratar. Nesse caso, deu-me algum trabalho porque tive de fazer esse cruzamento.

Neste caso é mais fácil porque as informações estão muito dispersas, mas estão disponíveis, noutros casos nem sempre é assim tão fáceis. Mas as informações estão disponíveis, é apenas tentar sistematizá-las depois de as confirmar, mais no que diz respeito às datas, aos acontecimentos, porque é que a Boeing tem passado por aquilo que tem passado nos últimos anos, e obriga-nos realmente a fazer uma recolha muito alargada de informação, para depois tentar confirmá-la e depois de confirmada começar a distribuí-la no texto, e neste caso um texto para a reportagem de televisão.

4. Acredita que, para além dos meios de comunicação social tradicionais, as redes sociais/internet, têm uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação?

**Pedro Miguel Costa:** Sim, eu acho que o Twitter, eu gosto muito do Twitter, e é uma das minhas redes sociais favoritas, e o que tem feito com as notas da comunidade, basicamente desafia os próprios utilizadores a fazer a mediação daquilo que é verdade ou não. Há plataformas que se preocupam mais, não vejo isso nem no Instagram nem no Facebook. O Twitter por acaso tem essa preocupação, mesmo com a política da própria rede social, fazer com que a desinformação seja combatida. O Facebook, depois daquilo que aconteceu com as eleições norte-americanas de 2016, fez também um esforço, embora não seja tão visível para os utilizadores de como esse esforço está a ser feito, mas a verdade é que as redes sociais são por si uma espécie de plataforma ou de local onde a desinformação mais gravita.

Mas eu acho que hoje em dia, é certo que a desinformação ganhou um peso muito importante nos nossos dias, mas acho que é fácil perceber que há pessoas [há um grupo de pessoas], que se identificam sendo de esquerda, sendo de direita, há pessoas que no fundo preferem seguir uma determinada linha, porque é nessa linha que acreditam, ou seja, dando um exemplo aleatório, há pessoas que são de esquerda, profundamente de esquerda, e que seguem as redes sociais de pessoas da mesma linha política, com as quais se identificam, ou seja, elas próprias [e quando digo de esquerda, digo de direita também], as pessoas, elas colocam-se elas próprias no papel de desinformação de uma forma voluntária, acreditando, por assim dizer, que é ali que está a verdade que lhes interessa e não adianta ou não querem sequer perceber que outra informação é que está a ser vinculada, ou seja, num polo oposto, e ficam mais confortáveis e acabam por viver isolados nesse canto que acabam por escolher, porque também para muitas pessoas dá trabalho.

Uma coisa é, eu acredito na BBC, na CNN, ou num limite, acredito na Fox News, acredito e fico ali e consumo aquilo que tenho, mas há pessoas que ficam tão isoladas no canto que escolhem que é muito difícil arrancá-las de lá. Até porque, se eu lhes der outro tipo de informação, tenho de as obrigar a ir à procura de fazer um esforço e tentar encontrar, até porque deixaram de acreditar nos *media mainstream*, e ficam isolados naquele canto. Para ilustrar uma outra versão da história, isso obrigaria as pessoas a fazer um esforço de verificação. Como deixaram de acreditar nos *media* tradicionais, que têm por obrigação fazer essa mediação da verdade, estas pessoas, para não se darem ao trabalho de fazer essa mediação, não acreditam noutra tipo de verdade, e ficam isoladas na sua verdade, é aquela verdade que querem acreditar, e dali não

saem. Há pessoas que optam, de uma forma declarada, pela desinformação que lhes é dada, porque basicamente não querem o contraditório, não querem dar-se ao trabalho de o fazer, não acreditam sequer em qualquer versão que lhes seja apresentada, e ficam mais confortáveis dentro daquilo que lhes é dado pelo setor político, pelas causas, pelas vacinas, tudo aquilo que decidiram acreditar do princípio ao fim.

5. Relativamente à guerra na Ucrânia, acha que a desinformação pode ter sido meio para atingir um fim? Terá impactado ainda mais as consequências negativas da guerra?

**Pedro Miguel Costa:** Sim, sim. Ainda hoje continua, de parte a parte. Aliás, não só a Rússia, mas também a Ucrânia em determinadas alturas fez da desinformação forma de atingir os seus objetivos, até para de alguma forma sensibilizar o mundo ocidental para as dificuldades que está a atravessar e para mobilizar a opinião pública a favor [do seu lado]. As duas partes fazem isso, eu creio, uns mais que outros eventualmente, mas as duas partes fazem isso, eu acho que se tornou uma espécie de saída. Na China, em relação ao Taiwan e por aí fora, ou seja, há exemplos muito claros, e agora também em Israel em relação à guerra com o Hamas.

A desinformação tornou-se uma espécie de arma dos governos e dos seus decisores políticos para atingir os seus fins de determinadas formas. Porque já se percebeu que por vezes dá mais jeito mentir, dá mais jeito espalhar uma mentira para que os cidadãos do seu próprio país ou de outros países acreditem e fiquem mobilizados e sensibilizados para isso. Eu diria que é um caminho que, nos últimos dez anos, se fez.

A desinformação já existe há muito mais tempo, mas eu creio que no passado havia uma espécie de procura de rigor maior, e agora não é que ela não aconteça, mas existe por parte de alguns governos ou de alguns líderes, de alguns governantes, a ideia de que isso é uma saída para fazer passar uma mensagem que é mais ou menos conveniente.

6. Durante os dois anos de guerra, já consegue associar diretamente uma determinada fonte de informação a desinformação? Alguém ou alguma instituição que reconheça como a origem de desinformação acerca da guerra? Qual ou quais?

**Pedro Miguel Costa:** Quer dizer, uma fonte mais específica não. Embora exista várias vezes por parte dos decisores russos e dos seus porta-vozes, a ideia de que, por exemplo, existiu sempre. Eu lembro-me desde a primeira hora, quando a Rússia atingia zonas com muita população na altura do ataque, foi uma tradição por parte da Rússia.

Lembro-me, por exemplo, quando estava na Ucrânia pela segunda vez, no verão de 2022, quando um centro comercial foi atingido por demasiadas vezes, foi por parte da Rússia, que atinge muitos civis, e a partir de uma certa altura isso deixou de ser referenciado. Pelo menos havia sempre uma preocupação de dizer “e se há ali um complexo militar, uma fábrica de equipamento militar?”, sempre houve essa preocupação por parte da Rússia, principal numa fase inicial, se acabaria por atingir muitos habitantes ucranianos, ou muitos civis, havia sempre essa preocupação por parte das autoridades russas em garantir que aquele tinha uma importância militar. Isso acontece.

7. Considera que houve um impacto da desinformação na perceção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional?

**Pedro Miguel Costa:** É um pouco aquilo que já tínhamos falado. A desinformação tornou-se uma forma de os governantes e dos líderes políticos fazerem passar uma mensagem que lhes dá jeito, e de alcançar objetivos muito específicos a partir dessa desinformação, ou pelo menos, trazer a opinião pública dos seus próprios países ou de outros, tentar mobilizá-los para a causa, E, por vezes, quando essa desinformação existe por parte dos órgãos de comunicação social, os chamados *mainstream*, existe uma preocupação em tentar perceber.

Às vezes acontece, nós temos aqui na SIC o Polígrafo, que faz esse esforço de uma forma sistemática todas as semanas. Existe também, ao nível dos conflitos, onde por vezes os órgãos de comunicação social tentam ir à procura. Especialmente quando é um ataque maior, ou número de mortes maior, tentar perceber se realmente foi feito várias vezes. Estou-me a recordar de ter visto isso várias vezes, não me estou a recordar especificamente de alguns casos, de fazer a demonstração de que a versão avançada, neste caso pelo agressor, principalmente que é o que acontece com mais frequência, que não é a versão correta. Isso existe com muita frequência. Há um esforço, por vezes, nem sempre, até porque também tornava-se exaustivo. Existe um esforço, por vezes, por parte dos órgãos de comunicação social, em demonstrar que a versão que está a ser dada não é verdadeira.

8. Acredita que a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos?

**Pedro Miguel Costa:** Sim. Por exemplo, a Ucrânia precisa sistematicamente de ter o apoio da comunidade ocidental para lhes garantir não só verbas para combater a Rússia, mas equipamento militar e por isso há muita informação que é sistematicamente trazida também

por parte da Ucrânia, para mostrar que, e não estou a dizer que é necessariamente desinformação, até porque a Ucrânia tem muito o apoio dos países da NATO e eles sabem em tempo real quais são as necessidades e os avanços no terreno, mas acredito que as duas partes façam esse esforço para manter não só as populações mas também os governos dos outros países ao seu lado.

9. Consegue identificar quais foram as consequências da desinformação na população ucraniana?

**Pedro Miguel Costa:** Não sei, não consigo avaliar isso. Os ucranianos no fundo, os que puderam sair, saíram numa fase inicial, os que puderam voltar, depois voltaram mais tarde, alguns ficaram fora dos seus próprios países por opção própria. Não consigo dizer se isso teve alguma influência na decisão tomada por parte dos ucranianos, de sair, de ficar, de voltar. Não consigo perceber isso, não me recordo se na altura eu tivesse presenciado a influência da desinformação na população ucraniana.

10. Conhece algumas medidas, se as houver, que estão a ser tomadas para combater a partilha de informações falsas, bem como educar e proteger a população ucraniana contra a desinformação?

**Pedro Miguel Costa:** Não, não consigo. Na altura eu creio que, não me recordo de nada que estivesse a ser feito, a não ser as informação diárias do presidente Zelensky, mas elas próprias também podem ter alguma informação que não seja confirmada, por isso é apenas a versão de um dos lados, mas não me recordo de nada que fosse feito para proteger a população ucraniana.

11. Considera que os jornalistas de diferentes países e organizações se encontram unidos para combater a desinformação, não só no geral, mas também em específico na guerra da Ucrânia?

**Pedro Miguel Costa:** Não sei, acho que é demasiado generalista. Até porque, por exemplo, se formos para países que sejam governados mais ao lado do regime russo, se calhar aí não há uma preocupação tão grande, se calhar noutros países há. Tenho a certeza de que a comunicação social na Hungria terá um comportamento muito diferente em relação à comunicação social na Alemanha, por exemplo. Acho que não podemos falar de uma forma abrangente. Também tem muito a ver com a própria postura da população, há preocupação maior de um lado e há preocupação menor do outro. Acho que não podemos generalizar.

12. E no caso português, acha que o tema merece, por parte dos jornalistas, a relevância que deveria merecer ou é subvalorizado?

**Pedro Miguel Costa:** Eu acho que sim. Por exemplo, a SIC tem essa [preocupação], desde que introduziu o Polígrafo, que já vinha também da revista Visão. Eu acho que os órgãos de comunicação social nos últimos anos têm feito um esforço mais ou menos, nem todos fazem da mesma forma, mas existe. Eu acho que o Polígrafo é um belo exemplo disso, muitas vezes quando existem dúvidas nas redes sociais e situações que são partilhadas até à exaustão, de um lado e do outro com versões diferentes, tem havido um esforço de alguns de tentar clarificar esse tipo de situações, pelo menos as mais virais ou mais importantes,

13. Quais são as medidas que os próprios jornalistas tomam para combater de uma forma eficaz a desinformação durante um conflito bélico, como este da guerra da Ucrânia?

**Pedro Miguel Costa:** É muito difícil. Por exemplo, se estiver num lado do conflito, e neste caso acompanhei o lado ucraniano enquanto estive na Ucrânia, dificilmente consigo chegar ao lado russo para tentar certificar as duas posições. Embora eu tenha tido a sorte de ter estado numa prisão em Kiev onde havia soldados russos, que deram a sua versão da história, mas não posso deixar esquecer de que era uma versão contada numa prisão ucraniana com a presença de guardas ucranianos, com um intérprete ucraniano, ou seja, é muito difícil termos essa noção, é sempre um dos lados da história que é mais acompanhado que o outro. Embora nós tenhamos pedido à Rússia para os acompanhar neste conflito também. Aliás, antes de eu ir para a Ucrânia, nós pedimos à Rússia para ir para Moscovo e foi-nos negado por parte da Rússia o visto para lá estar.

14. Por fim, consegue partilhar algum exemplo em que teve de desmentir informações falsas?

**Pedro Miguel Costa:** Assim de repente não me recordo se isso pode ter acontecido, eventualmente em direto. Mas não me recordo de alguma vez que tenha acontecido.

#### **Apêndice IV - Entrevista: Nuno Amaral**

1. Como descreveria o papel da desinformação na sociedade atual?

**Nuno Amaral:** Infelizmente é muita. É muita porque há muitos canais ditos de informação, muitos que veiculam rumores, mentiras, informações incorretas como sendo notícias e não o são, não é? E por isso eu acho que falta no currículo escolar português uma disciplina de literacia

dos *media*, por exemplo, para ensinar adolescentes, e não só, neste caso adultos, mas obviamente na escola seria adolescentes, a perceberem quais são as fontes de uma notícia, qual a credibilidade da notícia, e se é ou não uma notícia acima de tudo.

O que acontece muito, fruto de vários canais, que felizmente temos à disposição, agora a informação tem que ser assinada por um jornalista, por um profissional da área e, portanto, infelizmente acontece, infelizmente o Conselho Deontológico da Ordem dos Jornalistas é relativamente passivo, infelizmente a Entidade Reguladora da Comunicação Social é muito pouco atuante para ajudar a separar o “trigo do joio” e, portanto, eu acho que o papel cabe mais ao cidadão, que é olhar para as ditas notícias e perceber qual é a fonte disto, quem é que sustenta esta notícia. Acho que existe de mais, em suma, desinformação em Portugal.

2. Em relação ao jornalismo em si, quais são os maiores desafios que enfrenta quando está a tentar distinguir a informação verdadeira e a desinformação?

**Nuno Amaral:** Eu acho que aí os jornalistas já não têm tanta desculpa, digamos, como quem não é jornalista. Os jornalistas têm a obrigação de saber olhar para uma informação que vem num site e perceber se é ou não credível, basta cruzar as fontes, basta tentar fazer outra pesquisa para ver se vem em algum meio credível, em algum jornal a que atribuímos alguma credibilidade, alguma seriedade. Portanto, acho que os jornalistas não têm tanta desculpa porque têm a obrigação de ter, de estar blindados a esse tipo de pragas, se não me engano, porque eu acho que é o mesmo termo.

A desinformação tem os instrumentos, basta seguir as regras da profissão, verificar as fontes, cruzar com outros meios para ver se a notícia existe ou se não existe, e depois perceber se vale a pena dar-lhe eco, ou dar-lhe seguimento, ou acrescentar alguma coisa, ou se de facto é um rumor, como é óbvio.

3. Quais são as ferramentas que usa para verificar a autenticidade da informação?

**Nuno Amaral:** Por exemplo, fazer imediatamente uma pesquisa e hoje em dia somos uns felizardos porque temos internet, temos Google e por aí fora, e perceber se a notícia vem de mais algum lado. Consultar agências de informação, imaginemos que há uma notícia internacional, ou jornais internacionais, os mais credíveis de cada país, e ver se lá está ou não a notícia. Se tiver que ver com questões em Portugal, repare muitas vezes eu não estou a fazer que se não aparecer não é notícia, mas vou dar um exemplo levado um bocado ao limite e um pouco ao ridículo. Imaginemos que hoje líamos “António Costa afinal não quer ir para o Conselho

Europeu”, obviamente que o primeiro passo, se não víssemos isso em todos os jornais, era ligar para a assessoria de António Costa e perguntar diretamente, não é?

Eu acho que aí os jornalistas não têm grande desculpa.

4. Acredita que, para além dos meios de comunicação sociais tradicionais, as redes sociais/internet, têm uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação?

**Nuno Amaral:** Ah, deviam ter, mas infelizmente qualquer ser humano que esteja bem ou mal disposto vai para um Facebook, ou para um Instagram, ou para um TikTok, e escreve qualquer coisa parecida com uma notícia e ajuda a disseminar informações erradas. Por outro lado, também as redes sociais ajudam a combatê-lo. Sim, deviam ter meios de controlo, como é óbvio, mas será impossível controlar as redes sociais, não é?

Mas, queria dizer, por outro lado, também é muito fácil denunciar uma [notícias erradas não existem] não notícia em forma transvestida de notícia numa rede social, portanto, digamos que há um papel duplo das redes sociais. Por um lado, facilitam, por outro lado, também facilitam que se dê conta de que aquilo não é verdadeiro.

5. Relativamente à guerra na Ucrânia, acha que a desinformação pode ter sido meio para atingir um fim? Terá impactado ainda mais as consequências negativas da guerra?

**Nuno Amaral:** As consequências negativas eu não vejo que tenham aumentado, ou que tenham sido potenciadas devido à desinformação. Há sim, uma entrega muito grande, e falo da Ucrânia. Infelizmente nunca me foi permitido ir aos territórios ocupados pela Rússia, ou à Rússia, porque nunca tive autorização.

Da parte da Ucrânia, há um esforço muito grande em dar a entender o que está a acontecer, em mostrar, e depois é muito difícil em cima de um acontecimento. Por exemplo, um bombardeamento que acabou de acontecer em Kiev, é muito difícil chegar e triar a que horas foi, de onde veio o míssil, quantos feridos há, quantos mortos há, estou a falar onde estamos, onde não estamos, é ainda muito mais difícil. A Ucrânia está muito bem organizada do ponto de vista comunicacional para acolher jornalistas, há praticamente *tours* de guerra, eu nunca fiz algum, e não estou a dizer que sou melhor ou pior do que alguém, preferi sempre andar com os meus próprios meios e com o *fixer*, que é alguém local, que fala a língua e conhece o território, que conhece a realidade e que é pago para nos acompanhar, para nos conduzir, para nos traduzir, e eu optei sempre por esse caminho.

Deixe-me, a propósito, contar-lhe apenas um exemplo que é praticamente ridículo, mas é revelador. A Antena 1 não uma rádio muito escutada na Ucrânia para o vulgo do cidadão, a Antena 1, enfim, é uma ideia abstrata. A Ucrânia, quando se assinalaram dois anos [da guerra], começou a criar tendas a que se chama “tendas da invencibilidade”, que existem para momentos em que há bombardeamentos e há cortes de luz, de água, e no inverno, imagina essas consequências dramáticas. E há centenas de tendas espalhadas por toda a Ucrânia que têm geradores, têm aquecimentos, têm chás, têm energia elétrica através dos geradores, onde as pessoas vão carregar os telemóveis, onde se refugiam com as crianças para poderem ter um chá quente, um leite, há livros, brinquedos. E eu cheguei-me, nos arredores de Kiev, à beira de uma dessas tendas, e o meu *fixer* [lá está, a pessoa que anda comigo], comunicou à pessoa responsável, que era de uma rádio portuguesa, que se chamava Antena 1, pois em 10 minutos eu tinha o diretor da polícia de Kiev disponível para uma entrevista.

Ali, no local, uma psicóloga da polícia de Kiev, uma assistente social da polícia de Kiev, há um esforço tremendo em comunicar. A Ucrânia quer muito comunicar, porque precisa muito que passe a mensagem, para quem olha de lá veja que estão a ser massacrados por uma invasão, uma operação especial, como lhe chama Putin, e por isso precisa da Europa, precisa de integrar a NATO, precisa de integrar a União Europeia, há um esforço tremendo da Ucrânia.

Do lado russo, lamento que em Portugal, e não estou a pôr a culpa nos jornalistas porque é muito difícil. A Antena 1 conseguiu que o meu camarada Luís Peixoto fosse para os territórios ocupados, esteve em Lugansk e em Donetsk, mas há formas, há canais de televisão russos abertos aqui, e acho que isso nos falha, não damos muita informação russa, e a partir daqui era possível.

Quem está no terreno na Ucrânia não consegue, até porque os canais russos são proibidos na Ucrânia, as notícias, os jornais. Aqui acho que não há grande desculpa, há canais de televisão, há jornais russos, e nós damos muito pouco eco, porque numa guerra há dois lados, podemos tender para um lado ou para o outro, mas um jornalista não pode fazer, e acho que era a nossa obrigação estar mais atento, estar mais atentos ao que chega da Rússia.

6. Durante os dois anos de guerra, já consegue associar diretamente uma determinada fonte de informação a desinformação? Alguém ou alguma instituição que reconheça como a origem de desinformação acerca da guerra? Qual ou quais?

**Nuno Amaral:** Além dos beligerantes, que cada um tem a sua versão e a sua verdade, não é? Cada um diz que está a ganhar, que está a chegar, que está a vencer. Eu acho que há várias associações que, eventualmente bem intencionadas, puxam um bocadinho as cores ao que está a acontecer na Ucrânia.

É um país que está em guerra, que padece de um sofrimento terrível, não só o evidente, o número de mortos, de feridos, de bombardeamentos, pessoas que perdem a casa, e perder a casa é literalmente, a casa desaparece, porque foi bombardeada. Mas há famílias separadas, há divórcios a aumentar, há desemprego, há muitas feridas de guerra além das feridas físicas. Portanto, é normal que associações de defesa dos cidadãos ou associações de ucranianos no estrangeiro puxem um bocadinho as cores, consigam agudizar eventualmente uma forma um bocadinho mais deturpada do que está a acontecer na Ucrânia.

E sim, acho que nada como em tudo no jornalismo, cruzar fontes, tentar confirmar, tentar corroborar.

7. Considera que houve um impacto da desinformação na perceção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional?

**Nuno Amaral:** Ora bem, volto ao início. Tirando os dois beligerantes que cada um tem a sua versão, o governo ucraniano, ou o presidente ucraniano, ou o porta-voz, ou o presidente russo, ou o porta-voz da Federação Russa, numa guerra é sempre muito difícil saber o que de facto ali acontecer, ainda por cima, mesmo se lá estivermos, mas se não estivermos é muito mais difícil. A guerra tem muitas feridas, tem muitas mágoas, tem muito desespero e, portanto, eu acho que há muita desinformação que eventualmente não é mal intencionada.

Estou a falar dos cidadãos comuns, não da classe política. Essa é elaborada, preparada, estudada, desinformação muito calculada. Agora da parte dos cidadãos é normal que depois de dois anos de sofrimento, de perdas generalizadas, haja a tendência para o exagero, para aqui e ali pôr um bocadinho mais de sal e pimenta num informação do que aquela que realmente deveria ter.

8. Acredita que a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos?

**Nuno Amaral:** Indiscutivelmente. Quer numa guerra, quer nos vários setores da vida, da sociedade, da política internacional, mesmo da política nacional, há uma tendência muito

grande para, através de *fake news*, se recorrermos ao *cliché*, tentar obter este ou aquele objetivo do ponto de vista político. Mais uma vez, cabe ao jornalista, porque deve ter instrumentos que permitam aferir a veracidade ao nome de uma notícia, desmontar o que não é notícia, e dar eco ao que é notícia.

9. Consegue identificar quais foram as consequências da desinformação na população ucraniana?

**Nuno Amaral:** É muito difícil porque eu cheguei pela primeira vez à Ucrânia três dias depois do início da guerra e não se sabia de nada, grande coisa, não se percebia qual era a dimensão da invasão, não se sabia que territórios estavam ou não a ser ocupados e, portanto, era muito difícil ter informação fidedigna. Uma das consequências foi o êxodo de ucranianos. Eu lembro-me de chegar à fronteira, entrar na Ucrânia e ver filas de quilómetros de pessoas a pé, de um lado mulheres e crianças, uma vez que os homens não podem, homens com, digamos, sanidade física e psicológica entre os 18 e os 60 anos não podem sair da Ucrânia, e do outro lado uma fila também de quilómetros de homens, muitos deles com aparentes lesões, ou se quisermos, deficiências físicas, a dirigirem-se para a fronteira, tudo a querer sair do país. A fila à entrada da Ucrânia, esta de carros, tinha mais de 70 quilómetros, mas aí era porque não havia informação.

Não havia a verdadeira dimensão do que estava a acontecer, mas sim muitos rumores. Há uma coluna militar de 65 quilómetros do exército russo a caminho de Kiev. Nunca se percebeu para onde foi essa coluna militar, sequer se existiu, sequer se entrou na Ucrânia. O que é facto é que entraram, que estiveram à porta de Kiev e destruíram cidades, à porta de Kiev ocuparam algumas durante meses, mas em relação a estas cidades, por exemplo, e falo de Butcha, de Irpin ou de Borodyanka, durante um mês não se sabia nada do que acontecia nessas cidades, porque estavam ocupadas pelo exército russo.

E aí sim, havia as mais descabeladas teorias e informações sobre o que aí acontecia e que cabia aos jornalistas não disseminarem estas informações porque, digamos, sem querer ser injusto para quem está a sofrer, não passariam de conversa de café. Depois, quando o exército russo saiu, sim, deu para verificar. Ninguém se esquece das imagens de Butcha, de dezenas de corpos espalhados pelo chão, de uma vala comum com mais de 300 cadáveres, aí sim, aí consegue-se perceber o que aconteceu. No meio disso, confesso que também era difícil não haver desinformação nos primeiros dias de guerra.

10. Conhece algumas medidas, se as houver, que estão a ser tomadas para combater a partilha de informações falsas, bem como educar e proteger a população ucraniana contra a desinformação?

**Nuno Amaral:** Não, confesso que não.

11. Considera que os jornalistas de diferentes países e organizações se encontram unidos para combater a desinformação, não só no geral, mas também em específico na guerra da Ucrânia?

**Nuno Amaral:** Eu julgo que sim, eu julgo que o tema começa a ser muito debatido, que comece a ser muito discutido, estudado, acima de tudo, por quem o deve estudar, académicos, investigadores, alunos. Eu julgo que os jornalistas têm noção de, aqui serei muito suspeito, mas que além de desempenharem a profissão mais bonita do mundo, têm a obrigação de a preservar, de a manter unida, de a manter útil, de saber que o jornalismo ajuda a libertar cidadãos da ignorância, da desinformação e que o jornalista serve para dar informações para que as pessoas possam livremente decidir o papel, livremente decidir as opções que querem tomar em sociedade.

Portanto, sim, acho que internacionalmente, na guerra na Ucrânia, ou no que está a acontecer no Médio Oriente, por exemplo, na Faixa de Gaza, eu acho que há uma preocupação grande e acho que há um grande zelo de grande parte dos jornalistas dignos desse nome, que serão quase todos, haverá exceções, em manter a profissão impunida.

12. E no caso português, acha que o tema merece, por parte dos jornalistas, a relevância que deveria merecer ou é subvalorizado?

**Nuno Amaral:** Eu acho que merece, acho que os jornalistas estão muito atentos e são muito sensíveis a isso. Acho também é que as organizações representantes do setor, os sindicatos jornalistas, o conselho deontológico e depois já do ponto de vista da atuação externa, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, podiam fazer muito mais, muito mais.

13. Quais são as medidas que os próprios jornalistas tomam para combater de uma forma eficaz a desinformação durante um conflito bélico, como este da guerra da Ucrânia?

**Nuno Amaral:** Perdoe-me a expressão um pouco grosseira, mas não ir logo atrás da banhada, tentar perceber. A Ucrânia tem, eu diria, centenas de *apps* de informação. Algumas citam, e acho que é isso que se deve fazer, porque só a partir daí é que nos podemos defender.

Algumas citam ou o Ministério da Defesa ucraniano, ou a Força Aérea ucraniana, que são as duas instituições que dão informações concretas sobre bombardeamentos, onde foram, número de vítimas, mas depois há centenas de *apps* de informação, onde estamos permanentemente a receber informações, *posts*, se quisermos, em *apps*, e se no início era descontrolado, hoje em dia há algumas dezenas de *apps*, em que chega uma informação e, por exemplo, alguém da Reuters que está lá diz sim, é sim ou não, não é nada disso. Felizmente isso já acontece. Na mesma *app* que passa uma informação incorreta, os jornalistas podem escrever e podem dizer “eu estou no local e não foi nada disso”.

14. Por fim, consegue partilhar algum exemplo em que teve de desmentir informações falsas?

**Nuno Amaral:** Não, não.

## **Anexos**

### **Anexo I – Guião das entrevistas**

De modo a entender a visão dos jornalista da secção de internacional de diversos meios de comunicação social, irá ser realizada uma entrevista a quatro jornalistas, com o objetivo de compreender melhor a desinformação me geral, mas também se pretender entender como a desinformação impactou o público, em específico relativamente à guerra na Ucrânia.

#### **Questões:**

1. Como descreveria o papel da desinformação na sociedade atual?
2. Em relação ao jornalismo em si, quais são os maiores desafios que enfrenta quando está a tentar distinguir a informação verdadeira e a desinformação?
3. Quais são as ferramentas que usa para verificar a autenticidade da informação?
4. Acredita que, para além dos meios de comunicação social tradicionais, as redes sociais/internet, têm uma responsabilidade acrescida para combater a desinformação?
5. Relativamente à guerra na Ucrânia, acha que a desinformação pode ter sido meio para atingir um fim? Terá impactado ainda mais as consequências negativas da guerra?
6. Durante os dois anos de guerra, já consegue associar diretamente uma determinada fonte de informação a desinformação? Alguém ou alguma instituição que reconheça como a origem de desinformação acerca da guerra? Qual ou quais?
7. Considera que houve um impacto da desinformação na perceção pública do conflito, tanto na Ucrânia, como a nível internacional?
8. Acredita que a desinformação se tornou uma forma de influenciar as políticas e decisões dos governos envolvidos?
9. Consegue identificar quais foram as consequências da desinformação na população ucraniana?

10. Conhece algumas medidas, se as houver, que estão a ser tomadas para combater a partilha de informações falsas, bem como educar e proteger a população ucraniana contra a desinformação?
11. Considera que os jornalistas de diferentes países e organizações se encontram unidos para combater a desinformação, não só no geral, mas também em específico na guerra da Ucrânia?
12. E no caso português, acha que o tema merece, por parte dos jornalistas, a relevância que deveria merecer ou é subvalorizado?
13. Quais são as medidas que os próprios jornalistas tomam para combater de uma forma eficaz a desinformação durante um conflito bélico, como este da guerra da Ucrânia?
14. Por fim, consegue partilhar algum exemplo em que teve de desmentir informações falsas?

**<sup>40</sup>Anexo II – Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso.**



Figura 20 - Printscren Jornal Expresso "Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso. Mas o podcaster Joe Rogan partilhou a 'notícia' como se fosse verdade"

40 - Fonte: <https://expresso.pt/blitz/2022-03-01-steven-seagal-no-exercito-russo-a-combater-na-ucrania-falso-mas-o-podcaster-joe-rogan-partilhou-a-noticia-como-se-fosse-verdade>



Figura 21 - Printscreen Jornal Expresso "Steven Seagal no exército russo a combater na Ucrânia? Falso. Mas o podcaster Joe Rogan partilhou a 'notícia' como se fosse verdade"

41



### Anexo III – Facebook remove vídeo *deepfake* de Zelensky que pedia às tropas ucranianas que se rendessem

Figura 23 - Printscreen da revista Exame Informática "Facebook remove vídeo deepfake de Zelensky que pedia às



42

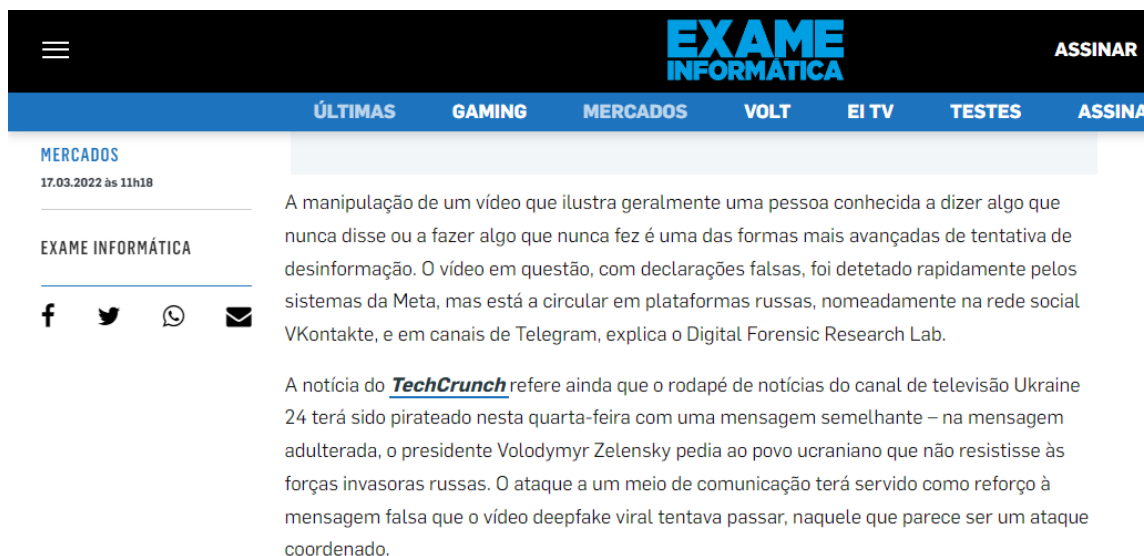


Figura 24 - Printscreen da revista Exame Informática "Facebook remove vídeo deepfake de Zelensky que pedia às tropas ucranianas que se rendessem"

42 - Fonte: <https://visao.pt/exameinformatica/noticias-ej/mercados/2022-03-17-facebook-remove-video-deepfake-de-zelensky-que-pedia-as-tropas-ucranianas-que-se-rendessem/>